

# ARQUITETURAS DO NORDESTE

---

A PRODUÇÃO REGIONAL A PARTIR DAS REVISTAS  
ESPECIALIZADAS PROJETO E AU DAS DÉCADAS DE 1980 E 1990



LARANJEIRAS-SE/ 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

TACIANA SOUZA BEZERRA

# ARQUITETURAS DO NORDESTE

---

**A PRODUÇÃO REGIONAL A PARTIR DAS REVISTAS  
ESPECIALIZADAS PROJETO E AU DAS DÉCADAS DE 1980 E 1990**

LARANJEIRAS-SE

FEV/ 2018





TACIANA SOUZA BEZERRA

# **ARQUITETURAS DO NORDESTE**

---

**A PRODUÇÃO REGIONAL A PARTIR DAS REVISTAS  
ESPECIALIZADAS PROJETO E AU DAS DÉCADAS DE 1980 E 1990**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe como requisito para obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Carolina Marques Chaves Galvão.

LARANJEIRAS-SE

FEV/ 2018



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Adriana e Tarcísio, pelo afeto, puxões de orelha e apoio incondicional;

Ao meu irmão, Tarcisinho, pelas alegrias e aprendizados do dia a dia;

À minha irmã, Ju, pelos cuidados, conversas, conselhos e presença, direta ou indiretamente, em todos os momentos;

A Bruno, pelo companheirismo e carinho;

Aos irmãos que escolhi, Ana Paula, Talita, Ana Lúcia e Glackson, pela disponibilidade e todo auxílio, mas, especialmente, pela amizade;

Aos meus avós, Júlia e Paulo (in memoriam), por serem os anjos que guiaram esse percurso;

Aos mestres que me inspiraram a olhar para a história e teoria com tanta admiração, Eder Donizeti, Aline Sanches e Betânia Brendle;

À minha orientadora, Carolina Chaves, pela confiança, aprendizado e todas as oportunidades que enriqueceram minha formação;

Aos parceiros de pesquisa que também se aventuraram nas revistas, Orleci, Jéssica, Felipe, Breno, Paulo, Isla, pelas discussões e crescimento conjunto;

À banca examinadora, Cecília Tavares e Lia Tavares, pelas ricas contribuições;

Por fim, a todos os profissionais, familiares e amigos que torceram por essa realização e fizeram parte desse processo.



## RESUMO

A crise do Movimento Moderno e início da produção contemporânea no Brasil coincide com o particular contexto político, econômico e cultural da Ditadura Militar (1964). Em virtude das imposições e censuras do regime, tem início um processo de isolamento da atuação dos arquitetos, que ocorre concomitantemente às experimentações e diversificação de tendências que marcam o campo arquitetônico nesses anos dentro e fora do país. Portanto, visto a necessidade de tomar conhecimento destas produções e favorecidos pela gradual abertura política e cultural, em fins da década de 1970, iniciam-se os esforços em retomar as discussões de arquitetura, especialmente através dos periódicos especializados.

Dentro deste panorama, este trabalho pretende lançar um olhar às arquiteturas realizadas nessas últimas décadas do século XX no Nordeste, a partir do repertório das revistas Projeto e AU (1980 e 1990) e, desta forma, especular como esta fase se desenvolveu na região e o quanto ela está alinhada com outros episódios nacionais presentes nas narrativas dominantes. Para tal, a consulta à historiografia faz-se fundamental nesta revisão, embora esbarre com a problemática de uma abordagem bastante restrita. Assim, foram consultados seis livros referências no estudo da arquitetura do século XX, a fim de introduzir não só o desenvolvimento e consolidação do Movimento Moderno no âmbito nacional, mas também da região Nordeste, os quais, somados à contribuição dos periódicos especializados (dados levantados), permitiram a construção das interpretações aqui expostas. Desta forma, busca-se contribuir com o tema da arquitetura contemporânea, ainda incipiente na historiografia, em especial a do Nordeste.

Vale ressaltar que não há qualquer intenção de esgotamento da temática, apenas o interesse em participar de um debate bastante pertinente à atualidade e que, como tantos outros, dá margens a novos questionamentos e linhas de investigação.

Palavras-chave: Arquitetura Contemporânea. Nordeste. Revistas Especializadas. Projeto. AU.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

DIAGRAMA 1: ETAPAS PRINCIPAIS DE DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO. _____	19
DIAGRAMA 2: MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS DE ARQUITETOS DENTRO DO TERRITÓRIO DESTACADOS POR SEGAWA (2014 [1998]) EM SEU CAPÍTULO ARQUITETOS PEREGRINOS, NÔMADES E MIGRANTES. _____	41
DIAGRAMA 3: APRESENTAÇÃO DA FICHA ELABORADA PARA OS PROJETOS DO NORDESTE. ____	61
FIGURA 1: PÁGINA DA WEB DO GRUPO DE PESQUISA LPPM, DA UFPB. _____	17
FIGURA 2: LOGOTIPO DO LAPEM. _____	18
FIGURA 3: CASA DO ARQUITETO (1927-28/SP), POR GREGORY WARCHAVCHIK. _____	26
FIGURA 4: CONVITE DO 1º SALÃO DE ARQUITETURA TROPICAL (1933/ RJ). _____	28
FIGURA 5: CAIXA D'ÁGUA (1936/PE) (À ESQUERDA) E PAVILHÃO DE ANATOMIA PATOLÓGICA (1936/PE) (À DIREITA), POR LUÍS NUNES. _____	29
FIGURA 6: SEDE SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (1936-38/RJ), POR IRMÃOS ROBERTO. _____	30
FIGURA 7: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE (1936-43/RJ), POR LÚCIO COSTA, CARLOS LEÃO, AFFONSO REIDY, JORGE MOREIRA, ERNANI VASCONCELLOS E OSCAR NIEMEYER. _____	31
FIGURA 8: PAVILHÃO DO BRASIL NA FEIRA MUNDIAL DE NOVA YORK (1939), POR LÚCIO COSTA E OSCAR NIEMEYER. _____	32
FIGURA 9: TEATRO CASTRO ALVES (1957-58/ BA), POR JOSÉ BINA FONYAT. _____	37
FIGURA 10: MUSEU DE ARTE MODERNA - MAM (1954-67/ RJ), POR AFFONSO REIDY. _____	38
FIGURA 11: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO - MASP (1957-68/ SP), POR LINA BO BARDI. ____	39
FIGURA 12: HABITAÇÃO SOCIAL EM CAJUEIRO SECO (INÍCIO DA DÉC. 1960/ PE), POR ACÁCIO GIL BORSÓI. _____	42
FIGURA 13: SECRETARIA DO CENTRO ADMINISTRATIVO DA BAHIA, POR JOÃO FILGUEIRAS LIMA (LELÉ). _____	43
FIGURA 14: SEDE DA COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO – CHESF (1978/ BA), POR FRANCISCO ASSIS REIS. _____	44

FIGURA 15: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPAS DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DAS REVISTAS ARCHITECTURA NO BRASIL (1921), KOSMOS (1904) E FON-FON (1907).	50
FIGURA 16:(DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPAS DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DAS REVISTAS ACRÓPOLE (1938), HABITAT (1950) E MÓDULO (1955).	52
FIGURA 17: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPAS DAS EDIÇÕES 11 (1978), 12 (1979) E 13 (1979) DA REVISTA PROJETO.	54
FIGURA 18: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPA DA EDIÇÃO 42 (1982), SUPLEMENTO ESPECIAL DA EDIÇÃO 53 (1953) E CAPA DA EDIÇÃO 104 (1987) DA REVISTA PROJETO.	55
FIGURA 19: SUPLEMENTOS ESPECIAIS ARQUITETURAS NO BRASIL/ ANOS 80 NAS EDIÇÕES 114 A 117 (1988), RESPECTIVAMENTE, DA REVISTA PROJETO.	56
FIGURA 20: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPAS DAS EDIÇÕES 01, 02 E 03 (1985) DA REVISTA AU.	57
FIGURA 21: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) SUMÁRIOS DAS EDIÇÕES 4 (1986) E 60 (1995) DA REVISTA AU.	58
FIGURA 22: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) SEÇÕES FORA DE PRUMO (N. 36, 1991), DOCUMENTO (N. 56, 1994) E CASAS DO BRASIL (N. 56, 1994) DA REVISTA AU.	58
FIGURA 23: (ACIMA) CENTRO ADMINISTRATIVO (1976/ PI); (ABAIXO) ASSEMBLEIA LEGISLATIVA (1984/ PI); (À DIREITA): AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL DE CASCAVEL (CE).	73
FIGURA 24: (À ESQUERDA) CASA DA INDÚSTRIA (1974/ AL); (AO CENTRO E ACIMA) ESTAÇÃO CAVALEIRO DO METRÔ (1983/ PE); (AO CENTRO E ABAIXO) AUDITÓRIO DO COMPLEXO MINA-USINA (1985/ SE); (À DIREITA) CASA DA INDÚSTRIA (1985/ CE).	73
FIGURA 25: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) ONDINA APART HOTEL RESIDÊNCIA (1983/ BA); CASA DA INDÚSTRIA (1978/ PE); HOTEL (1986, MA).	74
FIGURA 26: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) EDIFÍCIO RESIDENCIAL FRANCISCO SÁ (1985/ BA); EDIFÍCIO RESIDENCIAL PORTAL DA ENSEADA (1984/ CE); EDIFÍCIO RESIDENCIAL CASA ALTA (1985/ PE).	74
FIGURA 27: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): CASA DO COMÉRCIO (1981/ BA); HOTEL PONTA D'AREIA (MA); AGÊNCIA ALDEOTA DO BANCO DO BRASIL (CE).	75
FIGURA 28: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) TERMINAL RODOVIÁRIO (1980/ AL); EDIFÍCIO-SEDE SEBRAE (1993/ MA); CLUBE DOS FUNCIONÁRIOS DA PETROBRÁS (1984/ CE); CONCESSIONÁRIA PEUGEOT (1994/ PB).	76



FIGURA 29: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): HOSPITAL DO APARELHO LOCOMOTOR (1990/ MA); HOSPITAL DO APARELHO LOCOMOTOR (1987/ BA); SEDE TRANSITÓRIA DA PREFEITURA MUNICIPAL (1986/ BA).	76
FIGURA 30: (À ESQUERDA) RESIDÊNCIA NA ILHA DE ITAMARACÁ (1979/ PE); (À DIREITA) HOTEL MAMELUCOS (1985/ BA).	77
FIGURA 31: (DA DIREITA PARA A ESQUERDA): HOTEL ORANGE (1985/ PE); HOTEL AMOARAS (1986/ PE); HOTEL JARDIM ATLÂNTICO (1987/ BA).	77
FIGURA 32: (ACIMA) SAEL MOTO REVENDEDORA (1982/ PE); (ABAIXO) CLUBE DO TRABALHADOR E ESCOLA DE MÚSICA DO SESI (1978/ CE).	78
FIGURA 33: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) RESIDENCIAL VILLA DO IGUATEMI (1990/ BA); CONJUNTO DE EDIFÍCIOS EM CIDADELA (BA).	79
FIGURA 34: CASA EM MACIEL (1996/ PB).	80
FIGURA 35: YBACANGA HOTEL (MA).	80
FIGURA 36: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) EDIFÍCIO RESIDENCIAL PASQUAL I (1986/ AL); HOTEL PRAIA DAS ALAGOAS (1986/ AL); MACEIÓ MAR HOTEL (1985/ AL).	80
FIGURA 37: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) BANCO DO NORDESTE DO BRASIL (PE); BANCO NACIONAL DA BAHIA (BA); BANCO DO ESTADO DA BAHIA (BA).	81
FIGURA 38: (À DIREITA) SEDE REGIONAL BANESPA (1986/ PE); (À ESQUERDA) CENTRO ADMINISTRATIVO DO BANCO DO NORDESTE (1981/ CE)	81
FIGURA 39: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) RESIDÊNCIA (AL), POR OLGA E RUBEN WANDERLEY FILHO E HUMBERTO LOPES; RESIDÊNCIA (1988/ AL), POR R. MONTEZUMA, CÁTIA AVELAR E GLÍCIA FERNANDES; RESIDÊNCIA (1984/ PB), POR C. MAYRINCK, V. PIRES E C. CALABRIA.	82
FIGURA 40:(DA ESQUERDA PARA A DIREITA) RESIDÊNCIA (1985/ BA), POR CARAMELO ARQUITETOS ASSOCIADOS; RESIDÊNCIA (1983/ BA), POR NEILTON DÓREA; RESIDÊNCIA (1996/ PE), POR R. MONTEZUMA, C. AVELAR E G. FERNANDES	82
FIGURA 41: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) RESIDÊNCIA (BA), POR LINA BO BARDI; RESIDÊNCIA (1992/ PI), POR ADRIANO MELLO; RESIDÊNCIA (1981/ PI), POR GERSON CASTELO BRANCO.	83
GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO DOS PROJETOS CATALOGADOS EM GOODWIN (1943) E MINDLIN (1956) POR ORIGEM.	34
GRÁFICO 2: DISPONIBILIDADE DAS REVISTAS AU E PROJETO EM ACERVO	60

GRÁFICO 3: DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DOS PROJETOS DE ARQUITETURA NACIONAIS LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990). \_\_\_\_\_ 68

GRÁFICO 4: DISTRIBUIÇÃO ESTADUAL DOS PROJETOS DE ARQUITETURA DO SUDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990). 68

GRÁFICO 5: DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DOS PROJETOS DE ARQUITETURA NACIONAIS LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990) EXCLUINDO-SE SÃO PAULO. \_\_\_\_\_ 69

GRÁFICO 6: DISTRIBUIÇÃO ESTADUAL DOS PROJETOS DE ARQUITETURA DO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990). 70

GRÁFICO 7: DISTRIBUIÇÃO DOS PROJETOS DE ARQUITETURA DE ARQUITETURA DO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990) POR PROGRAMA. \_\_\_\_\_ 71

QUADRO 1: DISPONIBILIDADE DE REVISTAS PROJETO EM ACERVO (DÉCADAS DE 1980 E 1990). \_\_\_\_\_ 60

QUADRO 2: DISPONIBILIDADE DE REVISTAS AU EM ACERVO (DÉCADAS DE 1980 E 1990).\_\_\_\_ 60

## SUMÁRIO

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	<b>13</b>
<b>A PESQUISA EM REVISTAS ESPECIALIZADAS</b>	<b>16</b>
<b>A ESTRUTURA DO TRABALHO</b>	<b>19</b>
<b><u>CAPÍTULO 1. O NORDESTE E A HISTORIOGRAFIA</u></b>	<b>21</b>
<b>GOODWIN, MINDLIN E BRUAND: A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX</b>	<b>26</b>
<b>FICHER &amp; ACAYABA, SEGAWA E BASTOS &amp; ZEIN: A RETOMADA DA CRÍTICA</b>	<b>37</b>
<b><u>CAPÍTULO 2. O OBJETO E A INVESTIGAÇÃO</u></b>	<b>47</b>
<b>AS REVISTAS ESPECIALIZADAS DE ARQUITETURA NO BRASIL</b>	<b>49</b>
<b>AS REVISTAS PROJETO E AU</b>	<b>53</b>
<b>ACERVO, LEVANTAMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS</b>	<b>59</b>
<b><u>CAPÍTULO 3. O NORDESTE E AS REVISTAS</u></b>	<b>65</b>
<b>PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES</b>	<b>67</b>
<b>UMA NOVA NARRATIVA?</b>	<b>72</b>
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b>	<b>84</b>
<b><u>REFERÊNCIAS</u></b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS</b>	<b>93</b>
<b><u>APÊNDICES</u></b>	<b>97</b>



# INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XX corresponde a um período de intensas transformações da arquitetura a nível mundial. As críticas e discussões iniciadas nos anos 50 denunciaram, na década seguinte, os novos rumos tomados pela produção arquitetônica, que adquiriu diversas novas correntes e concepções distantes das tradições modernistas, e evidenciaram os primeiros sinais da chamada crise do Movimento Moderno (MONTANER, 2014, p. 110).

No Brasil, esse debate se intensificou por volta da década de 70, concomitantemente à consolidação da arquitetura moderna no país. Em contraposição, os contextos político, econômico e cultural da época trataram de conter as discussões e redirecionaram a energia dos arquitetos à pressa em projetar muito e de forma monumental, a fim de atender às grandes demandas da construção civil, comuns aos governos de exceção. Vale ressaltar que os riscos às liberdades individuais, em xeque com a censura do regime militar, retardaram ainda mais esses diálogos (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010]<sup>1</sup>, p. 197).

É provável que nunca se tenha planejado e projetado tanto no país em tão pouco tempo; nunca se construiu tanto, também. Mas o signo da quantidade não autoriza uma equivalência de qualidade. O excesso de trabalho embarçava a autocrítica. Os arquitetos encastelavam-se num isolamento de olímpia auto-suficiência [sic] ante as discussões em curso no mundo (SEGAWA, 2014 [1998], p. 191).

Nos primeiros anos da ditadura militar (1964-1985), foram instituídos o Banco Nacional da Habitação (BNH), em 1964, e o Serviço Federal de Habitação (SERFAU), em 1966. O primeiro ativou imediatamente a economia – investiu no mercado da construção, criou empregos e promoveu socialmente camadas mais desfavorecidas –, o segundo elaborou os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs), os quais garantiram vultosos projetos de

---

<sup>1</sup> Aqueles livros que compõem a literatura selecionada para revisão deste trabalho – Goodwin (1943), Mindlin (1956), Bruand (1981), Ficher e Acayaba (1982), Segawa (1998) e Bastos e Zein (2010) – serão sempre citados com o ano de sua primeira edição entre colchetes ao lado do ano da edição consultada, para que o leitor identifique o momento em que essas publicações se inserem. Este recurso tem referência em FREIRE (2015).

infraestrutura e, por conseguinte, mais desenvolvimento econômico. (SALVATORI, 2008, p. 55).

Em meados dos anos de 1970, no entanto, a ruptura do Pacto de Bretton Woods<sup>2</sup> e as sucessivas crises do petróleo reduziram o ritmo de crescimento nos países ocidentais. No Brasil, os investimentos nos PNDs não foram plenamente efetuados e a fonte de trabalho dos arquitetos encolhia progressivamente (SALVATORI, 2008, p.55-56). Neste momento, a crise da modernidade gradualmente ganhou visibilidade e, segundo Bastos (2015 [2010], p. 199), iniciaram-se os esforços para retomada das discussões sobre arquitetura estacionadas em Brasília (1960) com base em uma nova crítica.

O primeiro passo para o surgimento da nova crítica foi o lançamento de revistas especializadas com circulação regular, fator que aqueceu o debate e a reflexão sobre arquitetura no Brasil: em 1975, foi relançada a *Módulo*, depois de um período de dez anos fora de circulação; em 1977, o encarte do *Jornal Arquiteto* transformou-se na revista *Projeto* e, em 1979, foi lançada a revista *Pampulha* por um grupo de mineiros [...] Alguns anos mais tarde, em 1985, foi lançada, pela Pini- que já editava a revista *A Construção*-, a revista *AU*, especializada em arquitetura, tornando-se na época, mais um veículo de divulgação de projetos e ideias sobre a arquitetura brasileira (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 200, grifo do autor).

Os periódicos especializados, então, passaram a divulgar projetos realizados em todo o país e revelaram tanto a expansão do meio arquitetônico nacional quanto a sua diversidade (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 201). Se evidenciou, inclusive, uma nova arquitetura, marginal, que, como observa Bastos (2015 [2010], p. 206), se opôs não só àquela dita como “Arquitetura Moderna Brasileira”, mas também ao modelo internacional, em prol de uma resposta mais pertinente à realidade local.

O fato de que em uma determinada sociedade a relação entre cultura local e arquitetura seja mais fluente e forte, potencia, como ocorre em muitos países latino-americanos, a existência de arquitetos que se separam dos padrões internacionais dominantes e que são capazes de integrar questões arquitetônicas tais como: a adaptação material ao meio climático utilizando materiais nacionais; a integração do progressivo crescimento de cada edifício, e a capacidade de expressão de elementos diferenciados e culturalmente peculiares como a cor ou a ornamentação [...] Outro campo de aplicação, muito útil para os países do Terceiro Mundo, é definido pelos diversos caminhos da arquitetura bioclimática, pensada para construir com tecnologias e materiais locais, seguindo formas tradicionais e orçamentos

---

<sup>2</sup> “[...] 730 delegados de 44 países, o Brasil entre eles, encontraram-se na cidade de Bretton Woods, estado de New Hampshire, nos Estados Unidos, para a Conferência Monetária e Financeira das Nações Unidas. O objetivo era urgente: reconstruir o capitalismo mundial, a partir de um sistema de regras que regulasse a política econômica internacional [...] Esse sistema liberal, que primava pelo mercado e pelo livre fluxo de comércio e capitais, foi a base para o maior ciclo de crescimento da história do capitalismo. Com sua moeda regendo o mundo e supremacia nos setores industrial, tecnológico e militar, um país foi o grande vencedor: os Estados Unidos”. Disponível em: <[http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2247:catid=28&Itemid=23](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2247:catid=28&Itemid=23)>. Acesso em: 16 jul. 2017.

econômicos modestos e que se integram ecologicamente ao contexto e a condições climáticas (MONTANER, 2014, p. 135).

Conforme Salvatori (2008, p. 56-57), essa predisposição regionalista foi favorecida, no Brasil, pela interiorização dos investimentos econômicos e das escolas de arquitetura<sup>3</sup>. Entre 1970 e 1980, houve uma tendência de multiplicação desses cursos – em especial os particulares – nas regiões mais desenvolvidas do país – Sudeste e Sul –, que, na década de 90, se dispersou geograficamente. No Nordeste, por exemplo, a implantação das Universidades Estadual e Federal, respectivamente, do Maranhão<sup>4</sup> e do Piauí<sup>5</sup> ilustram essa situação. Neste mesmo período, as ações da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)<sup>6</sup>, seguindo as diretrizes da política econômica vigente (1960-70), reforçaram as atenções sobre essa região.

A partir da retomada dos debates e divulgação arquitetônica, principalmente através das revistas especializadas, as regiões afastadas dos tradicionais centros culturais e econômicos do país ganharam espaço e certa notoriedade no panorama nacional. Estes veículos de crítica e informação de arquitetura, então, passaram a documentar produções particulares deste final de século, como a do Nordeste, e se configuraram como uma importante fonte de registro deste cenário.

Para quienes trabajamos en temas relacionados con la historia y crítica de la arquitectura, existe una visión particular en torno de las revistas de la profesión. Este renglón de nuestra disciplina constituye el instrumento más importante del que disponemos para entender su desarrollo en el siglo XX latinoamericano, ya que son escasas las fuentes con capacidad para informar y referenciar la arquitectura del modo en que lo ofrecen las páginas de las publicaciones periódicas (GUTIÉRREZ; MÉNDEZ, 2009, p. 6).

---

<sup>3</sup> “Nos anos de 1980, colhem-se, no âmbito arquitetônico, os primeiros frutos dos programas de interiorização da economia no país. Os arquitetos que se deslocaram pelo território brasileiro como migrantes e nômades, saindo dos grandes centros, e os profissionais egressos dos vários cursos de arquitetura implantados nos anos de 1960 e 1970 fora dos centros tradicionais, enfrentaram seus primeiros projetos de magnitude com o “milagre econômico” e tiveram suas primeiras obras importantes materializadas ao longo das últimas duas décadas. Arquitetos com repertórios dos grandes centros ou formados segundo esse modelo, enfrentando um Brasil distinto do Rio de Janeiro ou São Paulo: o interior e as áreas menos modernizadas do país. Outras arquiteturas surgiram dessa dialética” (SEGAWA, 2014 [1998], p. 193).

<sup>4</sup> O Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão foi criado através da Resolução nº 102/92-CONSUN-UEMA de 18 de dezembro de 1992 e teve início em 1993. Disponível em: <[http://www.arquitetura.uema.br/?page\\_id=251](http://www.arquitetura.uema.br/?page_id=251)>. Acesso em: 13 set. 2017.

<sup>5</sup> O Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Piauí foi implantado em 1993 por meio da Resolução n.º 014, de 05/10/1992, do Conselho Universitário e reconhecido em 19 de setembro de 2001, através da Portaria Ministerial n.º 2051. Disponível em: <<http://leg.ufpi.br/ct/index/pagina/id/1740>>. Acesso em: 13 set. 2017.

<sup>6</sup> A SUDENE foi criada pela Lei nº 3.692 de 15 de dezembro de 1959 com fins de promover e coordenar o desenvolvimento do Nordeste, incluindo, além dos estados da região, parte do território de Minas Gerais enquadrada no Polígono das Secas. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/superintendencia-do-desenvolvimento-do-nordeste-sudene>>. Acesso em: 14 set. 2017.

A arquitetura contemporânea do Brasil, cuja bibliografia é restrita e dispersa entre os vários centros acadêmico do país – artigos, dissertações, teses –, passa a contar com uma significativa fonte documental na construção e revisão do seu conteúdo: as revistas especializadas. Esta situação, deve-se destacar, ocorre para cada região do país, como a Nordeste, que, ainda pouco explorada no que tange às suas possibilidades – materiais, técnicas construtivas, arquitetos, obras –, é bastante incipiente na historiografia nacional, e, por isso, tem um volume maior de lacunas a serem preenchidas. A pesquisa em periódicos, portanto, permite ampliar os limites desse conhecimento e revela o viés de investigação em que se apoia este trabalho.

## **A PESQUISA EM REVISTAS ESPECIALIZADAS**

Os esforços em retomar as discussões de arquitetura e urbanismo durante a crise do Movimento Moderno e início da produção contemporânea, no Brasil, evidenciaram a necessidade de conhecimento dos rumos tomados por esta disciplina no campo nacional, após os anos de 1960. Nesta conjuntura, surgiram periódicos especializados enquanto instrumentos essenciais de divulgação e crítica da arquitetura no país, como é o caso das revistas Projeto e AU, veiculadas até hoje.

Os periódicos de arquitetura propõem-se a apresentar projetos desenvolvidos em todo o Brasil e, portanto, as diversas respostas arquitetônicas dadas ao particular contexto político-econômico-cultural da época, sobretudo em níveis regionais. Essas várias respostas – em especial aquelas que ocorrem fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro, a exemplo do Nordeste –, mostram-se ainda incipientes em bibliografias e revelam um significativo nicho para estudo e aprofundamento. Desta forma, aliando-se o problema da historiografia restrita sobre este importante momento da arquitetura brasileira ao recurso dos periódicos especializados – que configuram “um conjunto com um rico repertório de informações e documentação de uma época” (SEGAWA, 2003, p. 120) –, surge a possibilidade de revisão e complementação desta temática.

No Brasil, o historiador Yves Bruand é o primeiro a recorrer às revistas para escrever sua tese de doutorado sobre arquitetura contemporânea no Brasil (publicada como livro em 1981). O professor da UnB e da FAUUSP, Alberto Xavier, utiliza-se do mesmo recurso



em relação à Brasília e ao tema da arquitetura moderna<sup>7</sup>, assim como Sylvia Ficher e Marlene Acayaba em seu livro *Arquitetura Moderna Brasileira* (1982). Na década de 1990, as revistas brasileiras de arquitetura do período moderno são objeto de exposição (Mostra de Revista de Arquitetura na Bienal de Arquitetura de São Paulo), com curadoria do professor Carlos Martins, que também orienta pesquisadores em teses e dissertações acerca da arquitetura moderna do Brasil a partir dos periódicos (CAPELLO, 2016, p. 3-4).

Na década de 2000, em continuidade a esse crescente interesse, surgem dois significativos grupos de pesquisa no país, ambos com foco no estudo da arquitetura moderna: o Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória (LPPM), na Universidade Federal da Paraíba/ PB (Ver Figura 1), e o *Arquitetura Moderna no Brasil – Recepção e Difusão nas Revistas de Arquitetura*, na Universidade Federal de Uberlândia/ MG, sob coordenação, respectivamente, das pesquisadoras Nelci Tinem e Maria Beatriz Cappello (CAPELLO, 2016, p. 4).

FIGURA 1: PÁGINA DA WEB DO GRUPO DE PESQUISA LPPM, DA UFPB.



FONTE: LPPM, 2017<sup>8</sup>.

Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), a construção de um acervo de periódicos especializados e criação do Laboratório de Pesquisa, Ensino e Memória (LaPEM) (Ver Figura 2) – coordenado e vice-coordenado pelas professoras Betânia Brendle e Carolina Chaves, nesta ordem – viabilizaram o início de estudos deste gênero, como o ocorrido no

<sup>7</sup> “Entre 1943 e 1973, o levantamento bibliográfico de Alberto Xavier [s.d.] registrou 137 referências em periódicos especializados fora do Brasil, tratando da arquitetura brasileira em geral, e 170, a respeito de Brasília” (SEGAWA, 2014 [1998], p. 107).

<sup>8</sup> Disponível em: <www.lppm.com.br>. Acesso em: 09 fev. 2018.

projeto de pesquisa Arquitetura Contemporânea no Brasil: uma revisão através de periódicos especializados de Arquitetura e Urbanismo – Edital PIBIC 2016/2017. Neste, foram consultadas revistas Projeto e AU das últimas décadas do século XX para fins de levantamento e catalogação de dados, os quais deram subsídios à investigação proposta neste trabalho: a arquitetura do Nordeste nas últimas décadas do século XX<sup>9</sup>.

FIGURA 2: LOGOTIPO DO LAPEM.



FONTE: ACERVO LAPEM.

A arquitetura e o urbanismo, enquanto resultado da união de soluções funcionais, espaciais, construtivas, formais e simbólicas, comportam-se como a inter-relação de vários sistemas<sup>10</sup>, que, no caso do Nordeste, são constantemente relacionados às peculiaridades locais. O clima, as possibilidades técnicas e os materiais disponíveis são alguns dos fatores que influenciam e particularizam essa produção até os dias de hoje. Assim, revisitar as arquiteturas produzidas em resposta a uma época e lugar específicos, como é o caso do Nordeste, é o ponto de partida para entendimento de processos projetuais e sistemas arquitetônicos que conformam o atual cenário regional e nacional. Trata-se de uma espécie de metalinguagem fundamental na compreensão das arquiteturas desta virada de milênio e na criação de perspectivas positivas para o fazer arquitetônico que temos hoje. Ademais, sublinha-se a contribuição à disciplina da história da arquitetura.

---

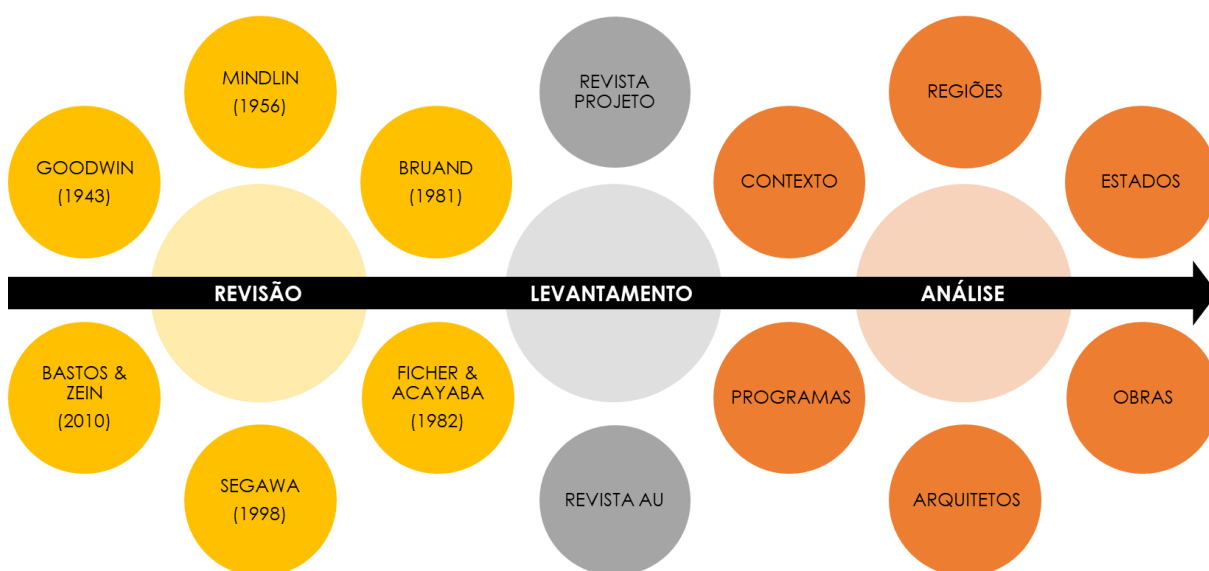
<sup>9</sup> O presente Trabalho de Conclusão de Curso, inclusive, se desenvolve junto à continuidade deste projeto de pesquisa, renovado no Edital PIBIC 2017/2018 e intitulado Arquitetura Contemporânea no Brasil: revisão crítica a partir de periódicos especializados de Arquitetura.

<sup>10</sup> “[...] un sistema es un conjunto de elementos heterogéneos (materiales o no), de distintas escalas, que están relacionados entre sí, con una organización interna que intenta estratégicamente adaptarse a la complejidad del contexto y que constituye un todo que no es explicable por la mera suma de sus partes. Cada parte del sistema está en función de otra; no existen elementos aislados” (MONTANER, 2008, p. 11).

## A ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho é composto por três capítulos, os quais referem-se às etapas principais desta pesquisa (Ver Diagrama 1), mais esta introdução e as considerações finais. Inicialmente, é exposto o tema da arquitetura contemporânea no Brasil e no Nordeste com base na revisão da literatura e, em seguida, o objeto de estudo – as revistas especializadas – e sua investigação, mais especificamente, o acervo e a metodologia adotados. Por fim, são reunidos e analisados os dados encontrados nos periódicos, ao mesmo tempo que estes são confrontados com aqueles da historiografia, a fim de se melhor compreender tal produção.

DIAGRAMA 1: ETAPAS PRINCIPAIS DE DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO.

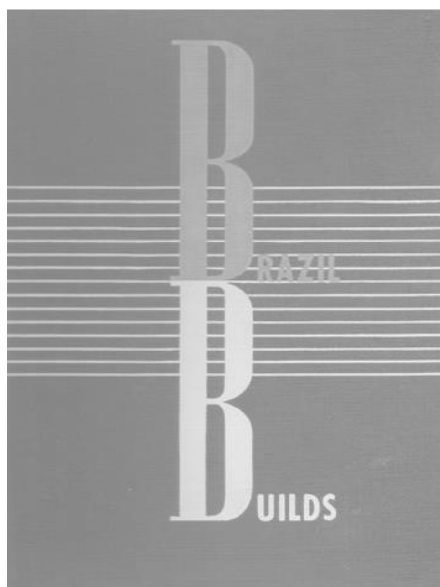


FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

O primeiro capítulo, *O NORDESTE E A HISTORIOGRAFIA*, trata da arquitetura contemporânea e de seus precedentes modernos no país e no Nordeste consoante algumas publicações de destaque na historiografia. No que se refere à primeira metade do século XX: *Brazil Builds: Architecture New And Old 1652-192*, de Philip Goodwin (1943), *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin (1956) e *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, de Yves Bruand (2016 [1981]); e, para a segunda metade: *Arquitetura Moderna Brasileira*, de Sylvia Ficher e Marlene Acayaba (1982), *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*, de Hugo Segawa (2014 [1998]) e *Brasil: Arquiteturas Após 1950*, de Maria Alice Junqueira Bastos e Ruth Verde Zein (2015 [2010]). A partir desses textos, há uma aproximação com as narrativas dominantes, que, associadas aos contextos político e econômico da época, proporcionam um maior entendimento dos fatores que culminaram na produção contemporânea, bem como o papel atribuído ao Nordeste nesse panorama – as obras, arquitetos e períodos que se sobressaem.

No segundo capítulo, *O OBJETO E A INVESTIGAÇÃO*, tem-se uma breve perspectiva das revistas de arquitetura no Brasil e, mais detidamente, da Projeto e AU – objetos diretos de trabalho. Presentes em quase todo o século XX, os periódicos especializados acompanharam muitos dos acontecimentos no país e têm certo protagonismo nos debates da disciplina, em especial durante a retomada das discussões contidas pelo Regime Militar, como é o caso das revistas selecionadas. Também neste capítulo são apresentados o acervo consultado e os processos metodológicos relativos ao levantamento dos periódicos.

No terceiro e último capítulo, *O NORDESTE E AS REVISTAS*, são realizadas análises e estabelecidas as primeiras aproximações entre os dados coletados no levantamento e a historiografia. Devidamente contextualizadas no período, essas informações promovem uma nova leitura deste cenário arquitetônico e, embora de maneira inicial, uma complementação sobre a produção dessas últimas décadas do milênio. Para finalizar, algumas perspectivas e considerações sobre o tema.



## CAPÍTULO 1.

### O NORDESTE E A HISTORIOGRAFIA

- > (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPA DOS LIVROS BRAZIL BUILDS: ARCHITECTURE NEW AND OLD 1652-1942, DE PHILIP GOODWIN (1943); MODERN ARCHITECTURE IN BRAZIL, DE HENRIQUE MINDLIN (1956); ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL, DE YVES BRUAND (1981); ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA, DE SYLVIA FICHER E MARLENE ACAYABA (1982); ARQUITETURAS NO BRASIL 1900-1990, DE HUGO SEGAWA (1998); BRASIL: ARQUITETURAS APÓS 1950, DE MARIA ALICE BASTOS E RUTH VERDE ZEIN (2010).

Fonte (Da Esquerda Para A Direita): SCOTTÁ, Luciane. Brazil Builds: Architecture New and Old. Repercussão da divulgação da arquitetura moderna brasileira. AUS (Valdivia). [online]. Chile, nº 17, p. 24-29. 2015, p. 25. Disponível em: <[http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?pid=S0718-72622015000100005&script=sci\\_arttext](http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?pid=S0718-72622015000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 09 jul. 2017. Disponível em: <<http://foliorarebooks.com.br/21leilao/itens/014.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018. Disponível em: <[https://statics.livrariacultura.net.br/products/capas\\_lg/465/84465.jpg](https://statics.livrariacultura.net.br/products/capas_lg/465/84465.jpg)>. Acesso em: 28 dez. 2017. Disponível em: <<https://revistamdc.files.wordpress.com/2011/03/06-arquitetura-moderna-brasileira-capade-sylvia-ficher-e-marlene-milan-acayaba-arquitetura-moderna-brasileira-1982.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018. Disponível em: <<https://carrinho.casasbahia.com.br/livros/ArquiteturaDecoracaoDesign/LivrodeArquitetura/103683/127516892/Livro-Arquiteturas-no-Brasil-1900-3-Ed-2010-Hugo-Segawa-103683.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018. Disponível em: <<https://bibfauusp.files.wordpress.com/2010/10/brasilarquiteturas.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018. (adaptado pela autora).

A temática da arquitetura contemporânea no Brasil é ainda mais incipiente na historiografia ao tratar de produções distantes dos grandes centros político-econômico-culturais do país, como é o caso do Nordeste. Por essa razão, acessar as narrativas dominantes, em busca do papel atribuído a essa região, faz-se de fundamental importância para esta pesquisa e constitui o cerne deste capítulo. Para isso, foram selecionados seis livros referências da bibliografia sobre a arquitetura brasileira do século XX, os quais foram abordados em dois subcapítulos segundo seus respectivos períodos de estudo e/ou publicação. São eles:

- GOODWIN, Philip. **Brazil Builds: Architecture new and old 1652-1942**. New York: The Museum of Mo-dern Art, 1943.
- MINDLIN, Henrique. **Modern Architecture in Brazil**. Rio de Janeiro e Amsterdã: Colibris, 1956.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2016 [1ª Edição: 1981].
- FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014 [1ª Edição: 1998].
- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1ª Edição: 2010].

O primeiro subcapítulo, *Goodwin, Mindlin E Bruand: A Primeira Metade Do Século XX*, refere-se ao início e consolidação do Movimento Moderno no Brasil durante a primeira metade do século XX. O segundo subcapítulo, *Ficher & Acayaba, Segawa e Bastos & Zein: A Retomada Da Crítica*, detém-se ao momento da crise moderna e do reconhecimento da diversidade de tendências de arquitetura, concomitante ao declínio do regime militar e à retomada da crítica, já nas últimas décadas do milênio.

A visão panorâmica do começo do século XX, acha-se, pioneiramente, nos estudos do paleógrafo francês Yves Bruand, concluídos por volta de 1969, quando este retornou à Europa. Sua tese de doutoramento sobre arquitetura contemporânea no Brasil, mais tarde publicada como livro (1981), constitui-se até hoje numa referência obrigatória quando se trata da arquitetura desta fase. Seus precedentes, *Brazil Builds: Architecture new and old 1652-1942*, de Philip Goodwin (1943) e *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin (1956), embora apontem para a mesma época, apresentam caráter mais catalográfico e sublinham-se em importância quando associados à repercussão da nova arquitetura.

Segundo FREIRE (2015, p. 71), “estas publicações ajudaram a divulgar uma quantidade significativa de projetos e de arquitetos para além das fronteiras nacionais, dando indícios de um fenômeno que se manifestava em praticamente todo o país”. Cresciam o prestígio e a difusão deste movimento nacional e internacionalmente e, junto a eles, os escritos sobre essa temática.

Após *Brazil Builds*, de 1943 – que pode ser considerado o primeiro livro internacional sobre arquitetura moderna brasileira –, a primeira monografia com tema brasileiro foi *The Work of Oscar Niemeyer*, de Stamo Papadaki, em 1950; seis anos depois, o mesmo autor publicou *Oscar Niemeyer: Works in Progress* – ambos editados pela Reinhold de Nova York. Niemeyer teve vários livros dedicados à sua obra, em diferentes línguas. O livro de Henrique Mindlin, *Modern Architecture in Brazil*, de 1956 (edições no Rio de Janeiro/Amsterdã e Nova York), tornou-se a mais difundida obra sobre o conjunto da produção brasileira depois de *Brazil Builds*. Afora Niemeyer, somente Affonso Eduardo Reidy mereceu uma monografia estrangeira nesse período: o *Affonso Eduardo Reidy: Works and Projects*, de Klaus Franck, editado em inglês e alemão em 1960 (SEGAWA, 2014 [1998], p. 107-108, grifo do autor).

As demandas por projetos aumentavam e, nos anos de 1950-1960, as revistas especializadas animavam ainda mais a circulação de temas de arquitetura dentro do território: Brasília, o papel dos arquitetos, os empreendimentos concretizados (SEGAWA, 2014 [1998], p. 130). Esta fase, no entanto, retrocede com a censura imposta pelo Regime Militar (1964) e apenas começa a se recompor em finais dos anos de 1970, com a gradativa abertura cultural e redemocratização do país. Na década seguinte, “os debates ganham nitidez, não apenas pelo número de artigos em revistas, mas, sobretudo, pelas novas publicações”<sup>11</sup>. Entre elas, *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, de Yves Bruand (1981) e *Arquitetura Moderna Brasileira*, de Sylvia Ficher e Marlene Acayaba (1982).

Ficher e Acayaba inovam ao trabalhar sobre um mapa arquitetural brasileiro, que complementa a visão modernista e hegemônica de outros textos e apresenta regiões até então pouco contempladas pela historiografia (SEGAWA, 2014 [1998], p. 14). Conforme Miguel Pereira, no Prefácio dessa publicação, elas propõem “uma leitura a partir do lugar, da região do país, onde essas obras foram produzidas”<sup>12</sup>. Na década de 1990, em busca de “estudar os *processos* da constituição da nossa arquitetura moderna em matizes diversos, caracterizando modernidades distintas”<sup>13</sup>, Segawa, que anteriormente participou da programação visual da obra de Ficher e Acayaba, publica seu livro *Arquiteturas no Brasil*

---

<sup>11</sup> FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Recepção e Difusão da arquitetura moderna brasileira**: uma abordagem historiográfica. 2015. 220p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP São Carlos, São Paulo, p. 80.

<sup>12</sup> FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982, p. 5.

<sup>13</sup> SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014, p. 15, grifo do autor.



1900-1990, em 1998, e contribui com a diluição da “visão totalizante”<sup>14</sup> empreendida por Goodwin (1943), Mindlin (1956) e Bruand (1981) (FREIRE, 2015, p. 82).

Ainda neste momento de retomada da crítica, as revistas de arquitetura, após um período de três anos sem circulação regular (de 1971, com o fechamento da Acrópole, a 1973, com o lançamento da CJ Arquitetura), somam-se a este cenário e reforçam as revisões do discurso e da prática arquitetônica dos últimos anos, a exemplo da Projeto e da AU, fontes de investigação deste trabalho. Um novo panorama desse final de século será lançado apenas em 2010, pela editora Perspectiva (a mesma que publicou Arquitetura Contemporânea no Brasil, de Yves Bruand). Produzido a quatro mãos, por Maria Alice Junqueira Bastos e Ruth Verde Zein, traça paralelos constantes com a obra de Bruand (1981) e destaca sua tentativa por uma abordagem menos restrita que o precedente (SEGAWA, 2014 [1998], p. 191).

Apesar de seu valor então e agora, tal mirada [sobre a leitura de Bruand] não poderia mais alimentar uma visão contemporânea, nutrida também pelos embates, questionamentos e crises deflagrados sobre o campo arquitetônico desde então. Em contraponto, a narrativa deste livro se apresenta como polifônica, privilegiando a diversidade, deliberadamente não assumindo um foco ou uma linha central privilegiada e/ou exclusiva (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 12).

Bastos e Zein procuram compreender os direcionamentos plurais que a produção brasileira assume após 1960, em especial, dos anos de 1955 a 1975, quando ocorre a renovação da arquitetura paulista em direção ao Brutalismo, relegado até então pela historiografia brasileira e internacional (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 13). Junto a Segawa (2014 [1998]), sua obra faz menção à diversidade dominante no final do século e, assim, melhor se aproxima do intervalo e das arquiteturas a que se referem esta pesquisa. Fecha-se, então, a seleção de obras que estruturam a revisão bibliográfica inicialmente proposta e a seguir explanada.

---

<sup>14</sup> FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Recepção e Difusão da arquitetura moderna brasileira**: uma abordagem historiográfica. 2015. 220p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP São Carlos, São Paulo, p. 84.

## GOODWIN, MINDLIN E BRUAND: A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Diante do ataque de Monteiro Lobato à segunda exposição expressionista de Anita Malfatti (ocorrida de dezembro de 1917 a janeiro de 1918), no Brasil, um grupo de intelectuais uniu-se em defesa da artista e organizou um núcleo que, mais tarde, promoveria a Semana de Arte Moderna de 1922. Este evento, embora não tenha exercido influência direta sobre a arquitetura, garantiu a esta disciplina “condições psicológicas favoráveis à afirmação de uma personalidade decisiva, capaz de propor soluções simples e precisas e de passar à ação”<sup>15</sup>, além dos contatos iniciais com financiadores, tão necessários ao movimento renovador. (BRUAND, 2016 [1981], p. 61-63).

FIGURA 3: CASA DO ARQUITETO (1927-28/SP), POR GREGORY WARCHAVCHIK.



FONTE: ARCHDAILY, 2017<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 63.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik/5627b767e58ece127a000256-classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik-imagem>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

Em 1923, o arquiteto russo Gregory Warchavchik chegou à São Paulo e, familiarizado com as ideias de renovação em discussão na Europa, lançou, em 1925, o manifesto *Acerca da Arquitetura Moderna*, no Rio de Janeiro<sup>17</sup>, cujos princípios buscou concretizar, anos depois, em sua própria residência (Ver Figura 3). Localizada à Rua Santa Cruz, na Vila Mariana, sua primeira obra pessoal e primeira casa modernista do país foi concluída em 1928 e, apesar das inovações exclusivamente no plano estético, representou um grande passo para a nova arquitetura (BRUAND, 2016 [1981], p. 63-68) (SCOTTÁ, 2017, p. 19) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 44).

Com a passagem de Le Corbusier pelo Brasil, em 1929, Warchavchik entrou em contato direto com o Movimento Moderno e foi indicado a delegado do C.I.A.M. (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) para a América do Sul, fato que garantiu a divulgação de sua obra na Europa ao mesmo tempo em que esta se consolidava no Brasil. A mais notável influência exercida pelo arquiteto francês, entretanto, se deu durante uma palestra na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), no Rio de Janeiro, sob a figura de Lúcio Costa. Até então adepto do Neocolonial de José Mariano Filho, Costa ampliou seus estudos sobre o movimento racionalista e tornou-se um grande fomentador da arquitetura moderna no Rio de Janeiro (BRUAND, 2016 [1981], p. 68,72) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 45).

No ano seguinte, 1930, marco na história do Brasil sob vários sentidos, uma grande Revolução provocou intensas mudanças nos mais variados setores: a tomada do poder por Getúlio Vargas e o fim da República Velha. Uma das principais medidas realizadas pelo novo governo foi a criação do Ministério da Educação, que, no âmbito da arquitetura, vinculou-se a fatos de grande importância no processo de origem e consolidação do Movimento Moderno no país, como a indicação de Lúcio Costa para o cargo de diretor da ENBA, em 1931, e, mais tarde, o concurso de anteprojetos para o Ministério da Educação e Saúde (M.E.S.) (BRUAND, 2016 [1981], p. 72) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 78).

Na Escola Nacional de Belas Artes, Lúcio Costa iniciou uma reforma no ensino e introduziu a disciplina de arquitetura moderna na instituição. Esta reforma, apesar de sufocada poucos meses depois, junto à sua demissão e dos professores reformadores, foi suficiente para dar início a uma fase de estudo e maturação das ideias modernistas entre os jovens arquitetos (BRUAND, 2016 [1981], p. 72-74). Foi possível, inclusive, a realização do Salão de 31, considerado a primeira manifestação coletiva dos representantes da Arquitetura Nova no Brasil (MOREIRA, 2005).

---

<sup>17</sup> Originalmente, este manifesto foi publicado em italiano no jornal *Il Piccolo*, com o título *Futurismo* (BRUAND, 2016 [1981], p. 64) (SCOTTÁ, 2017, p. 19).

Outro evento significativo foi o 1º Salão de Arquitetura Tropical (Ver Figura 4), realizado de 16 de março a 17 de abril de 1933. Este foi organizado pela Associação de Artistas Brasileiros<sup>18</sup> e dirigido por João Lourenço da Silva, Adhemar Portugal e Alcides da Rocha Miranda. Entre os expositores, além dos responsáveis pela direção, estavam Gregory Warchavchik, Lúcio Costa, Alexander Altberg, Affonso Eduardo Reidy, Gerson Pompeu Pinheiro, Emílio Baumgart, Marcelo Roberto, Luís Nunes, Vicente Batista, Alexander Buddeüs e Anton Floderer (MOREIRA, 2005) (SCOTTÁ, 2017, p. 29-30).

FIGURA 4: CONVITE DO 1º SALÃO DE ARQUITETURA TROPICAL (1933/ RJ).



FONTE: MOREIRA, 2005<sup>19</sup>.

Esta mostra, mesmo pioneira sobre a temática, encontra-se ausente em obras como Goodwin (1943), Mindlin (1956) e Bruand (1981), especialmente voltadas a esse período e consideradas referências dentro da historiografia. Tal fato, como expõe Moreira (2005), traz à tona diversos questionamentos sobre os caminhos do Modernismo Brasileiro apresentados nas narrativas dominantes, os quais excluem ou pouco comentam não só certos episódios, mas também locais ou personalidades bastante relevantes. O autor menciona, por exemplo, a atuação de Luís Nunes em Pernambuco, sem igual no Brasil, e a de Alexander Buddeüs, vinculada à introdução do Modernismo na Bahia, como “eclipsadas” nestas versões “clássicas”<sup>20</sup> e aponta a necessidade de revisão desses textos, como a proposta neste trabalho.

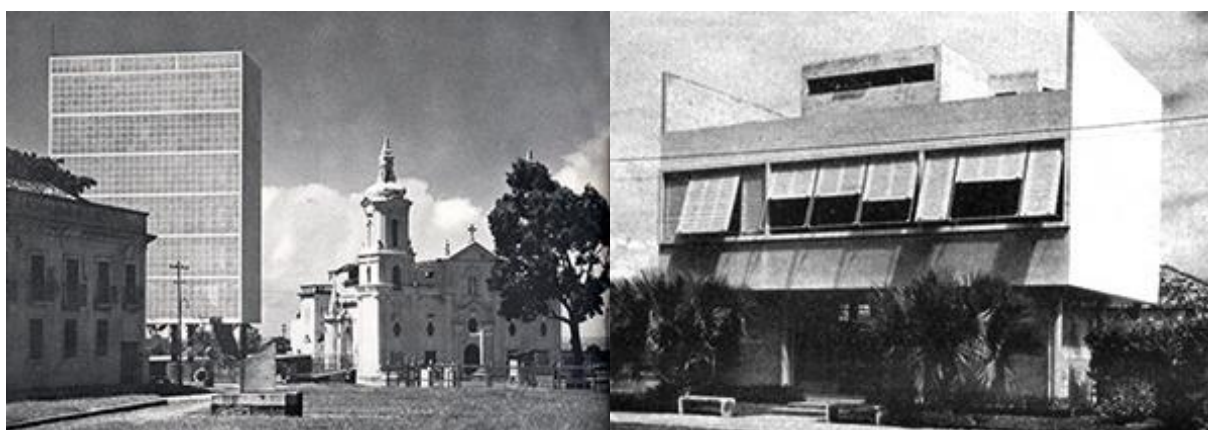
<sup>18</sup> “Entidade de caráter cultural criada no Rio de Janeiro, em 1929, por artistas plásticos, arquitetos, escritores, dramaturgos, atores, músicos e outros intelectuais, que defendiam a renovação do ambiente artístico e cultural da então capital do país; opondo-se, em especial, ao conservadorismo da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA)”. Disponível em: <[http://brasilarartesenciclopedias.com.br/tablet/temas/associacao\\_dos\\_artistas\\_brasileiros.php](http://brasilarartesenciclopedias.com.br/tablet/temas/associacao_dos_artistas_brasileiros.php)>. Acesso em: 12 fev. 2018.

<sup>19</sup> MOREIRA, Pedro. **Alexandre Altberg e a Arquitetura Nova no Rio de Janeiro**. Arqtextos. [online]. São Paulo, n. 058.00, Vitruvius, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/05.058/484>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

<sup>20</sup> “Nos compêndios de Phillip Goodwin (1943) e Henrique Mindlin (1956), hoje tidos como ‘clássicos’ da historiografia do Modernismo Brasileiro, verifica-se, por um lado, um admirável esforço de catalogação, e por outro, um entendimento pragmatista e linear, claramente dominado pelo discurso dos protagonistas daquela que ficou

No caso particular de Luís Nunes, tanto Bruand (2016 [1981]), quanto Segawa (2014 [1998]) abrem espaço para uma apresentação mais demorada de sua atividade, caracterizada como um “movimento autônomo, sob vários aspectos até mais avançado”<sup>21</sup>, que se desenvolveu de 1934 a 1937, em Pernambuco, antes mesmo da implantação definitiva da arquitetura nova no Rio ou em São Paulo. Tido como um dos frutos da reforma da ENBA, o mineiro Luís Nunes logo transferiu-se para Recife e lá encarregou-se de um serviço que o responsabilizava pelos edifícios públicos do Estado e aqueles edifícios privados que viessem a receber subvenção estatal (SEGAWA, 2014 [1998], p. 83) (BRUAND, 2016 [1981], p. 77).

FIGURA 5: CAIXA D'ÁGUA (1936/PE) (À ESQUERDA) E PAVILHÃO DE ANATOMIA PATOLÓGICA (1936/PE) (À DIREITA), POR LUÍS NUNES.



FONTE: TINEM, 2006<sup>22</sup>.

Dois de seus projetos constam no catálogo *Brazil Builds* (1943), a Caixa d'Água de Olinda e o Pavilhão de Anatomia Patológica (Ver Figura 5), ainda que seu nome não seja mencionado<sup>23</sup>. Apesar do uso de cobogós em ambos, o primeiro edifício é recorrentemente destacado pela reinvenção em sua utilização, sobretudo como alternativa às adversidades climáticas da região. Essa visão, criticada por alguns autores<sup>24</sup>, revela o protagonismo das

---

conhecida como 'Escola Carioca', e que viria a ser relativizado somente em 1981 com a publicação de Yves Bruand” (MOREIRA, 2005).

<sup>21</sup> BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2016, p. 77.

<sup>22</sup> TINEM, Nelci. **Arquitetura Moderna Brasileira**: a imagem como texto. *Arquitextos*. [online]. São Paulo, n. 072.02, Vitruvius, mai. 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/352>>. Acesso em: 04 out. 2017.

<sup>23</sup> Embora possua obras no catálogo, Luís Nunes não tem seu nome citado no livro. Sobre isso, Scottá (2017) conclui que sempre que se refere a Fernando Saturnino de Brito, colaborador destes projetos, Goodwin o apresenta como Saturnino Nunes de Brito, o que indicaria uma confusão com os nomes. Ainda assim, apenas o projeto do pavilhão é atribuído à “Saturnino Nunes de Brito”, o projeto da caixa d'água não é associado a nenhuma autoria. Outro caso de projeto sem autoria mencionada é o da Escola Normal de Salvador, de Alexander Buddeüs, a quem Goodwin se refere apenas como “um arquiteto brasileiro formado na Alemanha” e reforça o “eclipse” apontado por Moura (2005) em relação a certos nomes da historiografia.

<sup>24</sup> “A riqueza da implantação e da solução compositiva da edificação olindense de Nunes, tem sido muito pouca apreciada. Em compensação, as análises sempre evocam o arrojo estrutural, a utilização do concreto armado e, sobretudo o pano das fachadas de linhas discretas executadas em elemento vazado: o cobogó, como a essência

respostas às altas luminosidades e temperaturas quando o assunto é a arquitetura moderna brasileira, as quais são de destaque ainda maior nas produções regionais, em detrimento de outras soluções (BRUAND, 2016 [1981], p. 77-79). Goodwin (1943), inclusive, toma tais propriedades como motivação ao estudo e conhecimento da arquitetura do país.

Embora os primeiros ímpetus modernos tenham chegado por importação, bem logo o Brasil achou um caminho próprio. A sua grande contribuição para a arquitetura nova está nas inovações destinadas a evitar o calor e os reflexos luminosos em superfícies de vidro, por meio de quebra-luzes externos, especiais [...] E é curioso verificar-se como os brasileiros fizeram face ao importantíssimo problema, cujo estudo foi o que animou a nossa viagem (GOODWIN, 1943, p. 84-85).

FIGURA 6: SEDE SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (1936-38/RJ), POR IRMÃOS ROBERTO.



FONTE: ABI, 2017<sup>25</sup>.

da qualidade arquitetural desta obra. A importância da utilização do cobogó, nesta obra de Nunes é incontestável. Invenção pernambucana adequada ao calor de nosso clima, permitindo a aeração constante, o cobogó desempenhou um importante papel na arquitetura regional e foi largamente utilizado, tornando-se, na verdade, o elemento vazado mais difundido entre nós, símbolo da modernização e substituto do brise-soleil [...] Restringir o mérito desta obra de Nunes aos aspectos técnicos e sobretudo à utilização do cobogó, é, no entanto, uma visão empobrecedora de suas qualidades tectônicas" (MARQUES; NASLAVSKY, 2011).

<sup>25</sup> Disponível em: <[http://www.abi.org.br/wp-content/uploads/images/fachada\\_predioABI.jpg](http://www.abi.org.br/wp-content/uploads/images/fachada_predioABI.jpg)>. Acesso em: 02 jan. 2018.



Por razões de doença, Luís Nunes teve uma morte precoce aos 29 anos e seu trabalho não obteve continuidade. Tão logo faleceu, foi retirado o apoio governamental necessário ao funcionamento da Diretoria de Arquitetura e Construção (DAC), por ele criada, e sua equipe se decompôs. Sua atuação em Pernambuco, episódio bastante promissor nesses primeiros anos da nova arquitetura, foi, ao mesmo tempo, bastante breve, porém de importância que não pode ser diminuída. “Por conseguinte, o esquecimento quase total a que foi relegada a tentativa interessante e audaciosa de Luís Nunes é totalmente injustificado” (BRUAND, 2016 [1981], p. 79) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 83).

FIGURA 7: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE (1936-43/RJ), POR LÚCIO COSTA, CARLOS LEÃO, AFFONSO REIDY, JORGE MOREIRA, ERNANI VASCONCELLOS E OSCAR NIEMEYER.



FONTE: PANORAMIO, 2017<sup>26</sup>.

Retornando para o Sudeste, o concurso da sede social da A. B. I. (Ver Figura 6), aberto em 1935 no Rio de Janeiro, teve como vencedores, em 1936, Marcelo e Milton Roberto. Um projeto poucos meses anterior ao do M.E.S., porém de conclusão bastante antecedente (1938) e, por essa razão, a primeira grande obra construída da arquitetura nova no Brasil. Também em 1935 foi aberto o concurso para o Ministério da Educação e Saúde que, mesmo vencido por Archimedes Memória e Francisque Cuchet, teve uma nova equipe convocada pelo então Ministro da Educação Gustavo Capanema para elaboração de outro projeto. Composta pelos cariocas Lúcio Costa, Carlos Leão, Jorge Moreira, Affonso Reidy, Ernani

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://static.panoramio.com/photos/large/11925384.jpg>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

Vasconcellos e Oscar Niemeyer, e sob assessoria inicial de Le Corbusier, foi elaborada a obra mais emblemática dessa fase (Ver Figura 7) (BRUAND, 2016 [1981], p. 81, 82, 93) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 89).

FIGURA 8: PAVILHÃO DO BRASIL NA FEIRA MUNDIAL DE NOVA YORK (1939), POR LÚCIO COSTA E OSCAR NIEMEYER.



FONTE: ARCHDAILY, 2017<sup>27</sup>.

Com o advento da 2ª Guerra (1939), a construção do M.E.S., iniciada em 1937, estendeu-se com dificuldades até por volta de 1942. Neste período, “outra obra antecipou a surpresa que esse edifício provocaria mais tarde”<sup>28</sup>: o Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial de Nova York de 1939 (Ver Figura 8). Após vencer o concurso de anteprojetos (1938), Lúcio Costa renunciou sua ideia e propôs um projeto associado a Oscar Niemeyer, que havia recebido a segunda colocação. O pavilhão final, que unia aspectos das propostas dos dois

<sup>27</sup>

Disponível

em:

<[https://images.adsttc.com/media/images/52ff/8100/e8e4/4e3c/d000/0183/large\\_jpg/1345906828\\_pavilhaony\\_3\\_1.jpg?1392476408](https://images.adsttc.com/media/images/52ff/8100/e8e4/4e3c/d000/0183/large_jpg/1345906828_pavilhaony_3_1.jpg?1392476408)>. Acesso em: 03 jan. 2018.

<sup>28</sup> SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014, p. 92.



arquitetos, fez grande sucesso na exposição e refletiu críticas positivas na mídia internacional e no Brasil (SEGAWA, 2014 [1998], p. 92-93).

Motivado pelo bem-sucedido pavilhão brasileiro e com o apoio do governo Roosevelt, que desenvolvia uma “política de boa vizinhança” com a América Latina, o Museum of Modern Art (MoMA) de Nova York produziu, em 1943, uma exposição e catálogo para reconhecimento da arquitetura brasileira: *Brazil Builds: Architecture new and old 1652-1942*. Sob organização do arquiteto Philip Goodwin e com fotografias de George Everard Kidder-Smith, essa obra reuniu exemplares da arquitetura tradicional e, principalmente, a produção moderna. Mais tarde, a exposição passou por diversas cidades americanas e por Londres, aumentando a divulgação brasileira internacionalmente e reduzindo a resistência às novas concepções dentro do país (BRUAND, 2016 [1981], p. 25) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 100-101) (MONTEZUMA, 2002, p. 213-215) (SCOTTÁ, 2015, p. 24-25).

Pouco depois de inaugurada a exposição, o arquiteto Henrique Mindlin (1911-1971), em viagem pelos Estados Unidos, tomou conhecimento de uma nova expressão acerca da arquitetura feita no país: *Brazilian School*. *Brazil Builds*, publicado em pleno conflito mundial, foi o principal passaporte da arquitetura brasileira para o mundo pós-segunda guerra (SEGAWA, 2014 [1998], p. 102, grifo do autor).

Houve um reconhecimento estrangeiro imediato e dramático, e o Brasil atentou para o fato de que sua arquitetura moderna foi uma das suas contribuições mais valiosas para a cultura contemporânea. O homem na rua, céptico e irônico por natureza, começou a se orgulhar dos edifícios que, a princípio, considerava engraçado ou estranho. Ele continuou a dar-lhes apelidos, o privilégio do crítico da calçada, mas por trás deles, sente admiração e respeito, e estes edifícios tornaram-se parte de seu orgulho profundo e carinho por sua cidade<sup>29</sup> (MINDLIN, 1956, p. 7).

A partir desse momento, a nova arquitetura estava vitoriosa no Brasil: até então praticamente limitada a edifícios públicos, construídos graças à compreensão manifestada por alguns homens do governo, viu abrir-se perante ela o imenso campo de todos os setores da iniciativa privada, que de imediato colheu todo o proveito prático e publicitário daí resultante (BRUAND, 2016 [1981], p. 25).

O lançamento do livro-catálogo *Brazil Builds*, em 1943, possibilitou que a arquitetura brasileira fosse, pela primeira vez, “observada como um movimento real e organizado” (SCOTTÁ, 2017, p. 207). Junto à publicação de *Modern Architecture in Brazil*, em 1956, por Henrique Mindlin, essas obras configuraram uma perspectiva da origem e desenvolvimento dessa nova arquitetura. Segundo Mindlin, sua intenção era complementar o

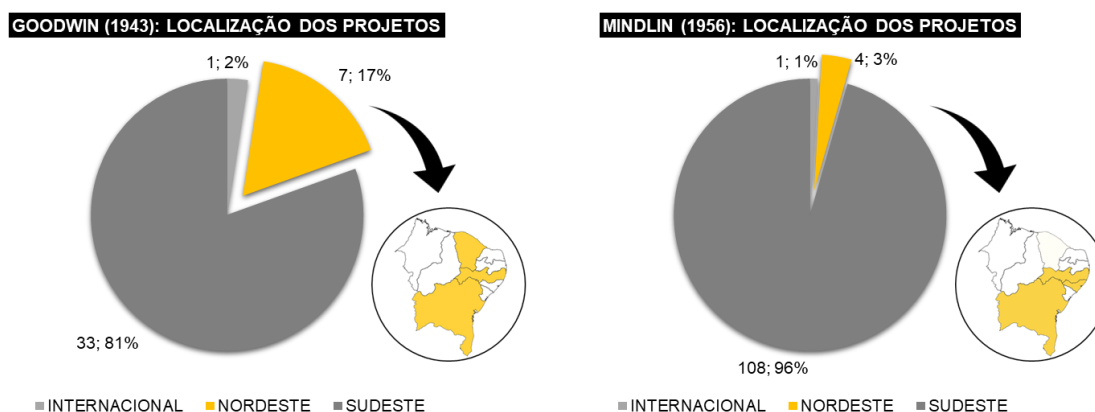
---

<sup>29</sup> Livre tradução. No original: “There was immediate and dramatic foreign recognition, and Brazil awoke to the fact that her modern architecture was one of her most worthwhile contributions to contemporary culture. The man in the street, skeptical and ironical by nature, began to take pride in the buildings that at first he had considered funny or outlandish. He continued to give them nicknames, the privilege of the sidewalk critic, but underneath them one feels admiration and respect, and these buildings have become a part of his deep-seated pride in and affection for his city” (MINDLIN, 1956, p. 7).

Brazil Builds e, assim, ter uma maior cobertura das produções a partir dos anos de 1920 (MINDLIN, 1956, Author's Note).

Apesar da pretensão em registrar tal movimento através de seus edifícios, estes catálogos mostraram-se bastante restritivos no tocante aos objetos de seleção. Além da região Sudeste, predominante, aparece somente a região Nordeste, em proporção muito menor, e o projeto do Pavilhão brasileiro para a Feira de Nova York (Ver Figura 8). Ao todo, há em Goodwin (1943) e Mindlin (1956), respectivamente, apenas sete e quatro projetos nordestinos catalogados e, em ambos, um número de estados e diferentes arquitetos ainda menor. Em Goodwin (1943) tem-se Pernambuco, com “Saturnino Nunes de Brito”<sup>30</sup> e José Norberto; Bahia, sem profissionais citados; e Ceará, com Oscar Niemeyer<sup>31</sup>. Em Mindlin (1956) tem-se Alagoas, com Lygia Fernandes; Bahia, com Paulo Antunes Ribeiro e Diógenes Rebouças; e Pernambuco, com Roberto Burle Marx. Mindlin (1956) não repete nenhum dos projetos do Nordeste observados em Goodwin (1943), entretanto cita a figura de Luís Nunes, “cuja morte prematura reduziu a carreira mais promissora”<sup>32</sup>, na introdução do livro e a ilustra com o projeto da Torre d’Água de Olinda (MINDLIN, 1956, p. 5).

GRÁFICO 1: DISTRIBUIÇÃO DOS PROJETOS CATALOGADOS EM GOODWIN (1943) E MINDLIN (1956) POR ORIGEM.



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

De um modo geral, é evidente a predileção pelo Sudeste no tocante ao estudo da arquitetura moderna no Brasil desses primeiros anos, no entanto, pode-se notar que o Nordeste também recebe certa atenção, ainda que com locais e personalidades específicos. Em detrimento das demais regiões, o Nordeste é comumente associado a uma produção mais

<sup>30</sup> É possível que “Saturnino Nunes de Brito” seja uma confusão entre os nomes de Fernando Saturnino de Brito e Luís Nunes, coautores de dois projetos. Dessa forma, o nome de Luís Nunes pode não ter sido intencionalmente omitido do livro (SCOTTÁ, 2017).

<sup>31</sup> Oscar Niemeyer é o arquiteto associado ao maior número de projetos do livro, um total de dez entre trabalhos individuais e em grupo.

<sup>32</sup> Livre tradução. No texto original: “whose premature death cut short a most promising career” (MINDLIN, 1956, p. 5).

diversificada e original, a qual, por distanciar-se da paulista e carioca, faria jus a um maior destaque. Ainda assim, sua abordagem é bastante restritiva e merece um maior aprofundamento.

A necessidade de cobrir um grande território em um número determinado de páginas, colocou muitas limitações na escolha do material a ser apresentado. Um grande número de bons projetos teve que ser excluído, especialmente quando seus pontos mais relevantes foram mostrados em outros trabalhos já ilustrados<sup>33</sup> (MINDLIN, 1956, Author's Note).

Talvez surpreenda o pequeno espaço dedicado ao Sul do Brasil (Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), embora essa região seja, seguramente, mais rica em número de edifícios que a do Nordeste, abordada com maior atenção. Na verdade, nossa preocupação girou mais em torno da originalidade do que da abundância de obras; apesar de cidades como Curitiba e Porto Alegre apresentarem, sem dúvida, grande atividade na construção civil e possuírem escolas de arquitetos que figuram dentre as mais importantes do país, suas realizações não se diferenciam fundamentalmente daquelas do Rio de Janeiro e de São Paulo (BRUAND, 2016 [1981], p. 8).

A popularização das temáticas de arquitetura nos anos que se seguiram, em especial na década de 50, garantiram ainda mais prestígio e demandas para os profissionais de arquitetura. Em 1945, uma reforma na ENBA criava a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil e tornava o ensino da disciplina independente. Seguiu-se uma onda de reconhecimento de novos cursos e a criação de faculdades de arquitetura pelo país: Universidade de Minas Gerais (1946), Mackenzie (1947), em São Paulo, Universidade de São Paulo (1948), Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul (1945), Escola de Engenharia do Rio grande do Sul (1946), Escola de Belas-Artes de Pernambuco (1945), Universidade de Recife (1959), Universidade da Bahia (1959), etc. Na década de 1960, com o auge promovido por Brasília, a situação era ainda mais favorecida. Em Fortaleza, por exemplo, na Universidade Federal do Ceará, foi criada a terceira escola de arquitetura do Nordeste, em 1965. (SEGAWA, 2014 [1998], p. 131).

Junto com a dispersão de novas escolas pelo país, ocorreu, concomitantemente, a disseminação de profissionais em busca de novas oportunidades de trabalho e, com eles, dos ideais do movimento. Tratava-se de um importante momento de difusão de conhecimentos e tecnologias das regiões mais desenvolvidas para outros centros do território, a qual marca a “origem do quadro diversificado da produção arquitetônica que vai desabrochar no Brasil nos anos de 1980”<sup>34</sup>.

Essa linha de pensamento que orientou um certo número de arquitetos, de modo algum levou a criações estereotipadas; pelo contrário, ela forneceu

---

<sup>33</sup> Livre tradução. No texto original: “The need to cover a large territory in a set number of pages imposed many limitations in the choice of the material to be presented. A great many good projects had to be excluded, especially when their most relevant points were shown in other jobs already illustrated” (MINDLIN, 1956, Author's Note).

<sup>34</sup> SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014, p. 134.

uma moldura flexível, capaz de resultar em numerosas variações em função da personalidade de cada arquiteto. Aliás, o papel particularmente importante dessas variações surge no fato de se poder distinguir dois grupos regionais nitidamente distintos, não só pelo distanciamento geográfico, como também pelo caráter diferente de sua arquitetura. De fato, o centro vital do país (o triângulo Rio de Janeiro—São Paulo—Belo Horizonte) não detém a exclusividade do movimento, e não é possível deixar de lado o desenvolvimento paralelo de uma escola original no Nordeste, onde Recife deu uma contribuição de grande interesse (BRUAND, 2016 [1981], p. 140).

A disseminação dessa linguagem deu-se, em boa parte, pela participação de arquitetos do Rio de Janeiro ou que se formaram na Faculdade Nacional de Arquitetura. Por outro lado, diante da ampla divulgação e repercussão por meio de publicações especializadas ou não, o repertório formal e projetual mais ou menos codificado da linguagem carioca permitiu que profissionais não necessariamente relacionados com o movimento do Rio de Janeiro aplicassem as idéias [sic] dessa arquitetura moderna com maior ou menor fidelidade e acerto – e entre esses profissionais, incluíam-se engenheiros civis, técnicos de edificação e construtores – isto é, uma apropriação tanto erudita quanto popular (SEGAWA, 2014 [1998], p. 141).

Em Pernambuco, a renovação da arquitetura dá-se em torno das figuras do carioca Acácio Gil Borsóe e do português Delfim Amorim. Transferindo-se para Recife em 1951, ambos arquitetos iniciaram atividades de docência neste mesmo ano na Escola de Belas Artes do Recife e tornaram-se mentores de uma “linha pernambucana”<sup>35</sup> de arquitetura. Neste momento, Recife ocupava a posição de principal centro comercial e industrial do Nordeste e destacava-se pela implantação de uma arquitetura contemporânea que não se opunha às construções do passado, fato que, segundo Bruand (2016 [1981], p. 146) não ocorria nos outros estados. O autor faz ressalvas, nesse caso, às obras do carioca Paulo Antunes Ribeiro e de Gilberbet Chaves, em Salvador. Aquela, inclusive, com repercussão internacional a partir de revistas e de Mindlin (1956) (BRUAND, 2016 [1981], p. 145-146) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 131-132) (FICHER; ACAYABA, 1982, p. 26).

Junto aos trabalhos de Paulo Antunes Ribeiro, na Bahia, Bruand (2016 [1981]) e Ficher e Acayaba (1982) somaram ainda obras dos baianos Diógenes Rebouças e José Bina Fonyat. Este último apontado por Bruand (1981) pela iniciativa na exploração de coberturas horizontais – como no Teatro Castro Alves, em Salvador (Ver Figura 9) –, que, mais tarde, foi empregada também por Niemeyer (BRUAND, 2016 [1981], p. 218). Segundo Ficher e Acayaba (1982), esses concentravam-se nesse primeiro momento de difusão da arquitetura brasileira, que, além dos centros de Salvador e Recife, no Nordeste, ocorreu com importantes resultados em outros centros. Em São Paulo, os esforços de Rino Levi, Oswaldo Bratke e Vilanova Artigas, por exemplo, destacam-se nesse sentido. (BRUAND, 2016 [1981], p. 217) (FICHER; ACAYABA, 1982, p. 27-36).

---

<sup>35</sup> Ibid., p. 132.

FIGURA 9: TEATRO CASTRO ALVES (1957-58/ BA), POR JOSÉ BINA FONYAT.



FONTE: SALVADOR NOTÍCIAS, 2018<sup>36</sup>.

Com o pós-guerra (1945), o Brasil beneficiou-se de um período econômico favorável que iniciaria uma série de transformações, com ênfase, as rápidas industrialização e urbanização do país. Em 1956, com a eleição de Juscelino Kubitschek à presidência, o incentivo a políticas desenvolvimentistas foi ainda maior e o projeto da nova capital, datada desde a época da independência, finalmente saiu do papel. Marcava-se, segundo muitos autores, um novo ciclo para a arquitetura do país.

## FICHER & ACAYABA, SEGAWA E BASTOS & ZEIN: A RETOMADA DA CRÍTICA

A partir de um período de inflexões, com início em meados da década de 1950, Niemeyer empreendeu em sua obra uma tendência de simplificação geométrica que se inclinou, com o passar dos anos, a uma arquitetura de volumes puros. Para Bruand (2016

<sup>36</sup> Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/-7FTPNSAu7Zk/UpZZprJ6uml/AAAAAACVoM/xd-sgflxjAI/s1600/TCA\\_AEREO\\_550.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-7FTPNSAu7Zk/UpZZprJ6uml/AAAAAACVoM/xd-sgflxjAI/s1600/TCA_AEREO_550.jpg)>. Acesso em: 14 fev. 2018.



[1981] p. 169), uma fase de pesquisas e evolução que culminaria em Brasília (1960), a maior expressão do arquiteto e da escola carioca no período. Concomitantemente, uma corrente brutalista, que apontava para uma “ruptura em relação à escola carioca e pela busca de uma expressão arquitetônica internacionalizada”, crescia nacionalmente (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 111).

Além da variedade de posturas, começam a aparecer vários indícios de desconforto com as formulações “canônicas” da modernidade, tanto no cenário brasileiro, como no mais amplo espectro internacional, já no imediato pós-Segunda Guerra; mas somente a partir de meados dos anos de 1950 esse descontentamento vai aflorar em novos caminhos arquitetônicos e formais (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 35).

FIGURA 10: MUSEU DE ARTE MODERNA - MAM (1954-67/ RJ), POR AFFONSO REIDY.



FONTE: CDN, 2018<sup>37</sup>.

Através da pujança econômica do segundo Pós-Guerra, juntamente com a consolidação que se estabelecia ao longo da primeira metade do século XX, São Paulo se tornava cada vez mais relevante na cena cultural brasileira. Porém, somente com a criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo/ MASP (1948), do Museu de Arte Moderna/ MAM-SP (1951) e da Bienal de Arte de São Paulo (1951), a cidade garantiu seu papel no campo das artes. São Paulo ampliava o ambiente de intercâmbio artístico dentro e fora do país e,

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://cdn.thecoolist.com/wp-content/uploads/2009/09/Rio-De-Janeiro-Museum-of-Modern-Art-by-Afonso-Reidy.jpg>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

assim, favorecia a difusão das novas correntes e concepções em discussão, a exemplo do Concretismo e do Brutalismo (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 37) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 105-106).

A primeira obra brasileira com boa parte das características do Brutalismo Paulista ocorre no Rio de Janeiro, em 1953. Com projeto de Affonso Reidy, o Museu de Arte Moderna (MAM-RJ) (Ver Figura 10) foi realizado em concreto aparente quando este ainda era uma novidade no país, uma transgressão. Tão logo essa tendência ganhou espaço na produção nacional e, na segunda metade dos anos 60, se estendeu para outras regiões além do Sudeste. Paulo Casé, Acácio Gil Borsói e João Filgueiras Lima (Lelé) seriam alguns de seus interlocutores (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 60, 111-112).

Outro fator que ampliou o contato com as ideias internacionais foi a contribuição de estrangeiros. Atraídos pela positiva imagem do país mundialmente, em virtude, especialmente, da exposição e catálogo Brazil Builds, literatos, artistas plásticos e arquitetos mudaram-se para o Brasil em razão da guerra. Desta última classe, são alguns dos nomes, o austríaco Bernard Rudofsky, o polonês Lukjan Korngold, o italiano Giancarlo Piretti, o tcheco Adolf Franz Heep e o português Delfim Amorim. Ainda entre os estrangeiros, os italianos Achilina (Lina) Bo Bardi, arquiteta, e Pietro Maria Bardi, crítico de arte e marchand (SEGAWA, 2014 [1998], p. 134-136).

FIGURA 11: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO - MASP (1957-68/ SP), POR LINA BO BARDI.



FONTE: A GAMBIARRA, 2018<sup>38</sup>.

A convite de Assis Chateaubriand para criar e organizar o Museu de Arte de São Paulo, o casal Bardi chegou ao Brasil em 1947. Entre as suas contribuições, está o

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.agambiarra.com/wp-content/uploads/2017/01/centros-culturais-sao-paulo-inaugurac%CC%A7a%CC%83o-2017-1170x480.jpg>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

lançamento da Revista Habitat, em 1950, a “revista das artes no Brasil”. Tratava-se da “primeira tentativa de crítica de arquitetura brasileira ‘independente’”<sup>39</sup>, ou seja, sem vínculos políticos, doutrinários ou de classe, cujos artigos acenderiam ainda mais os debates artísticos e culturais dos quais São Paulo já detinha a liderança. Lina também desenvolveu projetos de arquitetura muito marcantes para a época, como a residência do casal, em 1949, e a nova sede do MASP (Ver Figura 11), concluída em 1968. De 1958 a 1964, a arquiteta trabalhou em Salvador e elaborou alguns projetos museográficos e de restauro, a exemplo do Solar do Unhão, transformado em Museu de Arte Popular (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 37-40) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 136).

A inauguração de Brasília, em 1960, representou um grande marco na historiografia e na arquitetura, mas, além disso, também um ponto de mutação “que, se não foi provocado, certamente foi alimentado por ela”<sup>40</sup>. Os paradigmas vigentes eram questionados, alguns conceitos eram requalificados – como o de identidade nacional –, o papel social do arquiteto e os temas de urbanismo dominavam os debates (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 52). Ao mesmo tempo, a industrialização e urbanização crescentes motivavam o processo de regionalização e diversificação na arquitetura, desconstruindo a imagem da produção até então como a “mais fértil e unitária da arquitetura moderna brasileira”<sup>41</sup>.

Simultaneamente à construção de Brasília, devido à industrialização que se estende a todo o país, a linguagem arquitetônica de origens comuns vai se enquadrar em um novo contexto: diferenças econômicas, climáticas, tecnológicas e de programa conduzem a um processo de regionalização [...] Deixa de existir uma expressão dominante para a arquitetura brasileira, a qual vai dar lugar a uma produção diferenciada cuja lógica deve ser procurada em cada região (FICHER; ACAYABA, 1982, p. 48).

Recusando trabalhar com a idéia [sic] de modelos universalizantes, apátridas, aclimáticos, tais arquiteturas enfatizam a visão crítica das possibilidades criativas da adequação ao clima e das tecnologias disponíveis, buscando sempre uma simbiose entre a arquitetura “erudita”, aquela aprendida nas escolas, da qual conserva certo rigor e metodização de procedimentos, e a arquitetura “popular”, ou aquilo que ainda nos resta no modo de construir regional, o qual em nosso país nunca é puramente autóctone, mas o resultado de outros sincretismos, unindo as tradições portuguesa, indígena, negra e aquelas advindas das imigrações italiana, alemã etc. (Projeto, n. 104, out. 1987, p. 110).

Esta ideia de regionalização é diretamente associada a um processo de difusão de arquitetos dentro do território brasileiro, inicialmente apontada por Ficher (1982), porém mais detidamente abordada por Segawa (2014 [1998]) (Ver Diagrama 2). Com a positiva

---

<sup>39</sup> BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 38.

<sup>40</sup> Ibid., p. 52.

<sup>41</sup> FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982, p. 26.



repercussão internacional, durante a década de 1940, o prestígio da arquitetura cresceu e, desta forma, também as demandas por profissionais, as quais alcançaram seu auge em 1960, com a realização de Brasília. Nesse ínterim, expandiram-se as escolas de arquitetura e, com elas, as oportunidades de trabalho. Os profissionais que já se deslocavam para a realização de projetos em outras regiões passaram a contar também com a possibilidade da docência.

Assim, um significativo fluxo migratório partia dos grandes centros formadores (Rio de Janeiro e São Paulo) em direção às novas escolas, como por exemplo no Ceará e em Pernambuco. A experiência da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília (UNB) (Ver Diagrama 2), foi bastante particular nesse sentido: esta reuniu um corpo docente de jovens de vários estados, como Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo e, por essa razão, recebeu a qualificação de maior expressão do signo do deslocamento na arquitetura por Segawa (2014 [1998]). Da mesma forma, com o advento do Golpe Militar, em 1964, a interiorização de investimentos econômicos em busca da ocupação e integração de regiões mais isoladas, como o Centro-Oeste e a Amazônia, motivou novas movimentações (SEGAWA, 2014 [1998], p. 131-133).

DIAGRAMA 2: MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS DE ARQUITETOS DENTRO DO TERRITÓRIO DESTACADOS POR SEGAWA (2014 [1998]) EM SEU CAPÍTULO ARQUITETOS PEREGRINOS, NÔMADES E MIGRANTES.



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

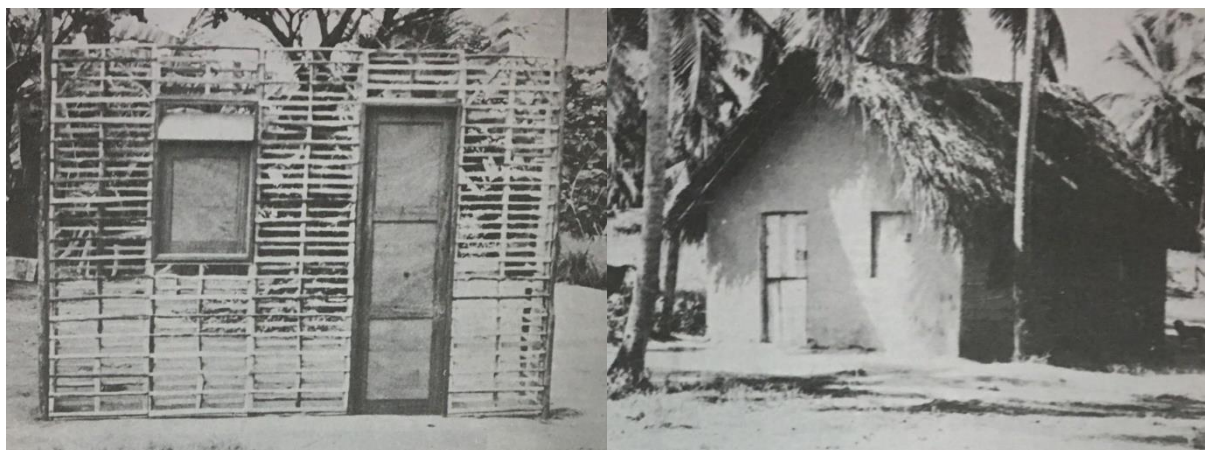
Ao mesmo tempo em que motivava algumas reformas e políticas de interiorização, a Ditadura Militar inibia as discussões e trocas sobre arquitetura por meio da censura. Diversas publicações especializadas que animavam os debates eram paulatinamente fechadas e isolava-se cada vez mais a atuação dos profissionais dentro e fora do país. Passados os primeiros anos, já por volta do final da década, vicissitudes econômicas que se estendiam por todo o mundo reduziram consideravelmente as demandas de trabalho dos arquitetos e, concomitante à abertura gradual do regime, a classe buscou a retomada das discussões de arquitetura e, especialmente, o reconhecimento das produções que se desenvolveram e diversificaram naqueles anos.

Cabe neste momento esclarecer que, embora o movimento moderno fosse hegemônico no Brasil, oficial até, por assim dizer, sempre houve defecções, sobretudo em manifestações regionais, como nos estados do Norte e Nordeste, e mesmo no Rio Grande do Sul (SPADONI, 2008).

Sobre estas manifestações, Ficher e Acayaba (1982) estruturam seu capítulo denominado “Tendências regionais após 1960”, que, a partir de uma ótica regional – Região Sul (São Paulo, Curitiba e Porto Alegre), Rio de Janeiro e Brasília, Região Nordeste (Salvador, Recife e Fortaleza) e Região Norte (Manaus) –, destaca arquitetos, obras e certas temáticas em discussão no país, como a industrialização na construção civil. A UNB, nesse sentido, fez ensaios além de seus edifícios com vistas em “criar tecnologias e soluções que pudessem ser generalizadas na construção de escolas e habitações de interesse social em todo o país”<sup>42</sup>.

Novas experiências com pré-fabricados surgiram e, junto a elas, também contrapontos com aquela produzida pela Universidade de Brasília. Havia divergências quanto aos processos de pré-fabricação que mais se adequariam à realidade brasileira, cujo excesso de mão de obra e a necessidade de desenvolvimento de tecnologias próprias e adequadas a cada região do país nem sempre eram consideradas. Um exemplo particular e recorrente na bibliografia é o sistema de pré-fabricação em taipa elaborado por Acácio Gil Borsói. Utilizado como solução para habitações de interesse social em Cajueiro Seco, Pernambuco, através de mutirões, logo foi visto como ameaça pelo regime militar (1964), assim como tudo que envolvia participação popular, e interrompido (Ver Figura 12) (BASTOS, 2015 [2010], p. 98-99).

FIGURA 12: HABITAÇÃO SOCIAL EM CAJUEIRO SECO (INÍCIO DA DÉC. 1960/ PE), POR ACÁCIO GIL BORSÓI.



FONTE: PROJETO, N. 66, AGO. 1984, P. 51-52.

Envolvido com as experimentações de industrialização na construção civil desenvolvidas na UNB, João Filgueiras Lima (Lelé) buscou aplicar novas técnicas de

---

<sup>42</sup> BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. Brasil: Arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 86.

moldagem, montagem e fixação, garantindo a racionalização em todas as suas etapas. Mesmo com sua demissão e de Niemeyer – diretor do Centro de Planejamento da Universidade de Brasília (Ceplan) – em 1965, pelo governo militar, Lelé continuou com as pesquisas nesse campo e tornou-se uma figura excepcional na área. Seu trabalho, referência na temática, tem significativos exemplos no Nordeste, como os que ocorrem em Salvador, no Centro Administrativo da Bahia (Ver Figura 13), com plano urbanístico de Lúcio Costa (FICHER; ACAYABA, 1982, p. 89) (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 86-90) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 177).

FIGURA 13: SECRETARIA DO CENTRO ADMINISTRATIVO DA BAHIA, POR JOÃO FILGUEIRAS LIMA (LELÉ).



FONTE: ITIRUÇU ONLINE, 2018<sup>43</sup>.

Ficher (1982), além de Segawa (2014 [1998]) e Bastos (2015 [2010]), sublinham, também na Bahia, a obra de Francisco Assis Reis. Responsável por projetos como a sede da Companhia Hidrelétrica do São Francisco – Chesf (Ver Figura 14) e o Centro Médico Albert Schweitzer, o arquiteto participa da estreia do Nordeste na Revista AU (Edição 6 – A grande festa) e traz o “Manifesto de um baiano”, no qual se intitula “arquiteto regionalista” e defende as características sócio-culturais, econômicas, tecnológicas e geográficas como determinantes nos trabalhos de arquitetura (AU, n. 6, jun. 1986, p. 32-36).

Preocupação semelhante ocorre em Acácio Gil Borsói e Delfim Amorim, que, juntos, operam na renovação da arquitetura iniciada em 1950, no Recife, e revelam uma derivação da linha carioca com uma linguagem própria, a qual Segawa (2014 [1998], p. 132) intitula “linha pernambucana”. Esta forma uma nova geração de arquitetos e, inclusive, ultrapassa as fronteiras do estado. Entre os nomes, Reinaldo Esteves, Vital Pessoa de Melo,

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://itirucuonline.com/estado-cria-nucleos-territoriais-de-educacao-na-bahia/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.



Jório Cruz, Élvio Polito e Armando de Holanda. Este último reuniu seus estudos numa “espécie de guia sobre os problemas da arquitetura nos trópicos”, o Roteiro para Construir no Nordeste, lançado em 1976 (FICHER; ACAYABA, 1982, p. 85-101) (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 252-253).

FIGURA 14: SEDE DA COMPANHIA HIDRELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO – CHESF (1978/ BA), POR FRANCISCO ASSIS REIS.



FONTE: FLICKRIVER, 2018<sup>44</sup>.

Outro centro do Nordeste destacado na historiografia é o Ceará, o qual é incluído de fato nas narrativas (Fortaleza aparece anteriormente em Brazil Builds com um projeto residencial de Niemeyer) através de Ficher e Acayaba (1982). Os primeiros arquitetos com formação moderna (ENBA) a trabalhar na cidade foram José Liberal de Castro e Neudson Braga, responsáveis pela fundação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Ceará. Novas migrações – como já observado por Segawa (2014 [1998]) – trouxeram mais e mais profissionais. Brasília e São Paulo foram alguns dos pontos de partida e, entre aqueles de atuação mais significativa, especialmente quanto às soluções climáticas, estão Gerard e Nícia Bormann, também do Rio de Janeiro. A existência de uma faculdade propiciou uma nova geração cujas atuações deram continuidade às premissas regionalistas, como Paulo Cardozo, Fausto Nilo, Nelson Serra e José Alberto de Almeida (FICHER; ACAYABA, 1982, p. 102-105).

Não se pode negar que a discussão internacional em torno do pós-modernismo contribuiu para o arejamento dos debates no Brasil. Entretanto, é preciso verificar até que instância essa polêmica teve repercussão na virada

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.flickrriver.com/photos/93256055@N00/sets/72157660100451697/>>. Acesso em 21 mar. 2018.

dos anos de 1970 para os de 1980. Esses debates – fortes nos países desenvolvidos e tímidos no ambiente local –, por si só, não alimentaram as mudanças e não explicam as transformações constatadas na arquitetura brasileira da década de 1980. A questão pós-moderna abriu as sensibilidades e a tolerância com a diversidade de posicionamentos, com a apreensão e compreensão de outras formas de instrumentar o raciocínio do projeto (SEGAWA, 2014 [1998], p. 191).

Além do reconhecimento das diversas produções do país, outra inquietação dessas últimas décadas do milênio foi a aproximação com os países vizinhos. No início da década de 1980, despontava, na América Latina, o retorno das discussões, bem como certa necessidade de estreitar as relações com o que vinha sendo produzido nos vizinhos latinos. Em 1985, por exemplo, ocorria o primeiro Seminário de Arquitetura Latino-Americana (SAL) com arquitetos e críticos da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, na tentativa de “encontrar uma base comum de uma possível identidade arquitetônica latino-americana”<sup>45</sup>.

Antes destes encontros do SAL, uma exposição organizada, em 1983, pela Revista Projeto<sup>46</sup>, em associação com o Centro de Arte Y Comunicación (CAYC), de Buenos Aires, representaria o ponto de partida para rearticulação desses debates. Essa mostra, intitulada Arquitetura Brasileira Atual, expôs um panorama brasileiro de arquitetura de duas décadas e, depois de sua inauguração em Buenos Aires, percorreu algumas capitais do Brasil (SEGAWA, 2014 [1998], p. 194) (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 243).

Entre as contribuições das discussões promovidas pelos SAL, uma das mais importantes para Bastos (2015 [2010]), foi a “proposição do conceito de ‘modernidade apropriada’ cunhado e desenvolvido por Cristián Fernández Cox”<sup>47</sup>. A grosso modo, uma atitude de ajuste da modernidade de modelos estrangeiros às reais necessidades e possibilidades locais, fator especialmente observado nas produções regionais. Neste ponto do livro, inclusive, as autoras fazem uma menção direta às regiões Norte, Sul e Nordeste e apresenta as obras de Severiano Porto, na Amazônia, Cláudio Gomes Araújo e Cláudia Obino Correa, no Rio Grande do Sul, Borsói, Delfim e Holanda, em Recife, e Assis Reis e Joaquim Guedes, em Salvador, como ilustração do conceito (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 244-258).

---

<sup>45</sup> BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 243.

<sup>46</sup> A edição especial de dez anos da Revista Projeto, número 42, de 1982, apresentou uma matéria com o mesmo título (Arquitetura Brasileira Atual) sob autoria de Ruth Verde Zein. Segundo a autora, pretendia-se “contribuir para a ampliação do debate crítico e estético da produção arquitetônica recente, e para seu estudo e documentação” (Projeto, n. 42, 1982, p. 106).

<sup>47</sup> BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 244.

Com a retomada dos debates na virada do século, outra ferramenta eficiente na indicação do “surgimento de novas tendências e posturas, ajudando a compreender melhor o estado da arte da arquitetura daquele momento”<sup>48</sup>, foi a realização de concursos. Um marco, neste sentido, é o concurso para o Pavilhão do Brasil na Feira de Sevilha de 1992. Lançado em 1990, este apontou como vencedora uma proposta bastante debatida e contestada naquele momento, porém de autores e obras igualmente elogiados por sua atuação uma década depois. Esses agora eram vistos como “representantes de uma nova geração de talentosos arquitetos cujas propostas parecem ter-se consolidado em uma das tendências mais importantes do começo do século XXI”<sup>49</sup>. Tratava-se de uma produção que denotava maior adaptabilidade, compreensão do território e inteligência no uso de materiais associados a um repertório criativo, dentro da tradição local, mas, ainda assim, com linguagem própria (BASTOS; ZEIN, 2015 [2010], p. 285, 289-292).

Sevilha, como dissemos, estabeleceria o fim do mal-estar, porém não sem deixar rastros visíveis até hoje. Com esse concurso nós nos dávamos conta, quase uma década depois, que a arquitetura produzida no período, e referimo-nos à transição entre as duas décadas, sofreria com a imprecisão dos conceitos. Não conseguia se postar criticamente diante do movimento moderno, pela evidente falta de distanciamento histórico e só poderia se colocar diante do novo debate internacional comentando suas imagens, já que não tínhamos partido dos mesmos problemas (SPADONI, 2008).

Tem-se, neste momento, um panorama geral dos caminhos traçados nas narrativas até a chegada nesses anos de diversidade e reconhecimento da arquitetura como foram as décadas de 1980 e 1990. Como pôde-se perceber, regiões fora do eixo Rio-São Paulo, como a Nordeste, são limitadas a alguns episódios, arquitetos e territórios. De um lado, a obra de Luís Nunes nos primeiros anos do Movimento Moderno, em Recife, do outro, a renovação da arquitetura neste mesmo centro, com Borsói e Amorim; no mais, algumas atuações de destaque, especialmente de arquitetos estrangeiros ou do Sudeste, também nos centros de Salvador e Fortaleza. Paraíba e Alagoas aparecem raramente e, em alguns casos, arquitetos de gerações posteriores. Como cita Bastos (2015 [2010], p. 292), “a diversidade veio para ficar; talvez até sempre tenha estado ali”, mas não era percebida com a mesma clareza sem o devido distanciamento. Resta agora relançar os olhos a esses anos e, deles, buscar um maior aprofundamento e, para tal, novos textos, juntamente com as revistas especializadas, guiarão uma outra leitura sobre essa produção, como apresentado no Capítulo 3.

---

<sup>48</sup> Ibid., p. 285.

<sup>49</sup> Ibid., p. 290.



## CAPÍTULO 2.

# O OBJETO E A INVESTIGAÇÃO

- › (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPA DAS REVISTAS PROJETO (N. 13, JUN./JUL. 1979), AU (N. 2, ABR. 1985), PROJETO (N. 31, JUN. 1981), AU (N. 22, FEV./MAR. 1989), AU (N. 30, JUN./JUL. 1990), PROJETO (N. 55, SET. 1983), AU (N. 79, AGO./SET. 1998), PROJETO (N. 127, NOV. 1989).

Fonte: Acervo LaPEM (adaptado pela autora).



No Brasil, o desenvolvimento das revistas especializadas assume um importante papel nas discussões de arquitetura e divulgação desta, em especial nos anos de retomada da crítica, já no fim do século XX. Assim, as revistas especializadas, “documentos anteriores à construção do paradigma”<sup>50</sup>, “cujo frescor provê elementos novos e enfoques particulares sobre a matéria”<sup>51</sup>, apresentam novas possibilidades de estudo e informação sobre o conteúdo da arquitetura, principalmente nesses anos da arquitetura contemporânea, como aqui tratado.

La importancia de estas colecciones permite saber qué proyectos se realizaron y cuáles quedaron en el tintero, ya que en ellas se refleja la época, la memoria de cómo fue planteado un determinado tema, de qué modo fue enfocado por quienes manifestaron sus ideas para un programa arquitectónico y, simultáneamente, los lectores interesados tendremos oportunidad de repasar la crítica y la lectura de antaño, tan distante de la actual (GUTIÉRREZ; MÉNDEZ, 2009, p. 6).

Este capítulo se detém ao objeto de pesquisa (os periódicos especializados) e à sua investigação e os expõem em três subcapítulos. O primeiro subcapítulo, *As Revistas Especializadas De Arquitetura No Brasil*, traz um panorama inicial deste tipo de publicação no país e as principais fases pelas quais passam as temáticas e discussões. O segundo subcapítulo, *As Revistas Projeto E AU*, estreita essas informações panorâmicas às fontes documentais deste trabalho e traz uma aproximação com sua estrutura e corpo editorial. O terceiro subcapítulo, *Acervo, Levantamento E Sistematização De Dados*, ocupa-se da metodologia relacionada à consulta das revistas.

## AS REVISTAS ESPECIALIZADAS DE ARQUITETURA NO BRASIL

“O aparecimento da “Architectura no Brasil” é, sem dúvida, um ousado cometimento no nosso meio, onde a arquitetura se acha ainda nos seus primeiros dias”<sup>52</sup>.

<sup>50</sup> TINEM, Nelci. **Arquitetura Moderna Brasileira**: a imagem como texto. Arquitextos. [online]. São Paulo, n. 072.02, Vitruvius, mai. 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/352>>. Acesso em: 04 out. 2017.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> REVISTA ARCHITECTURA NO BRASIL. Rio de Janeiro, n. 1, out. 1921, p. 1.

Assim, no ano de 1921, o engenheiro civil M. Moura Brasil do Amaral, diretor da Architectura no Brasil, apresenta, no editorial Nossa Diretriz da edição inaugural, o primeiro periódico especializado de arquitetura lançado no país (Ver Figura 15). Com sede no Rio de Janeiro, a revista foi veiculada até 1926 e, apesar do enfoque às questões estéticas<sup>53</sup>, tratava de conteúdos variados: desde temas técnicos – de saneamento e infraestrutura – até discussões sobre a profissão<sup>54</sup> (SIOLARI, 2016, p. 7).

FIGURA 15: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPAS DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DAS REVISTAS ARCHITECTURA NO BRASIL (1921), KOSMOS (1904) E FON-FON (1907).



FONTE: BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL, 2017<sup>55</sup>.

A divulgação e construção de uma cultura arquitetônica por meio de revistas, no entanto, é anterior. Em princípios do século XX, a reestruturação do espaço urbano do Rio de Janeiro e reformulação de sua arquitetura, idealizadas pelas reformas do então prefeito Pereira Passos (1902-1906), são apresentadas e discutidas em diversas revistas ilustradas. A Renascença, O Malho, Selecta, Kosmos e Fon-Fon, por exemplo, exibem inúmeras

<sup>53</sup> “... no período que vai de 1900 a 1930 aproximadamente, a arquitetura no Brasil passou por um certo número de vicissitudes. Os estilos históricos justapuseram-se ou sucederam-se num ritmo impressionante, sem conseguir lançar bases duráveis. [...] Os primeiros sintomas de um despertar propriamente brasileiro e de uma procura de unidade estilística só começaram a manifestar-se a partir de 1920, quando aos poucos o movimento neocolonial foi se impondo” (BRUAND, 2016 [1981], p. 59).

<sup>54</sup> A Sociedade Central dos Arquitetos (SCA) e o Instituto Brasileiro de Arquitetos (IBA) – que em 1926 se fundiram no Instituto Central de Arquitetos, mais tarde Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) –, assim como os professores de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, tinham espaço na publicação de artigos, cuja maioria girava em torno da luta pelo reconhecimento e regularização da profissão, a qual só ocorre em 1933 com a criação do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (Confea) (SIOLARI, 2016, p. 6-7) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 130).

<sup>55</sup> Da Esquerda Para a Direita: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/3024309633251/I0000001-2Alt=002971Lar=001884LargOri=004490AltOri=007080.JPG>>. Acesso em: 22 fev. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/587104010263/I0000001-2Alt=002293Lar=001884LargOri=003808AltOri=004634.JPG>>. Acesso em: 22 fev. 2017. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/5819407294107/I0000001-2Alt=002797Lar=001884LargOri=002122AltOri=003150.JPG>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

reportagens – fotográficas ou escritas –, crônicas e artigos sobre a cidade e os novos edifícios, instaurando uma espécie de diálogo com a sociedade (RICCI, 2007).

Dentre as revistas ilustradas, a *Kosmos* (Ver Figura 15), publicada a partir de 1904, e a *Fon-Fon* (Ver Figura 15), publicada a partir de 1907, foram de contribuição mais notória para a arquitetura, seja através da divulgação de concursos e obras, seja através de colunas didáticas, como a série “Estilos em Arquitetura”, editada pela *Kosmos*. Séries como essa popularizavam, inclusive, alguns termos técnicos relacionados aos estilos arquitetônicos e artísticos da época, reduzindo, assim, os equívocos em seu emprego (JUNIOR, 2009, p. 5).

Através de inúmeras reportagens sobre as reformas urbanas, de abundante ilustração e crônicas sobre os novos edifícios, as revistas tinham uma clara missão de “formar o gosto” e assim ampliar a atuação de Pereira Passos através do exercício de uma pedagogia estética. O espaço arquitetônico, veiculado por praticamente todo o periodismo em geral e pelas revistas em particular, são um exemplo deste caráter pedagógico: símbolo de um tempo de aprendizagem por excelência. Assim, e ainda que superficialmente, quando as revistas divulgavam as “novas” formas de organização espacial, a orientação da população era o principal e evidente objetivo (JUNIOR, 2009, p. 3).

Acompanhando esta tendência de especialização do conteúdo da arquitetura, é lançada, em 1923, a revista *A Casa*, dedicada à arquitetura, à engenharia e às artes decorativas, que, além de apresentar concursos e congressos, traduzia artigos de outras publicações estrangeiras. Logo depois, são publicadas: *Arquitetura: Mensário de Arte*, em 1929, por alguns alunos egressos da Escola Nacional de Belas Artes; *Revista Municipal de Engenharia*, em 1932, pela Prefeitura do Distrito Federal<sup>56</sup>; *Revista de Arquitetura da ENBA*, em 1934, pela própria instituição, após a passagem de Lúcio Costa pela direção; e *Arquitetura e Urbanismo*, em 1936 (JUNIOR, 2009, p. 8-10).

Na década de 1950, a arquitetura passou a manifestar-se como um tema autônomo e os periódicos não mais voltavam-se apenas a alguns de seus aspectos, como nas tradicionais revistas de decoração, engenharia e construção (SEGAWA, 2014 [1998], p. 130). Neste período, ocorre uma grande agitação e ampliação da atividade editorial voltada às revistas de arquitetura, que, entretanto, perde força na década seguinte<sup>57</sup>, em virtude de problemas políticos relacionados ao regime militar. Muitas das publicações foram fechadas.

<sup>56</sup> “Rebatizada depois com a abreviatura *PDF* (Prefeitura do Distrito Federal), a revista tornou-se o primeiro periódico de divulgação da arquitetura moderna no Brasil (jamais publicou projetos academicistas) e pioneira no trato de assuntos urbanísticos, trazendo experiências de outras cidades do mundo e as propostas para o Rio de Janeiro” (SEGAWA, 2014 [1998], p. 81, grifo do autor).

<sup>57</sup> Apesar de superadas as dificuldades de comercialização e aquisição de assinantes comuns em décadas anteriores, as publicações enfrentavam problemas frequentes de custo e recorriam à grande quantidade de publicidade e a apelos por novos anunciantes, fato que prejudicava sua qualidade formal. Além disso, sofriam com o problema da formação de um corpo crítico, visto que se apoiavam majoritariamente em colaboradores voluntários, não remunerados e intermitentes, dificultando uma atividade consistente nas revistas (DEDECCA, 2012, p. 80-84).

Entre as mais duráveis aparecem: a Acrópole (SP, 1938-1971) – revista de maior circulação na época – (Ver Figura 16); a Arquitetura e Engenharia (BH, 1946-1965); a Habitat (SP, 1950-1965) – dirigida inicialmente pelo casal Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, em suas quinze primeiras edições – (Ver Figura 16); a Brasil Arquitetura Contemporânea (RJ, 1953-1958); a AD - Arquitetura e Decoração (SP, 1953-1958); a Módulo (RJ, 1955-1965/ 1975-1986) – do grupo de Oscar Niemeyer – (Ver Figura 16); a Brasília (RJ, 1957-1962); a Arquitetura (RJ, 1961-1966) (DEDECCA, 2012, p. 79).

FIGURA 16:(DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPAS DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DAS REVISTAS ACRÓPOLE (1938), HABITAT (1950) E MÓDULO (1955).



FONTE: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) BIBLIOTECA FAU-USP; LINA BO BARDI TOGETHER; PÁTINA DO TEMPO, 2017<sup>58</sup>.

Apesar de principiante – com algumas exceções – este ramo da imprensa periódica brasileira ganhará um peso importante na estruturação das mudanças em andamento no campo intelectual e arquitetônico nestes anos 1950. Estas publicações ocupam posições centrais no debate arquitetônico do período, enquanto espaços privilegiados de produção e difusão de conteúdos críticos, local e nacionalmente (DEDECCA, 2012, p. 86).

Nos anos seguintes, “num tempo de generalizada desconfiança e perseguição policialesca, no qual o criticar era uma atitude reprimida ou interpretada como delação política” (SEGAWA, 2014 [1998], p. 191), os diálogos internacionais ou nacionais eram cada vez menores. Como cita Segawa (2014 [1998]), a última revista da “fase heroica” da arquitetura brasileira, a Acrópole, deixa de circular em 1971 e os arquitetos brasileiros ficam sem nenhum

<sup>58</sup> Da esquerda para a direita: Disponível em <<http://www.acropole.fau.usp.br/>>. Acesso em: 13 set. 2017. Disponível em: <[http://linabobarditogether.com/wp-content/uploads/2012/08/WT\\_1950\\_Habitat\\_web-393x500.png](http://linabobarditogether.com/wp-content/uploads/2012/08/WT_1950_Habitat_web-393x500.png)>. Acesso em: 13 set. 2017. Disponível em: <[https://patinadotempo.files.wordpress.com/2010/05/bvraros\\_modulo.jpg](https://patinadotempo.files.wordpress.com/2010/05/bvraros_modulo.jpg)>. Acesso em: 13 set. 2017.

periódico regular. Sem a pluralidade de discussões que marcavam as revistas de épocas anteriores, em 1973, é lançada a CJ Arquitetura e, em 1975, relançada a revista Módulo.

Em 1979, um grupo de arquitetos mineiros inicia a publicação da revista Pampulha, cujo título referenciava a principal obra de Oscar Niemeyer em Minas Gerais. Tratava-se de uma revista de conteúdo editorial independente, contudo, que se configurava em uma difusa e não-direcionada discussão arquitetônica. Os primeiros passos para uma nova crítica são dados em seguida, com o lançamento da Revista Projeto (1977) e reforçados, mais à frente, com a revista AU (1985) (SEGAWA, 2014 [1998], p. 194).

A consolidação de uma revista de arquitetura independente (desvinculada de entidades profissionais ou universidades) durante os anos de 1980 – a Projeto, lançada oficialmente em 1977, mas cuja origem remonta ao ano de 1972, como um periódico do Sindicato dos Arquitetos do Estado de São Paulo – caracterizou o renascer da discussão arquitetônica em seus termos mais específicos. Pouco a pouco, a pauta arquitetônica como um problema de desenho – e não de sociologia ou ciência política – retomava o fôlego mediante um veículo de comunicação específico de circulação nacional. Esse fenômeno foi reforçado a partir de 1985 com o lançamento da Revista AU – Arquitetura e Urbanismo, também em São Paulo (SEGAWA, 2014 [1998], p. 193-194).

## AS REVISTAS PROJETO E AU

A partir de uma ideia de Alfredo Paesani, então presidente do Sindicato dos Arquitetos de São Paulo, em fazer um boletim informativo para o sindicato, Vicente Wissenbach assumiu a publicação e, em início de 1972, lançou o jornal Arquiteto. Num momento em que todas as revistas de arquitetura haviam fechado, o jornal contornou diversas crises e, pressionado a crescer pelas exigências dos arquitetos por maior espaço de publicação, inclusive da produção arquitetônica, criou, em 1977, um encarte exclusivo para os projetos – o projeto-piloto da revista Projeto (PIRES, 1982).

Foram editados, ao todo, nove suplementos da revista Projeto. E, a começar pela edição 11 (o suplemento número dez não foi publicado), em 1978, surgiu a revista independente. Esta primeira edição ainda dividia espaço com o Jornal Arquiteto, no entanto, aos poucos o jornal foi incorporado à publicação e o projeto gráfico passou a dar mais ênfase ao nome da revista (Ver Figura 17). Da mesma forma, o conteúdo foi expandido e não só passou a apresentar os problemas da categoria, suas discussões, anseios e críticas, mas



também as produções arquitetônicas pelo Brasil e os debates em torno do ensino, das escolas, dos congressos, dos encontros (PIRES, 1982).

FIGURA 17: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPAS DAS EDIÇÕES 11 (1978), 12 (1979) E 13 (1979) DA REVISTA PROJETO.



FONTE: ACERVO LAPEM.

Em relação à crítica, a revista ganhou relevo especialmente com a entrada de Ruth Verde Zein e Hugo Segawa no corpo editorial, a partir do exemplar número 41, de 1982. Juntos, os arquitetos são responsáveis por importantes textos panorâmicos e de críticas, principalmente nas publicações especiais e comemorativas. A edição 42 (1982) (Ver Figura 18), por exemplo, comemorativa dos dez anos do Arquiteto/ Projeto, traz um ensaio de uma década de arquitetura, intitulado “Arquitetura Brasileira Atual”. No ano seguinte, a revista Projeto, junto ao CAYC (Centro de Arte Y Comunicación), de Buenos Aires, promove uma mostra de mesmo nome, “Arquitetura Brasileña Actual”, a qual é retomada em um suplemento especial na edição 53 (1983) (Ver Figura 18).

Os projetos enviados pelos arquitetos para a exposição “Arquitetura Brasileña Actual”; promovida pelo CAYC e revista Projeto resultaram numa amostragem ampla e diversificada, tanto nas concepções arquitetônicas como nas regiões do país. Apesar dos quase 300 projetos reunidos para o evento, temos apenas parte da produção da arquitetura brasileira, aquela mais conhecida e divulgada, situada nos locais mais urbanizados, através de seus profissionais de maior experiência. Ainda assim, foi reunido um material bastante significativo sobre os anos 70, onde se nota a expansão e diversificação da atividade do arquiteto nesse período (ZEIN, 1983).

Outros panoramas foram lançados ainda na década de 1980, como na edição 104 (1987) (Ver Figura 18). Nesta, Ruth Verde Zein faz uma avaliação da arquitetura dos quinze anos anteriores em artigo chamado “O futuro do passado, ou as tendências atuais”. Outra constante nas revistas foram as seções com temas mais específicos. Houve especiais sobre arquitetura de alguns estados: arquitetura carioca (n. 46, 1982), arquitetura gaúcha (n. 50,

1983), arquitetura miner (n. 81, 1985), arquitetura do Paraná (n. 89, 1989); sobre programas específicos: arquitetura bancária (n. 63, n. 67, n. 70, 1984) (n. 109, 1988), edifícios residenciais (n. 98, 1987) (n. 111, 1988) (n. 122, 1989), embaixadas (n. 108, 1988) (n. 127, 1989); shoppings centers (n. 108, 1988), (n. 119, 1989); sobre arquitetos – nos planos nacional e internacional –; sobre concursos; isso para citar alguns.

FIGURA 18: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPA DA EDIÇÃO 42 (1982), SUPLEMENTO ESPECIAL DA EDIÇÃO 53 (1953) E CAPA DA EDIÇÃO 104 (1987) DA REVISTA PROJETO.



FONTE: ACERVO LAPEM.

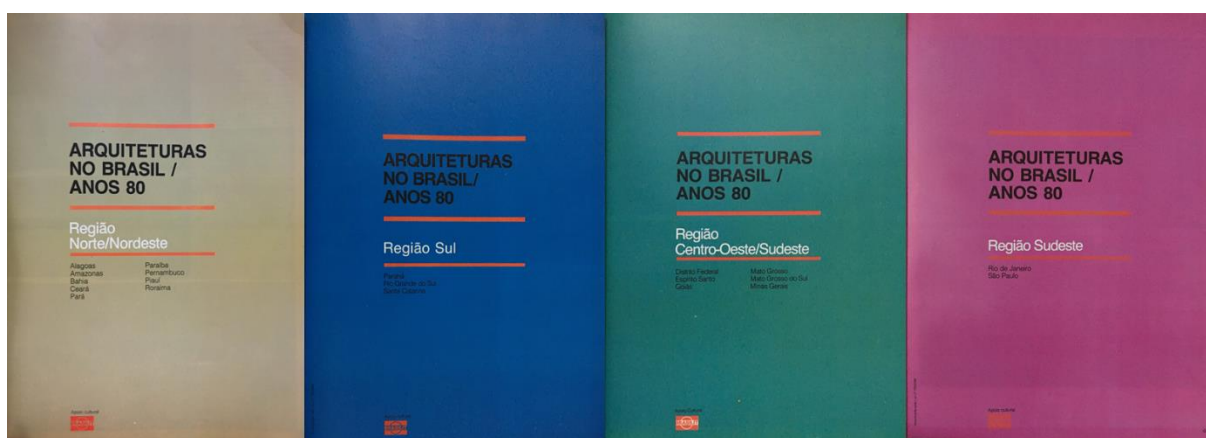
Vale ressaltar, em termos de suplementos especiais, os cadernos regionais Arquiteturas no Brasil/ Anos 80, distribuídos entre quatro edições da revista – do número 114 ao 117 –, em 1988 (Ver Figura 19). Estes apresentam as tendências da arquitetura brasileira dos dez anos anteriores a partir de uma divisão regional e compõem um “retrato panorâmico das respostas que os arquitetos apresentam para a construção do espaço brasileiro” e, como detalhado na edição, “respostas contundentes, inesperadas, convencionais, elitistas, especulativas, racionais, românticas, rústicas, tecnológicas, enfim, rótulos que seriam incapazes de descrever o conjunto de obras produzido desde o final dos anos 70 até o presente” (PROJETO, n. 114, 1988, p. 102).

O primeiro caderno traz as regiões Nordeste e Norte, porém sem incluir todos os estados. Aparecem somente Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Amazonas, Pará e Roraima. Trata-se das produções além do triângulo São Paulo-Minas Gerais-Rio de Janeiro que incluem ainda os “centros irradiadores”<sup>59</sup> de Fortaleza, Recife e Salvador. O segundo caderno apresenta a região Sul na totalidade de seus estados, enquanto o terceiro inclui novamente duas regiões, neste caso a Centro-Oeste e a Sudeste. Esta somente com

<sup>59</sup> PROJETO, n. 114, 1988, p. 102.

os estados de Espírito Santo e Minas Gerais. O quarto e último caderno, também referente ao Sudeste, traz as produções de São Paulo e Rio de Janeiro, que, por serem mais divulgadas e, portanto, conhecidas, assumem uma preocupação diferente em relação às demais: à revisão dos principais edifícios dos anos 80, é acrescida uma preocupação em revelar os novos talentos na região. Após sua conclusão, a série foi pulicada em um fascículo junto a análises, observações e críticas de diversos autores em complemento a esta reflexão. Com publicação pela Projeto Editores, o livro foi lançado com o título *Arquiteturas no Brasil/ Anos 80*.

FIGURA 19: SUPLEMENTOS ESPECIAIS ARQUITETURAS NO BRASIL/ ANOS 80 NAS EDIÇÕES 114 A 117 (1988), RESPECTIVAMENTE, DA REVISTA PROJETO.



FONTE: ACERVO LAPEM.

Em janeiro de 1985, outro produto editorial une-se à Projeto nesses anos de retomada da crítica: a revista *AU-Arquitetura e Urbanismo*. Idealizada pelo arquiteto Mário Sérgio Pini com o apoio de seu pai, Sérgio Pini, o periódico “se constitui num segmento especializado dentro do trabalho de cobertura jornalística das revistas *A Construção*, dirigido especificamente ao campo de interesse profissional dos arquitetos”<sup>60</sup> e, como o mesmo ressalta, “ocorre às vésperas de uma nova administração do país”<sup>61</sup>.

Após longos anos sob regime militar, o Colégio Eleitoral elege o candidato do PMDB, Tancredo Neves, à presidência, que, vítima de uma grave doença, falece e não chega a tomar posse. Seu então vice, José Sarney, assume o poder e inicia o período conhecido como Nova República. O Brasil se redemocratiza e, como cita José Wolf<sup>62</sup> em artigo

<sup>60</sup> Apresentação por Mário Sérgio Pini, Revista AU, n. 1, jan. de 1985.

<sup>61</sup> Ibid., 1985.

<sup>62</sup> José Wolf (1937/2012) foi um jornalista fundador da revista AU. Dedicou 27 anos de sua vida profissional à difusão da arquitetura como fato cultural e atuou como diretor nas 15 primeiras edições da revista. Disponível em: <<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/226/artigo275929-4.aspx>>. Acesso em: 11 jul. 2017.



comemorativo de vinte anos da revista<sup>63</sup>, surge a AU com seu logotipo nas cores azul e verde e apoiada numa linguagem jornalística quase informal, atrelada ao cenário político nacional (Ver Figura 20).

FIGURA 20: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) CAPAS DAS EDIÇÕES 01, 02 E 03 (1985) DA REVISTA AU.



FONTE: ACERVO LAPEM.

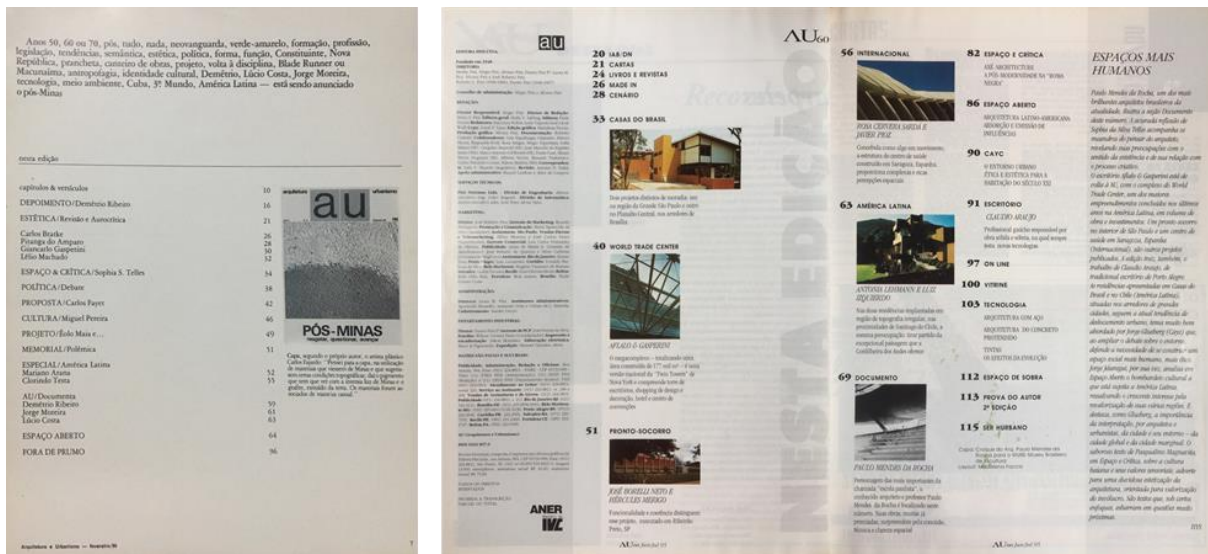
Com os quinze primeiros números sob edição geral de José Wolf, a revista seguiu, inicialmente, uma linha temática, que garantiu a presença de temas bastante diversos nas discussões (Brasília, Habitação, Ensino, Amazônia, Niemeyer, etc.). A sexta publicação, inclusive, teve como tema a arquitetura baiana e, com a chamada de capa A Grande Festa, marcou a estreia do Nordeste na revista. Outros estados da região foram contemplados em especiais de edições posteriores, como Pernambuco (n. 21, 1988), Paraíba (n. 79, 1998) e Alagoas (n. 85, 2000). Da mesma forma, alguns profissionais também ganharam menção especial, a exemplo de Francisco Assis Reis, na Bahia, e Acácio Gil Borsóí, em Pernambuco, (WOLF, 2005).

Passadas as edições temáticas, a AU assume uma diversificação nos conteúdos ao mesmo tempo em que aperfeiçoa e segmenta cada vez mais suas seções (Ver Figura 21). Um exemplo é a seção *Materiais e Técnicas*, que, na edição 16 (1988) trata das tecnologias a partir de projetos e discussões envolvendo materiais e técnicas construtivas, e, na década seguinte, já aparecem com maior especificidade, como a *Arquitetura do Aço* e a *Arquitetura do Concreto Protendido*. Vale mencionar que esta linearidade nos tópicos, assim como de seu ordenamento na revista, (dificilmente as seções eram reordenadas e, no caso de subdivisões, elas mantinham-se na posição da seção anterior) muito contribui no processo de

<sup>63</sup> WOLF, José. Uma história para celebrar, rever e relembrar. **Revista AU**. São Paulo, n. 137, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/137/artigo22205-1.aspx>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

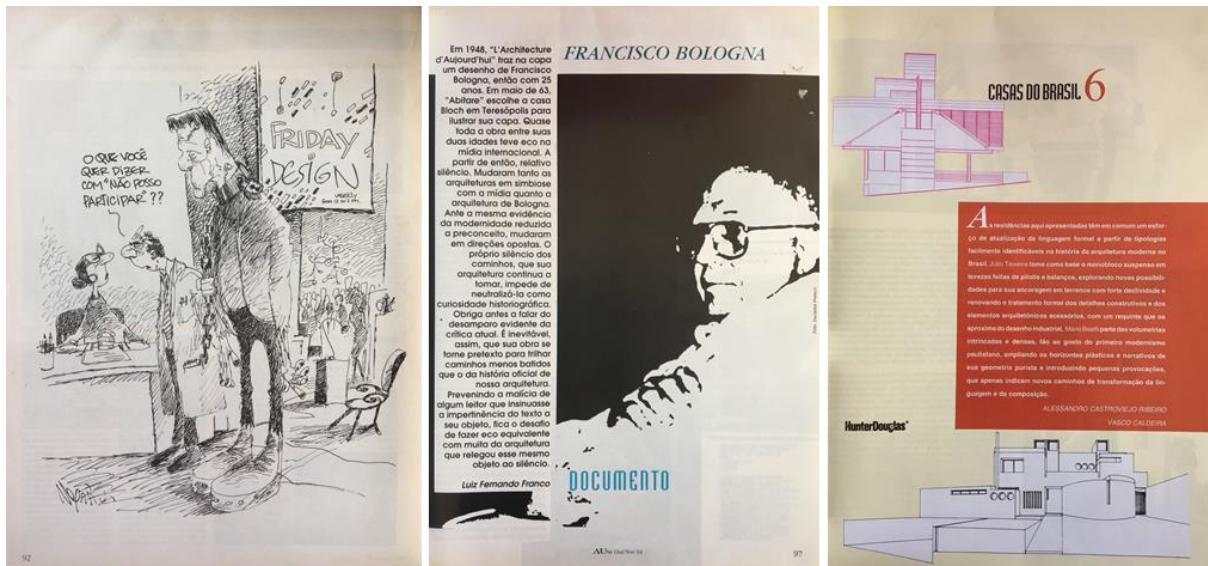
levantamento deste periódico. A leitura do exemplar e busca por informações era bastante facilitado.

FIGURA 21: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) SUMÁRIOS DAS EDIÇÕES 4 (1986) E 60 (1995) DA REVISTA AU.



FONTE: ACERVO LAPEM.

FIGURA 22: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) SEÇÕES FORA DE PRUMO (N. 36, 1991), DOCUMENTO (N. 56, 1994) E CASAS DO BRASIL (N. 56, 1994) DA REVISTA AU.



FONTE: ACERVO LAPEM.

Neste sentido, as seções foram um ponto de interesse no estudo da AU. Por essa razão convém destacar algumas, como a seção *Espaço Aberto*, inaugurada na edição 3 (1985) e voltada à publicação de artigos, teses e reflexões de arquitetos, urbanistas, críticos e historiadores nacionais e internacionais; e a seção *Documento* (Ver Figura 22), inaugurada na edição 16 (1988) e um dos carros-chefes da revista. Esta seção apresentava grandes

nomes do modernismo nacional e fazia um panorama de sua obra. A primeira, por exemplo, dedica-se aos irmãos M.M.M. Roberto.

Sobre outras seções: a *Cenário* mostra um panorama nacional e internacional do campo da arquitetura em breves abordagens; a *Ser Hurbano* e a *Propostas, Projetos e Sonhos*, apresentam brevemente projetos de arquitetura e, no caso desta última, sugestões dos leitores; a *Fora de Prumo* (Ver Figura 22), que ocorre nas edições iniciais, traz charges sobre assuntos tratados no exemplar – muitas delas de autoria de Negreiros, também desenvolvedor de algumas capas temáticas; a *América Latina* e a *Internacional*, promove uma aproximação com estas produções; a *Casas do Brasil* (Ver Figura 22) destaca o programa residencial nas diversas regiões do país, apesar da predominância de São Paulo; a *Arquitetura com Aço* (mais tarde *Aço*) e a *Arquitetura do Concreto Protendido* (mais tarde *Concreto Protendido*) priorizam projetos destes materiais, bem como técnicas e detalhes construtivos relacionados.

## ACERVO, LEVANTAMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS

Como exposto na Introdução, o Laboratório de Projeto, Ensino e Memória (LaPEM) detém de um acervo de revistas especializadas em construção que constitui o material de levantamento desta pesquisa. No caso da Revista AU, algumas edições indisponíveis nesse acervo encontram-se disponíveis na Biblioteca do Campus Laranjeiras (BiCaL) e, portanto, foram somadas às consultas (Ver Quadro 1 e Quadro 2). Desta forma, considerando ambos acervos, a Universidade Federal de Sergipe (UFS) possui um total de 217 edições da Revista Projeto e 71 edições da Revista AU das décadas de 1980 e 1990 (período destacado para levantamento), que equivalem, respectivamente, a 98% e 82% das publicações veiculadas nesse intervalo.

Os dados apresentados nesse texto, entretanto, não pertencem a todos esses exemplares disponíveis. Em função da grande quantidade de material, não houve tempo hábil para conclusão do levantamento da década de 1990 da Revista Projeto. Assim, as informações aqui expostas referem-se à década de 1980 na Revista Projeto, mais precisamente aos 97% das edições desses anos (108) que se encontram acessíveis e às décadas de 1980 e 1990 da Revista AU, respectivamente, 85% (23) e 80% (48) do todo publicado nesses anos (Ver Gráfico 2). Em suma, um total geral de 179 revistas.

QUADRO 1: DISPONIBILIDADE DE REVISTAS PROJETO EM ACERVO (DÉCADAS DE 1980 E 1990).

EDIÇÕES – REVISTA PROJETO				58	70	82	94	106											215	227	
			46	57	69	81	93	105	117	128			148	159	170	181	192	203	214	226	238
		35	45	56	68	80	92	104	116	127			147	158	169	180	191	202	213	225	237
		34	44	55	67	79	91	103	115	126	137	146	157	168	179	190	201	212	224	236	
	25	33	43	54	66	78	90	102	114	125	136	145	156	167	178	189	200	211	223	235	
	24	32	42	53	65	77	89	101	113	124	135	144	155	166	177	188	199	210	222	234	
	23	31	41	52	64	76	88	100	112	123	134	143	154	165	176	187	198	209	221	233	
	22	30	40	51	63	75	87	99	111	122	133	142	153	164	175	186	197	208	220	232	
	21	29	39	50	62	74	86	98	110	121	132	141	152	163	174	185	196	207	219	231	
	20	28	38	49	61	73	85	97	109	120	131	140	151	162	173	184	195	206	218	230	
19	27	37	48	60	72	84	96	108	119	130	139	150	161	172	183	194	205	217	229		
18	26	36	47	59	71	83	95	107	118	129	138	149	160	171	182	193	204	216	228		
ANO	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	
				ACERVO LaPEM				ACERVO BiCaL				INDISPONÍVEIS									

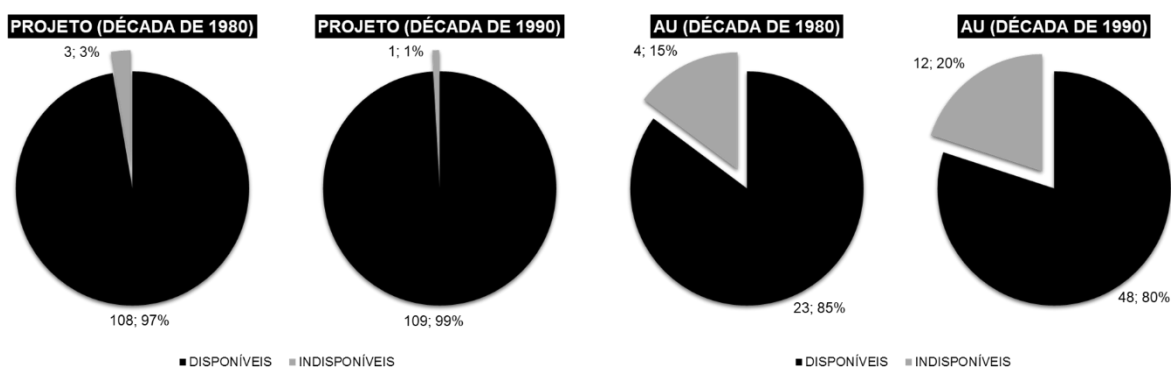
FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

QUADRO 2: DISPONIBILIDADE DE REVISTAS AU EM ACERVO (DÉCADAS DE 1980 E 1990).

EDIÇÕES - AU		9	15	21	27	33	39	45	51	57	63	69	75	81	87
		8	14	20	26	32	38	44	50	56	62	68	74	80	86
		7	13	19	25	31	37	43	49	55	61	67	73	79	85
	3	6	12	18	24	30	36	42	48	54	60	66	72	78	84
	2	5	11	17	23	29	35	41	47	53	59	65	71	77	83
	1	4	10	16	22	28	34	40	46	52	58	64	70	76	82
ANO	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
ACERVO LaPEM						ACERVO BiCaL				INDISPONÍVEIS					

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

GRÁFICO 2: DISPONIBILIDADE DAS REVISTAS AU E PROJETO EM ACERVO



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

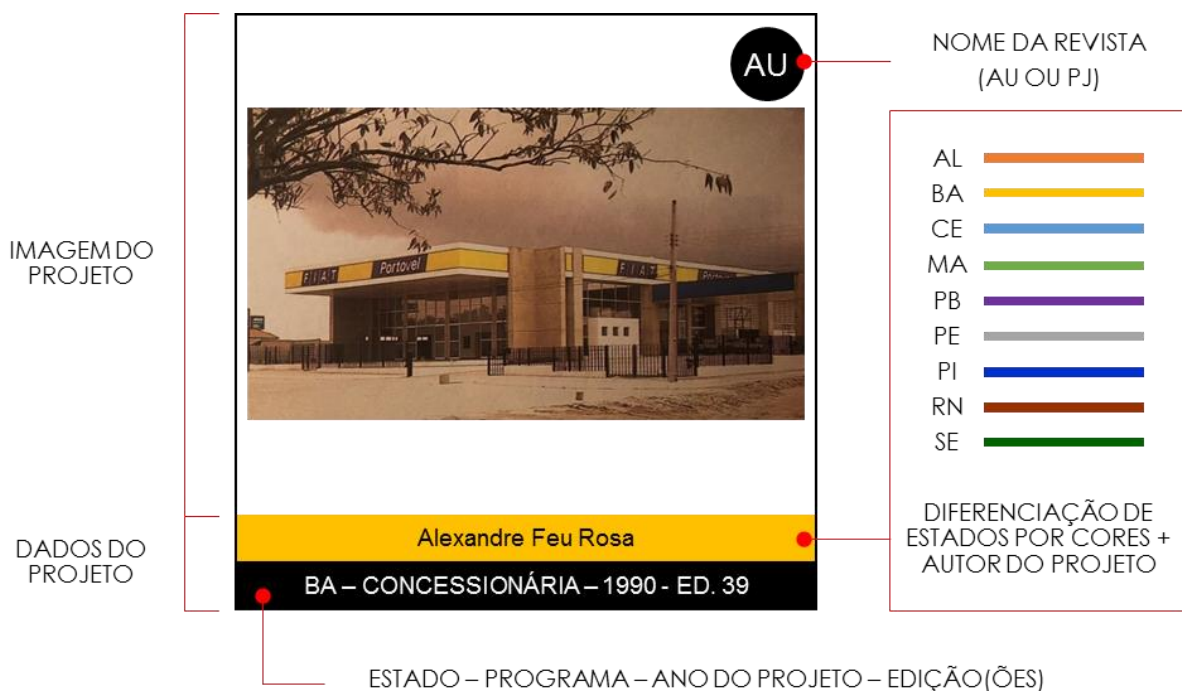
O processo de levantamento estruturou-se em três etapas principais. A primeira delas, cujo objeto principal eram as revistas, consistia na identificação da edição. Assim, além de alimentar a primeira tabela (Tabela 1 – Informações Gerais) com ano, mês, edição e corpo editorial do exemplar, era também realizada a digitalização da capa, ficha técnica e sumário da edição. Na segunda etapa, voltada ao conteúdo das revistas, o objetivo era catalogar os projetos que viessem acompanhados de conteúdo gráfico e, quando se tratasse de apenas



uma imagem, que também viesse acompanhado de descrição. Logo, era preenchida a segunda tabela (Tabela 2 - Projetos) com seção, programa, arquiteto e localização desses projetos, resultando nos quantitativos gerais. Vale ressaltar que os projetos que ocorressem no Nordeste eram também digitalizados nesta fase.

Ainda nesta tabela, duas outras informações eram acrescentadas: a natureza do projeto, segundo algumas classificações pré-estabelecidas, e a relação deste ou não com a questão patrimonial. No caso das classificações, foram mantidas aquelas que já eram utilizadas no projeto de pesquisa PIBIC que precedeu este trabalho: Comercial/ Escritórios; Cultural; Educacional; Hotéis/ Pousadas; Habitação Social; Hospitalar; Industrial; Institucional; Interiores; Lazer/ Esportivo; Residencial Unifamiliar; Obras Públicas; Outros; Transportes; Urbano. Apenas somou-se a estes o Residencial Multifamiliar.

DIAGRAMA 3: APRESENTAÇÃO DA FICHA ELABORADA PARA OS PROJETOS DO NORDESTE.



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

Concluída esta etapa, partia-se para a última fase de trabalho, desta vez diretamente relacionada com o tema de estudo: os projetos de arquitetura do Nordeste. Levantados todos os projetos das revistas, foram filtrados aqueles que ocorriam na região e então elaboradas fichas para facilitar seu estudo e análise. Estas, além dos dados presentes na Tabela 2, continham também o ano do projeto e uma imagem que o ilustrasse (Ver Diagrama 3).

# ARQUITETURA NO SÉCULO XX

1918 Fim da 1ª Guerra

1929 Quebra da Bolsa de Valores de NY

1939 Início da 2ª Guerra

1945 Fim da 2ª Guerra

1930 Golpe Vargas

1937 Estado Novo

1942 Brasil na 2ª Guerra

1955 Governo JK

1928 Casa Mina/ SP  
G. Warchavchik



1922 Semana de Arte Moderna

1935 Concurso do MES

1931 Reformas na ENBA por Lúcio Costa

1934-1937 Atuação de Luís Nunes em Pernambuco



1947 O casal Bardi chega ao Brasil

1943 Brazil Builds por P. Goodwin



1943 Pampulha/ MG  
Oscar Niemeyer

1956 Arquitetura Moderna no Brasil por E. Mindlin

1958 Edif. Acaiaca/ PE  
Delfim Amorim



1920

1930

1940

1950

1960

1923 G. Warchavchi chega ao Brasil

1929 Le Corbusier no Brasil

1925 Manifesto Acerca da Arquitetura Moderna por G. Warchavchik

1933 Salão de Arquitetura Tropical

1938 ABI/ RJ  
M.M. Roberto



1943 MES/ RJ  
L. Costa, J. Moreira, E. Vasconcellos, C. Leão, O. Niemeyer, A. Reidy

Déc. de 1950 Renovação da Arquitetura Pernambucana



1958 Teatro Castro Alves/ BA  
José Bina Fonyat

\*/RJ

A Casa/RJ

Revista de Arquitetura/RJ

Arquitetura e Urbanismo/RJ

Acrópole/SP

Arquitetura e Engenharia/BH

Habitat/SP

Brasil Arquitetura Contemporânea/RJ

AD/SP

Módulo/RJ

Brasília/RJ

\*Arquitetura no Brasil

1961 Construção do Muro de Berlim	1989 Queda do Muro de Berlim	Cenário Internacional
1964 Golpe Militar	1985 Redemocratização Fim da Ditadura	Cenário Nacional

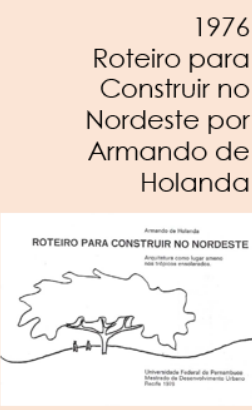


Início Déc. 1960  
Cajueiro Seco/ PE  
A. G. Borsói



1967  
MAM/ RJ  
Affonso Reidy

1972  
Lançamento do  
Jornal Arquiteto



1981  
Arquitetura Contemporânea no Brasil por Yves Bruand

1985  
1º Seminário de  
Arquitetura Latino-Americana

1982  
Exposição  
Arquitetura Brasileira Atual

1992  
Feira de Sevilla



1998  
Arquiteturas do Brasil 1900-1990 por Hugo Segawa

1960	1970	1980	1990	2010
------	------	------	------	------



1960  
Inauguração de Brasília  
1968  
MASP/ SP  
Lina Bo Bardi



1971-1973  
Período sem  
veiculação de  
Revistas Especializadas



1978  
Sede Chesf/ BA  
Assis Reis

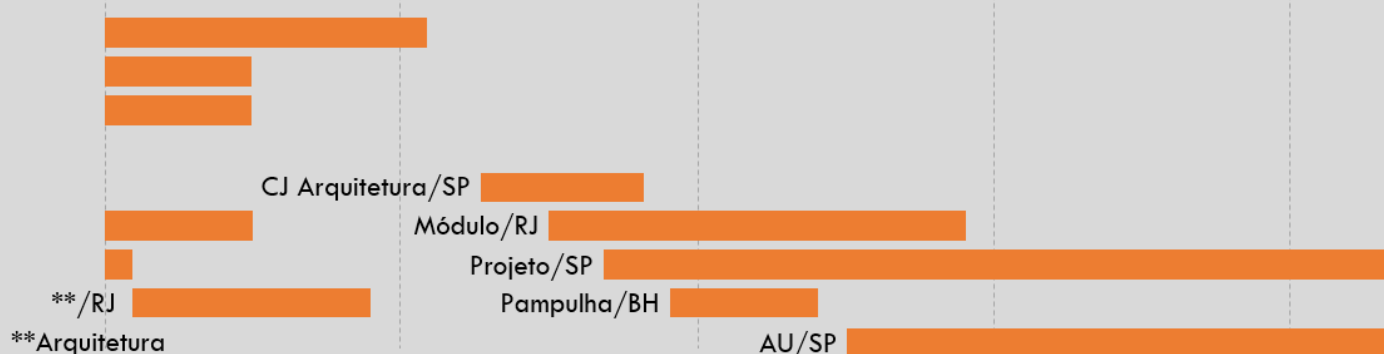


1982  
Arquitetura Moderna Brasileira por Sylvia Ficher e Marlene Acayaba

2010  
Arquiteturas Após 1950 por Maria Alice Bastos e Ruth Verde Zein



Algumas Revistas Especializadas de Arquitetura



## > QUADRO SÍNTESE – ARQUITETURA BRASILEIRA NO SÉCULO XX.

Fonte das imagens: CASA DO ARQUITETO. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik/5627b767e58ece127a000256-classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik-imagem>>. Acesso em: 26 dez. 2017. PAVILHÃO DE ANATOMIA PATOLÓGICA. Fonte: TINEM, Nelci. **Arquitetura Moderna Brasileira**: a imagem como texto. Arqtextos. [online]. São Paulo, n. 072.02, Vitruvius, mai. 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/06.072/352>>. Acesso em: 04 out. 2017. ABI. Disponível em: <[https://images.adsttc.com/adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/03/1331685263\\_abi\\_9.jpg](https://images.adsttc.com/adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/03/1331685263_abi_9.jpg)>. Acesso em: 21 mar. 2018. PAMPULHA. Disponível em: <<https://www.guiabh.com.br/repository/imagens/estabelecimentos/igrejinha-da-pampulha-imagem-logo.jpg>>. Acesso em: 02 jan. 2018. MES. Disponível em: <<http://static.panoramio.com/photos/large/11925384.jpg>>. Acesso em: 02 jan. 2017. ACAIACA. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid\\_9/7207af19ddd5\\_alcilia\\_sol\\_06.jpg](http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/7207af19ddd5_alcilia_sol_06.jpg)>. Acesso em: 21 mar. 2018. TEATRO CASTRO ALVES. Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/-7FTPNsAu7Zk/UpZZprJ6uml/AAAAAACVoM/xd-sgflxAl/s1600/TCA\\_AEREO\\_550.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-7FTPNsAu7Zk/UpZZprJ6uml/AAAAAACVoM/xd-sgflxAl/s1600/TCA_AEREO_550.jpg)>. Acesso em: 14 fev. 2018. CAJUEIRO SECO. PROJETO, N. 66, ago. 1984, p. 51-52. MAM. Disponível em: <<http://s3.transloadit.com.s3.amazonaws.com/4b30ae61b7c84e42b6be045272ec3211/77/fa9605151069fbf806a18455817fad/Museum-of-Modern-Art.jpeg-.jpeg>>. Acesso em 29 set. 2017. BRASÍLIA. Disponível em: <<http://uvbbrasil.com.br/2015/wp-content/uploads/2016/08/congresso-nacional-ritmo-de-ferias-metropolitana-df.jpg>>. Acesso em 29 set. 2017. MASP. Disponível em: <[http://media.timeout.com.br/contentFiles/image/saopaulo/05\\_ART/venues/major\\_institutions/masp2\\_julio-tavares.jpg](http://media.timeout.com.br/contentFiles/image/saopaulo/05_ART/venues/major_institutions/masp2_julio-tavares.jpg)>. Acesso em 29 set. 2017. CAPA ROTEIRO PARA CONSTRUIR NO NORDESTE. Disponível em: <<https://reader001.docslide.net/reader001/html5/20170728/55cf854d550346484b8c8e12/bg1.png>>. Acesso em: 21 mar. 2018. SEDE CHESF. Disponível em: <<http://www.flickrriver.com/photos/93256055@N00/sets/72157660100451697/>>. Acesso em 21 mar. 2018. CAPA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA. Disponível em: <<https://revistamdc.files.wordpress.com/2011/03/06-arquitetura-moderna-brasileira-capade-sylvia-ficher-e-marlene-milan-acayaba-arquitetura-moderna-brasileira-1982.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018. CAPA ARQUITETURAS NO BRASIL 1900-1990. Disponível em: <<https://carrinho.casasbahia.com.br/livros/ArquiteturaDecoracaoDesign/LivrodeArquitetura/103683/127516892/Livro-Arquiteturas-no-Brasil-1900-1990-3-Ed-2010-Hugo-Segawa-103683.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018. CAPA BRASIL: ARQUITETURAS APÓS 1950. Disponível em: <<https://bibfauusp.files.wordpress.com/2010/10/brasilarquitecturas.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

Para consultar períodos de veiculação das revistas especializadas ver: FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Recepção e Difusão da arquitetura moderna brasileira**: uma abordagem historiográfica. 2015. 220p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP São Carlos, São Paulo. SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil**: 1900-1990. São Paulo: Edusp, 2014 [1ª Edição: 1998].





- › PROJETOS DE ARQUITETURA DO NORDESTE ENCONTRADOS NAS REVISTAS PROJETO E AU LEVANTADAS.

Fonte: Acervo LaPEM (adaptado pela autora).

As revistas especializadas surgem com uma proposta de retomada da crítica junto à necessidade de conhecimento das produções realizadas durante o hiato da Ditadura Militar no Brasil. Desta forma, apresentam um repertório de discussões e projetos que, sem o compromisso de criar narrativas, como ocorre nos livros, traz uma realidade mais ampla do cenário arquitetônico do período. Assim, neste capítulo, objetiva-se aproximar essa leitura das revistas àquela extraída da historiografia e, por conseguinte, traçar algumas conclusões deste confronto.

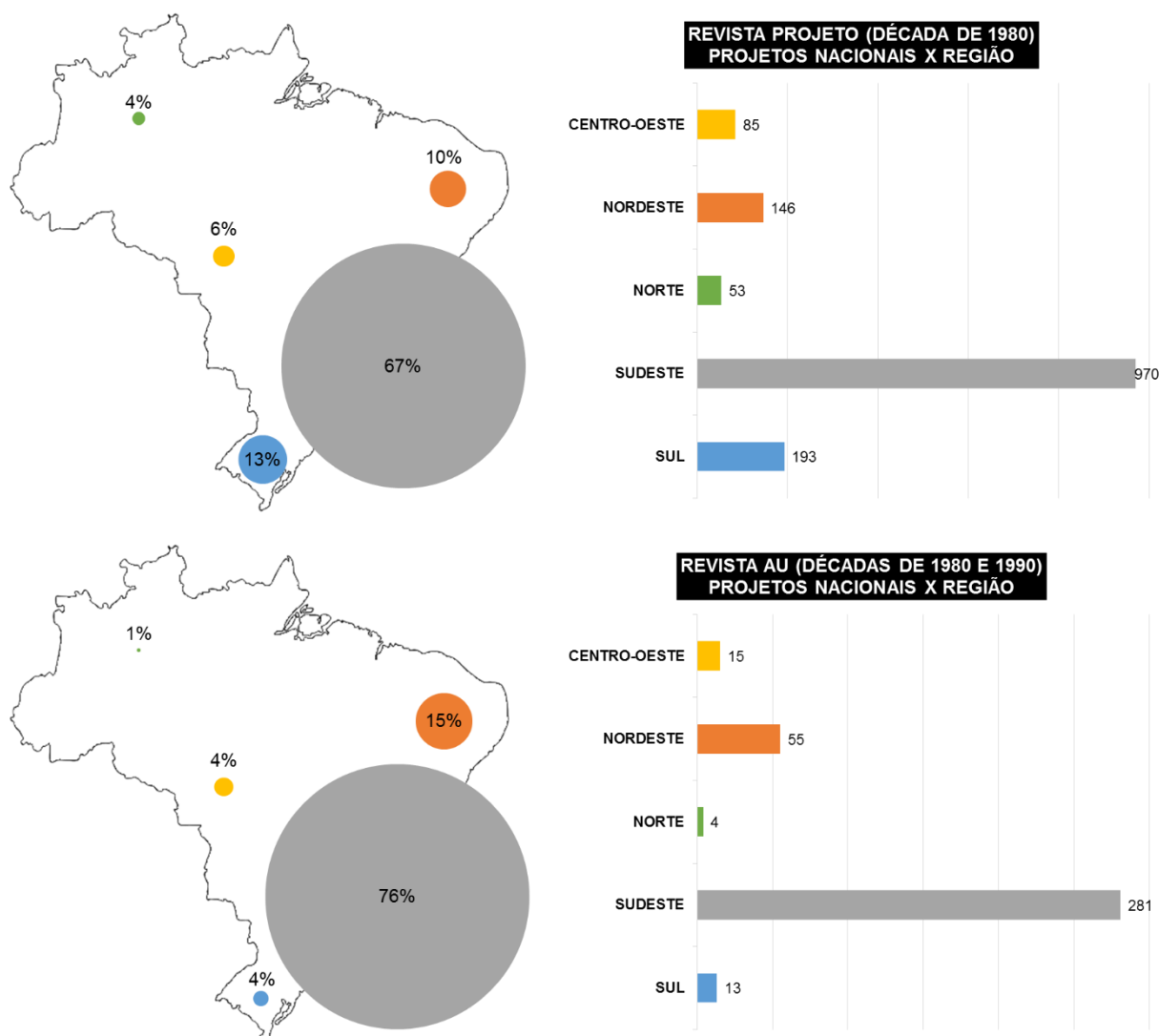
A releitura desses documentos lança alguma luz na compreensão de pontos cegos dessa construção canônica, contribui para o entendimento de preconceitos que apagaram determinados dados ou impediram outras informações, ajuda a entender os motivos tanto de omissões e esquecimentos, como de presenças e celebrações e apóia [sic] a necessária superação de alguns “pré-supostos”. Assim, fornece uma pequena contribuição à difícil tarefa de recuperar o fio condutor de uma trama iterativa, única e, por isso mesmo, frágil, assinalando a importância de se desenvolver pequenas tessituras paralelas, que impedirão o colapso se a artéria principal se romper, dando organicidade a uma trama com muitos vazios para preencher (TINEM, 2006).

Este capítulo organiza-se segundo dois subcapítulos. O primeiro, *Primeiras Aproximações*, apresenta dados gerais da amostragem coletada nas revistas, iniciando o leitor no estreitamento entre livros e revistas. O segundo, *Uma Nova Narrativa?*, ocupa-se da apresentação das diversas tendências arquitetônicas presentes nas revistas e, que, num comparativo geral, refere-se à principal diferença em relação à historiografia. Por fim, as considerações finais garantem um fechamento para estas posições.

## PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

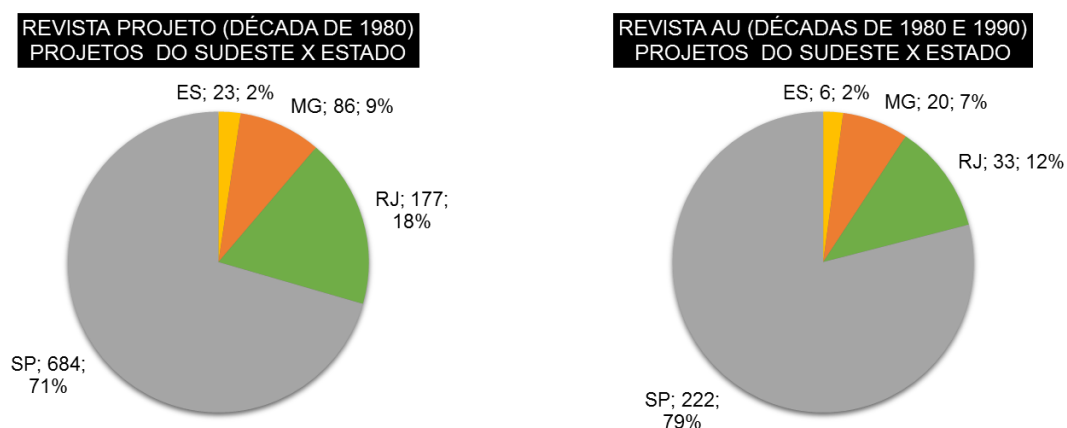
Neste primeiro momento, após a consulta dos 71 exemplares disponíveis da Revista AU das décadas de 1980 e 1990 e dos 111 exemplares disponíveis da Revista Projeto da década de 1980 serão apresentadas algumas inferências quanto à amostragem encontrada. Como esperado, a presença do Sudeste destaca-se em detrimento das demais regiões brasileiras (Ver Gráfico 3), contudo, sua representação ocorre prioritariamente com o estado de São Paulo (Ver Gráfico 4). Sede das Revistas Projeto e AU, São Paulo, sozinho, concentra 71% e 79%, respectivamente, dos projetos do Sudeste e 47% e 60% dos projetos nacionais contabilizados.

GRÁFICO 3: DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DOS PROJETOS DE ARQUITETURA NACIONAIS LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990).



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

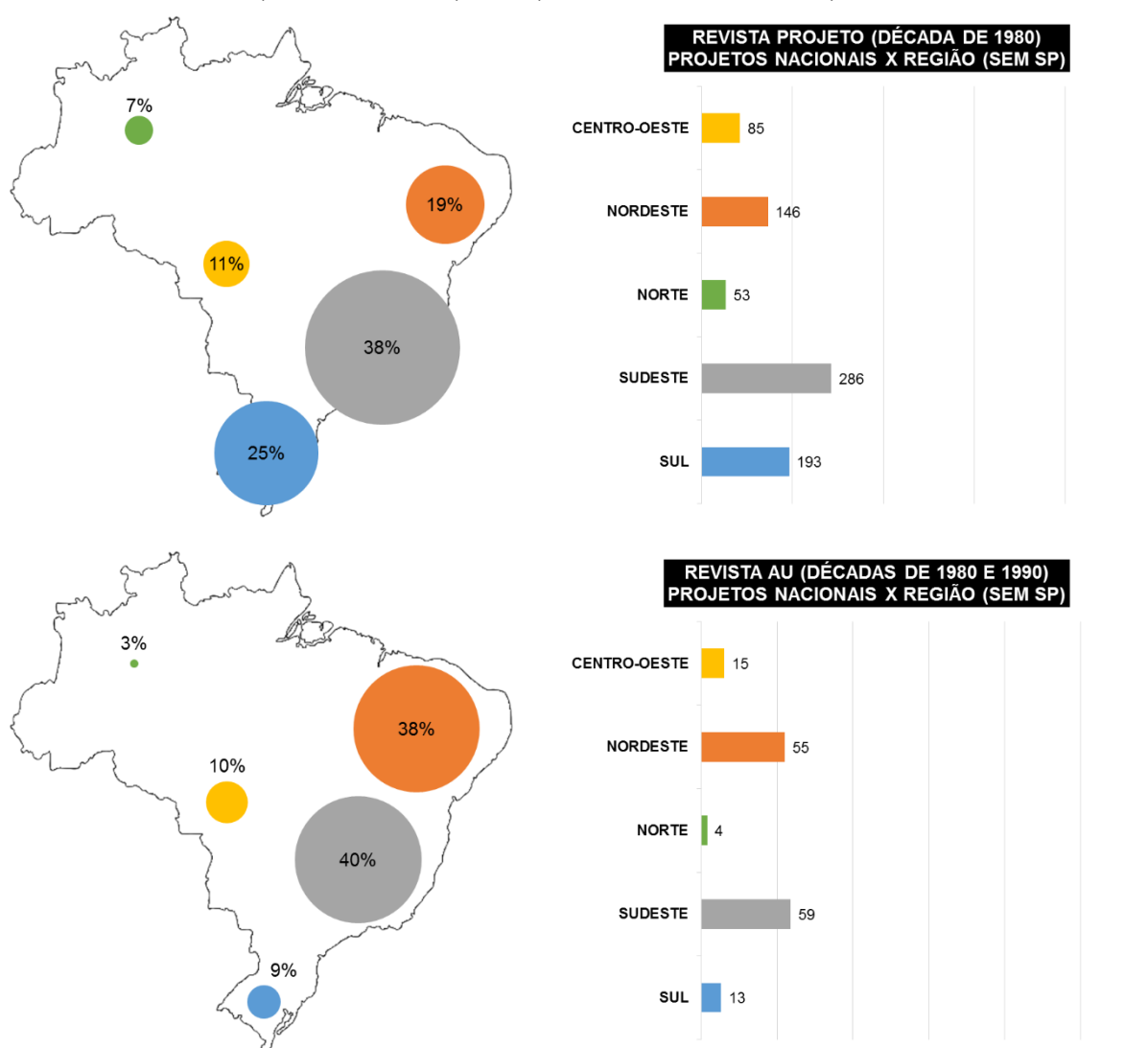
GRÁFICO 4: DISTRIBUIÇÃO ESTADUAL DOS PROJETOS DE ARQUITETURA DO SUDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990).



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

No tocante à distribuição regional dos projetos nacionais, a segunda região em maior evidência na revista AU é a Nordeste com 55 projetos, enquanto que na revista Projeto esta ocupa a terceira posição com 146 projetos, logo após o Sul, com 193. Retirando-se os números referentes a São Paulo (Ver Gráfico 5), percebe-se melhor a expressividade do Nordeste em relação às outras regiões, que, inclusive, se aproxima em número dos outros estados do Sudeste somados (59), no caso da revista AU. Na revista Projeto, embora a diferença entre Sudeste e Nordeste seja maior, praticamente metade do número, a produção mostra-se bastante expressiva no panorama nacional.

GRÁFICO 5: DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DOS PROJETOS DE ARQUITETURA NACIONAIS LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990) EXCLUINDO-SE SÃO PAULO.

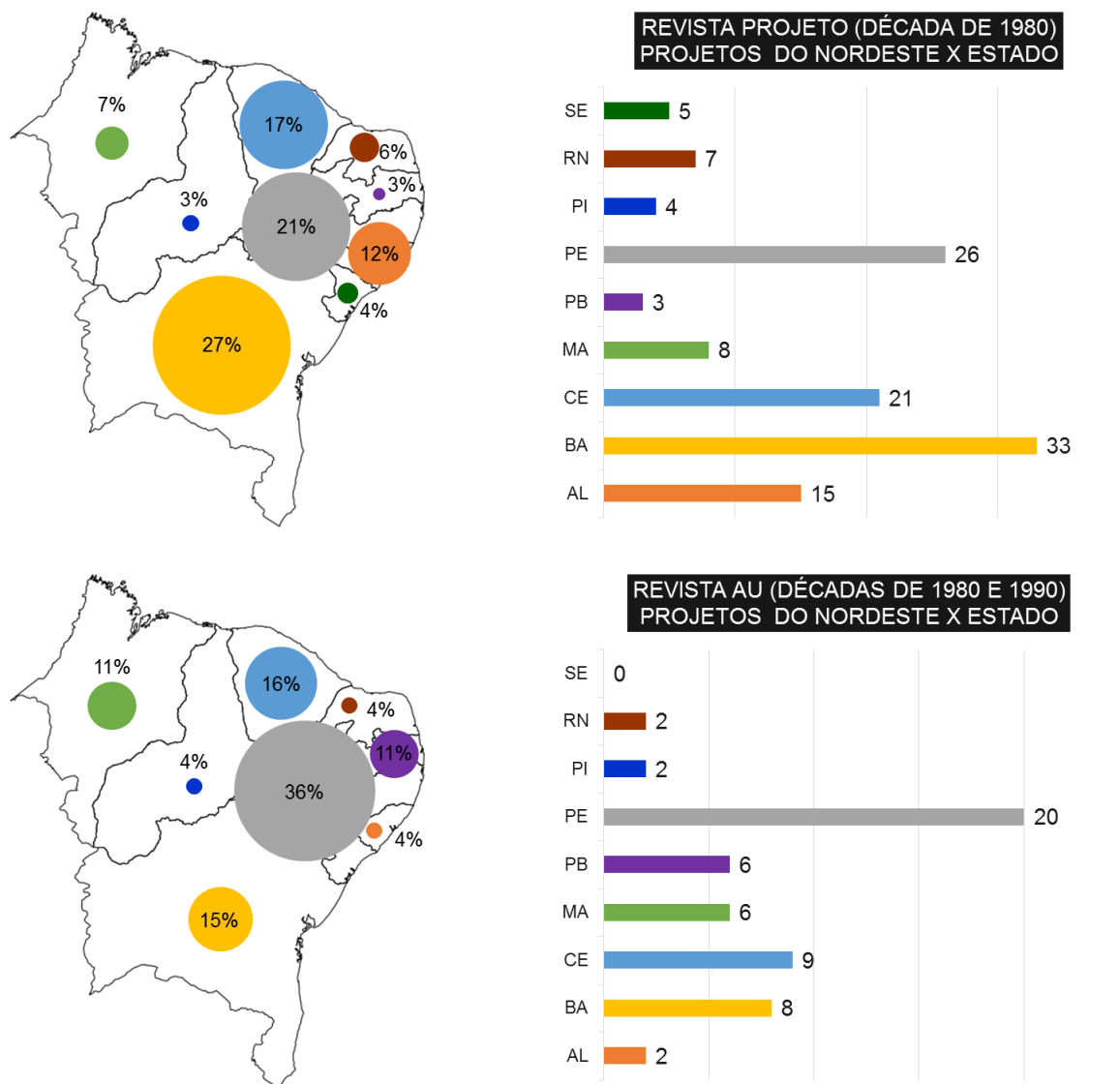


FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

Neste sentido, um apontamento válido quanto a essa divisão regional refere-se à equipe de correspondentes nas revistas. À exceção do Sudeste, que sedia as edições e representa uma das principais produções do país, em especial São Paulo, as outras regiões apresentam um número limitado de colaboradores. Na revista Projeto, ao longo das décadas

de 1970 e 1990 aparecem apenas César Augusto Campos da Silva (PE), Armando Branco (BA), Luciano Guimarães (CE), Geraldo Gomes da Silva (PE) e Neilton Dórea (BA). Na AU, boa parte das matérias do Nordeste tem como enviado especial José Wolf.

GRÁFICO 6: DISTRIBUIÇÃO ESTADUAL DOS PROJETOS DE ARQUITETURA DO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990).



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

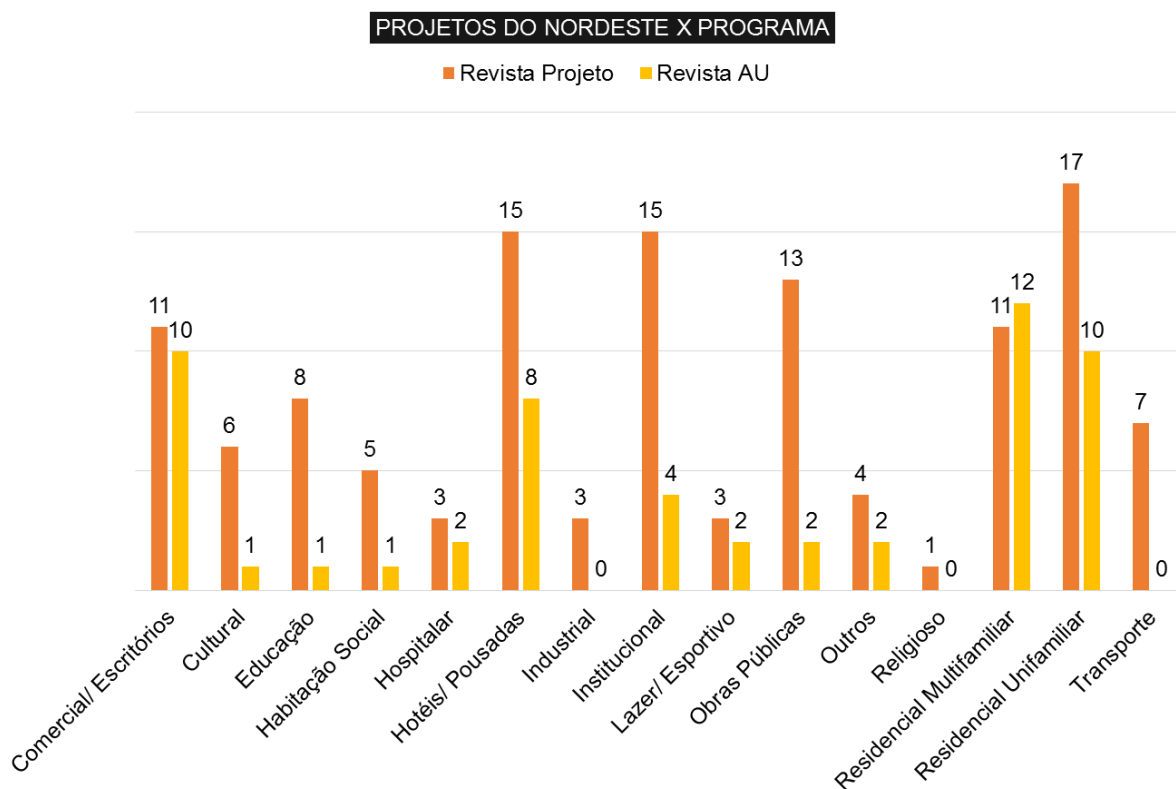
Em termos de distribuição de projetos por estado (Ver Gráfico 6), as maiores concentrações ocorrem em Pernambuco, Bahia e Ceará, que, não à toa, representam os maiores centros econômicos e populacionais da região e que ainda concentram os correspondentes das revistas. Tal protagonismo pode também ser associado aos investimentos realizados pela SUDENE nestes locais durante o período de estudo<sup>64</sup>, que

<sup>64</sup>A Sudene também foi criticada no próprio Nordeste por alocar recursos de uma forma que privilegiava os principais estados. De um total de 2820 aprovados até meados de 1990, 21,5% contemplavam projetos alocados

propicia um número elevado de obras públicas, os quais fazem uma breve analogia com os financiamentos comuns durante o Movimento Moderno.

Os investimentos da Sudene são motivações que se relacionam igualmente à predominância de determinados programas (Ver Gráfico 7). E, se por um lado, as obras públicas e edifícios institucionais, como centros administrativos, assembleias, prefeituras, agências bancárias, ganhavam destaque com investimentos governamentais, por outro, setores como a hotelaria e os programas verticalizados, símbolos de desenvolvimento, como edifícios residenciais e comerciais ou de escritórios, eram também motivados a crescer.

GRÁFICO 7: DISTRIBUIÇÃO DOS PROJETOS DE ARQUITETURA DO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980) E AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990) POR PROGRAMA.



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

Outro programa de destaque são as residências, que, detentoras de muitas das experimentações comuns à época, ganham seção especial na revista AU – Casas do Brasil – e uma edição panorâmica na Projeto (Edição 73). A seção Casas do Brasil, de responsabilidade de Alessandro Castroviejo Ribeiro e Vasco Caldeira, contém 60 dos 89

em Pernambuco, 17,6% na Bahia e 17% no Ceará. Com relação ao montante de investimentos a concentração foi ainda maior, 36,5% atenderam a Bahia, 15,7% Pernambuco e 10,5% o Ceará. Em pesquisa realizada pela própria Sudene em 1992 também ficou patente a tendência já apontada de privilegiar as grandes indústrias, com destaque para o setor químico e metalúrgico, em geral com capital vindo de fora da região. De acordo ainda com esses dados acionistas do sudeste controlavam 50% do capital social das empresas beneficiadas pela Sudene, enquanto o capital local detinha 39%” Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/superintendencia-do-desenvolvimento-do-nordeste-sudene>>. Acesso em: 14 set. 2017.

projetos residenciais que aparecem no levantamento da revista AU. No caso da região Nordeste, ela contém 7 dos 10 catalogados.

Outra seção que vale ser destacada na revista AU é a Arquitetura do Concreto Protendido (inaugurada na edição 46, em 1993), que acaba por reforçar esta tendência de tecnologia na década 90, bem como o destaque às tipologias verticais na região. Esta seção incorpora 12 dos 55 projetos levantados. Muito embora a seção Arquitetura com Aço, também na revista AU, permita uma amostragem quanto à utilização do material no Nordeste, são reduzidos os números de projetos que o emprega. Nesse caso, pode-se supor as dificuldades de disponibilidade, transporte e mão-de-obra na interferência de sua utilização.

## UMA NOVA NARRATIVA?

Visto o grande número de projetos do Nordeste coletados em levantamento e a presença bastante restrita do período que compõe esta pesquisa (décadas de 1980 e 1990) na historiografia consultada, dois outros textos uniram-se à bibliografia principal com fins de auxiliar numa leitura geral da amostragem: o artigo Dependência e Resistência: transição na arquitetura brasileira nos anos de 1970 e 1980 (2008), de Francisco Spadoni, e a dissertação O pós-moderno na arquitetura nordestina (1985-2000) (2012), de Carolina Costa. Esta, inclusive, utilizando-se das revistas Projeto e AU em sua investigação.

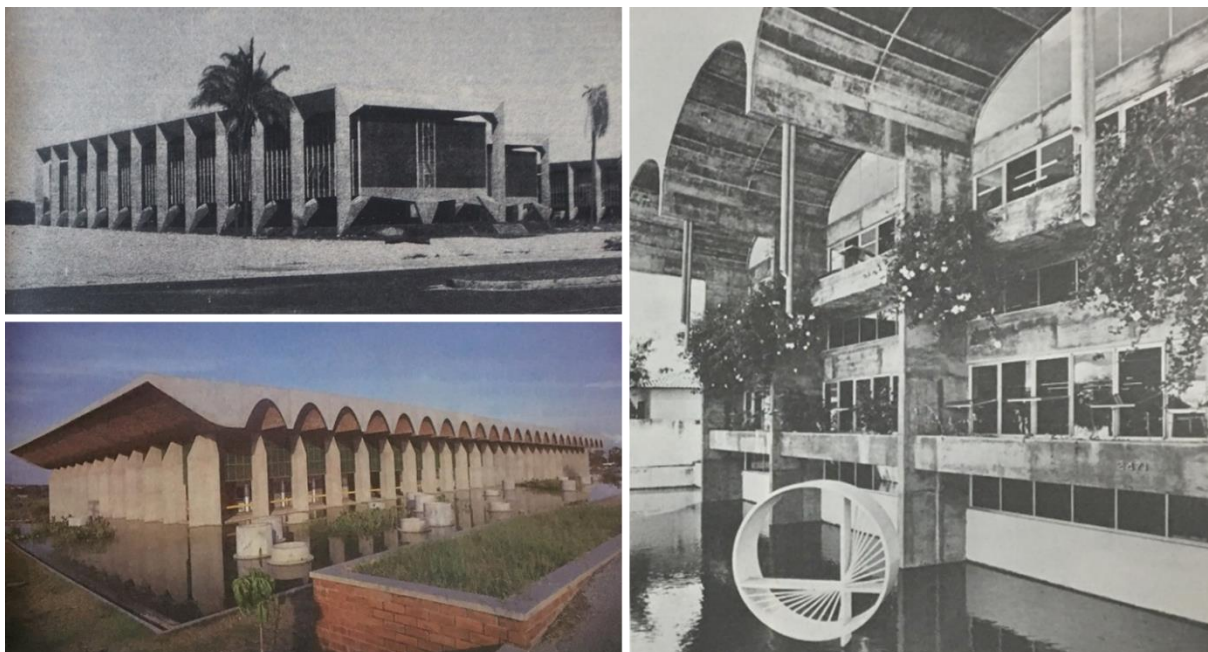
Ambos os autores apresentam, inicialmente, uma divisão que aponta para uma relação de continuidade ou ruptura com o Movimento Moderno. No caso da continuidade, Spadoni (2008) esclarece a existência de uma dicotomia de posições. Se, por um lado, há aqueles que pretendem recuperar os ideais do movimento conjuntamente a uma retomada de sua figura, de sua imagem – aos quais atribui a classificação *Continuidade e Figura* –, por outro lado, há aqueles que, por meio da expressão arquitetônica, pretendem criar uma releitura desses preceitos – aos quais atribui a classificação *Continuidade e Expressão*. Ao mesmo tempo, outro grupo busca a revisão desse movimento e, como sublinha o autor, a *Superação da Linguagem*.

Nesses grupos, há muitos que são tributários do dilema central, criação e invenção, como os ligados à expressão. Outros buscariam manter o caráter pela recomposição da imagem moderna ou pela defesa da auto-suficiência técnica, que localizamos no problema da figura. Um terceiro grupo buscou



enfrentar a questão da transição pela superação da linguagem, que relacionamos com os arquitetos que se inclinaram para a postura revisionista internacional já em curso na década de 1970 (SPADONI, 2008).

FIGURA 23: (ACIMA) CENTRO ADMINISTRATIVO (1976/ PI); (ABAIXO) ASSEMBLEIA LEGISLATIVA (1984/ PI); (À DIREITA): AGÊNCIA DO BANCO DO BRASIL DE CASCAVEL (CE).



FONTE: PROJETO N. 23, 114 E 67. ACERVO LAPEM.

FIGURA 24: (À ESQUERDA) CASA DA INDÚSTRIA (1974/ AL); (AO CENTRO E ACIMA) ESTAÇÃO CAVALEIRO DO METRÔ (1983/ PE); (AO CENTRO E ABAIXO) AUDITÓRIO DO COMPLEXO MINA-USINA (1985/ SE); (À DIREITA) CASA DA INDÚSTRIA (1985/ CE).



FONTE: PROJETO N. 21, 114, 90 E 95. ACERVO LAPEM.

Figura e estrutura caminham lado a lado ao tratar da recuperação da imagem moderna segundo Spadoni (2008). Para ele, uma marca síntese do projeto moderno brasileiro é a “valorização do sistema portante como definidor de uma ideia de arquitetura”, que, mais do que uma ação técnica, representou uma atitude de projeto que esteve presente tanto nas produções carioca e paulista, quanto na experiência de Brasília. Esta linha pôde ser facilmente reconhecida em alguns projetos da amostragem e, se havia, num sentido, a retomada de

partidos estruturais facilmente associados a projetos modernos (Ver Figura 23), no outro, percebia-se a manutenção também de elementos de destaque dessa arquitetura, como os brises e elementos vazados explorados nas soluções climáticas (Ver Figura 24), além da prevalência no uso do concreto.

FIGURA 25: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) ONDINA APART HOTEL RESIDÊNCIA (1983/ BA); CASA DA INDÚSTRIA (1978/ PE); HOTEL (1986, MA).



FONTE: PROJETO N. 117, 114 E 105. ACERVO LAPEM.

FIGURA 26: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) EDIFÍCIO RESIDENCIAL FRANCISCO SÁ (1985/ BA); EDIFÍCIO RESIDENCIAL PORTAL DA ENSEADA (1984/ CE); EDIFÍCIO RESIDENCIAL CASA ALTA (1985/ PE).



FONTE: PROJETO N. 114. ACERVO LAPEM.

Para aqueles que pretendiam aliar a continuidade à sua atualização, um dos principais recursos foi a busca pela expressão. Nesta categoria, Spadoni (2008) traz como exemplos a “formalização” do resultado arquitetônico, a qual associa à produção Metabolista, que possuía, inclusive, exemplares brasileiros<sup>65</sup>. Seguindo uma outra linha expressiva, também ilustra-se a ideia de Centro Estrutural, que é orientada pela valorização da estrutura. No tocante à formalização, vale mencionar a variabilidade deste tratamento nos projetos, o qual pode assumir formas mais complexas, como no Hotel Ponta d’Areia no Maranhão (Ver Figura 27), ou possibilidades mais práticas vinculadas à racionalidade de alguns programas,

<sup>65</sup> “... podemos citar a experiência do Conjunto habitacional Zezinho Magalhães, de autoria de Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha e Fábio Pentead, que demonstrava preocupações semelhantes com relação a uma arquitetura de componentes, embora fosse uma versão menos especulativa, voltada para uma indústria possível. No Zezinho Magalhães buscou-se a pré-fabricação de todos os elementos de infra-estrutura [sic] e superestrutura” (SPADONI, 2008).

como nos hotéis de Enrique Alvarez e Rodrigo Pontual, na Bahia, e de Luiz Fiuza e Ione Fiuza, no Maranhão, os quais beneficiam-se da implantação e de escalonamentos no edifício para alcançar tal resultado (Ver Figura 25).

Enquanto algumas edificações “puderam extrapolar as limitações de custo geralmente impostas em obras para o mercado imobiliário”<sup>66</sup>, como é o caso da Casa da Indústria de Pernambuco (1978), de Wandenkolk Tinoco e Pedro Montenegro (Ver Figura 25), outros programas, como o residencial multifamiliar, necessitou aliar tal restrição à necessidade de um apelo plástico, fato que promoveu recursos plásticos mais sutis em vários projetos (Ver Figura 26). Essa atitude repete-se em muitos dos edifícios comerciais e de escritórios do período, que, inclusive, figuram entre os programas de destaque entre os dados coletados.

FIGURA 27: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): CASA DO COMÉRCIO (1981/ BA); HOTEL PONTA D'AREIA (MA); AGÊNCIA ALDEOTA DO BANCO DO BRASIL (CE).



FONTE: PROJETO N. 114 E 20; AU N. 56. ACERVO LAPEM.

Retomando-se a valorização estrutural e exploração das possibilidades tecnológicas em seu partido, o maior exemplo, no Nordeste, é o emblemático edifício da Casa do Comércio (1981) de Oton Gomes e Fernando Frank, na Bahia e, atrelados ao já comentado processo de “formalização” da arquitetura podem ser igualmente citados o Hotel Ponta d’Areia, no Maranhão, e a Agência Aldeota do Banco do Brasil de Antônio Carvalho Neto, no Ceará. A experiência com estrutura metálica no Nordeste, como também destacado em Costa (2012, p. 46), apresenta exemplares bastante pontuais na região, embora distribuídos entre os vários estados. Neste sentido, são sobrepostas as dificuldades impostas pela disponibilidade, transporte e mão-de-obra do material na região e, atrelada a uma proposta plástica, sublinham-se os signos da expressão formal e desenvolvimento tecnológico que podem ser associados à sua utilização. No Clube dos Funcionários da Petrobrás (1984) de Mário Roque e Jaime Leitão, no Ceará, por exemplo, além dessas características, reforça-se

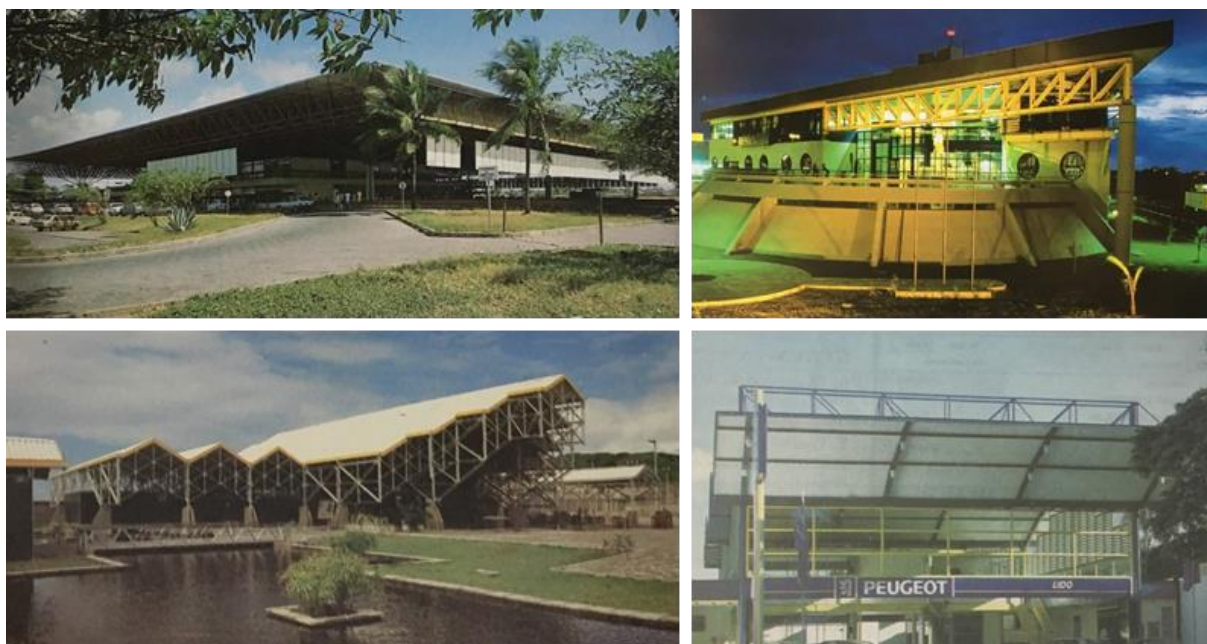
<sup>66</sup> PROJETO, N. 114, set. 1988, p. A-25.



ainda a resistência do material, que, nesta área de alta salinidade, mostrou-se como recurso mais viável.

A preocupação em fazer uso dos recursos dispostos pela industrialização crescente, revelou também nas revistas, um episódio recorrente na historiografia: a experiência com pré-fabricados e o protagonismo de João Filgueiras Lima (Lelé) nas pesquisas empreendidas na área. Inicialmente veiculada à proposta da Universidade de Brasília, as experiências com pré-fabricados tanto de concreto quanto de argamassa armada, logo difundiram-se pelas várias regiões e ganharam grande número de projetos no Nordeste, em especial, na Bahia. Houve ainda a utilização da estrutura metálica pelo arquiteto, como na Sede Transitória da Prefeitura Municipal de Salvador, de 1986 (Ver Figura 29).

FIGURA 28: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) TERMINAL RODOVIÁRIO (1980/ AL); EDIFÍCIO-SEDE SEBRAE (1993/ MA); CLUBE DOS FUNCIONÁRIOS DA PETROBRÁS (1984/ CE); CONCESSIONÁRIA PEUGEOT (1994/ PB).



FONTE: PROJETO N. 114 E AU N. 74 E 64. ACERVO LAPEM.

FIGURA 29: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA): HOSPITAL DO APARELHO LOCOMOTOR (1990/ MA); HOSPITAL DO APARELHO LOCOMOTOR (1987/ BA); SEDE TRANSITÓRIA DA PREFEITURA MUNICIPAL (1986/ BA).



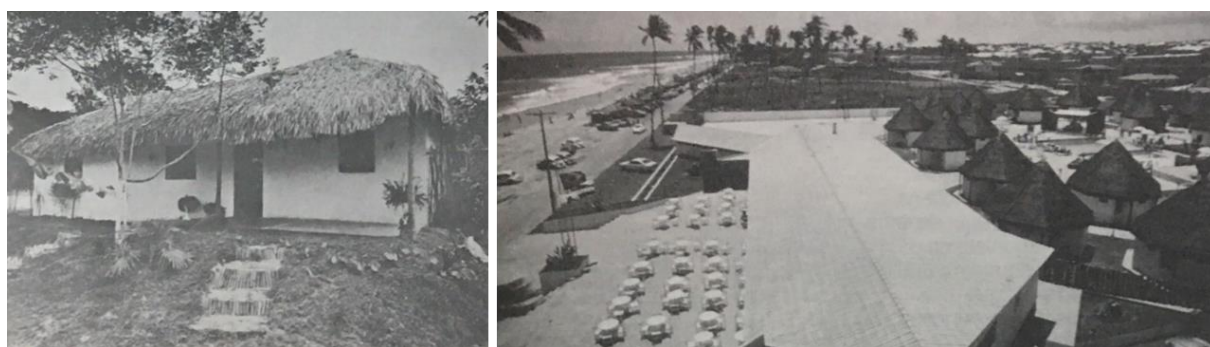
FONTE: AU N. 43 E PROJETO N. 104 E 114. ACERVO LAPEM.

Vale resgatar como esses sistemas de pré-fabricação eram vistos positivamente na solução de diversos problemas, inclusive, o do déficit habitacional do Brasil, fato que

76

motivou críticas e discussões acerca da adequação desse processo à realidade brasileira, como já exposto no Capítulo 1. Tanto nas revistas, quanto na historiografia, é destacado o contraponto promovido pela iniciativa do sistema de pré-fabricação em taipa proposto na comunidade de Cajueiro Seco, em Pernambuco. Com proposta de Acácio Gil Borsóí, o projeto logo foi interrompido com o regime militar, porém ecoou em soluções semelhantes na década seguinte. A revista Projeto apresenta, nesse âmbito, a experiência de Cydno Moreira e Amélia Gama, na Ilha de Itamaracá, no mesmo estado (Ver Figura 30). Os arquitetos estimulam a construção em taipa como forma de valorização do saber popular e, além da questão habitacional, assumem um papel sócio-cultural na problemática.

FIGURA 30: (À ESQUERDA) RESIDÊNCIA NA ILHA DE ITAMARACÁ (1979/ PE); (À DIREITA) HOTEL MAMELUCOS (1985/ BA).



FONTE: PROJETO N. 91 E 108. ACERVO LAPEM.

FIGURA 31: (DA DIREITA PARA A ESQUERDA): HOTEL ORANGE (1985/ PE); HOTEL AMOARAS (1986/ PE); HOTEL JARDIM ATLÂNTICO (1987/ BA).



FONTE: AU N. 46; PROJETO N. 128. ACERVO LAPEM.

Esse recurso de aproximação com os materiais e técnicas tradicionais mostram-se como outra vertente da apropriação da modernidade e, de nenhuma forma, restringe-se às soluções de habitação social. Um exemplo interessante é o Hotel Mamelucos de Antônio Caramelo e Barbosa Jr., na Bahia. O hotel oferece cabanas individuais para os hóspedes e algumas edificações de uso coletivo e “procura alcançar o caráter rústico proposto através da coerência nos materiais, na cobertura de piaçava, na madeira em toras, na lajota de barro, na pedra de arenito e na telha cerâmica”<sup>67</sup>. É ainda mais comum, entre os projetos levantados,

<sup>67</sup> PROJETO, N. 108, mar. 1988, p. 108.



aqueles que fazem uma releitura dessas técnicas e materiais e retomam tipologias ou elementos tradicionais, como em alguns projetos de hotel (Ver Figura 31).

Outro destaque em termos de materiais e técnicas construtivas, é a utilização da cerâmica armada, que, após sua utilização no Ceasa de Porto Alegre (1970-1974)<sup>68</sup>, repercutiu em outras regiões do Brasil, como o Nordeste. Com vantagens associadas às adequadas climáticas, a tecnologia, desenvolvida pelo engenheiro Eladio Dieste, ocorreu em dois projetos do levantamento (Ver Figura 32): o Clube do Trabalhador e Escola do Sesi, no Ceará, por Severiano Porto e Mário Ribeiro, e a revendedora de motos Sael, em Pernambuco, por Jerônimo Lima e Fernando Pontual. Ambos projetos contaram com a participação de Dieste, o primeiro como calculista e o segundo como consultor.

FIGURA 32: (ACIMA) SAEL MOTO REVENDEDORA (1982/ PE); (ABAIXO) CLUBE DO TRABALHADOR E ESCOLA DE MÚSICA DO SESI (1978/ CE).



FONTE: PROJETO, N. 127 E 114. ACERVO LAPEM.

É particularmente curioso o emprego da cerâmica armada no programa de uma revendedora, fugindo da associação desta tecnologia a obras de caráter público, como observado nos exemplos apontados pela historiografia. Sobre isso, justifica-se na matéria que, “por solicitação da empresa, o projeto, além de atender sua função específica, deveria

<sup>68</sup> SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014, p. 172-173. BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 152.

ênfatizar plasticamente a imagem de avanço tecnológico compatível com o produto a ser comercializado”<sup>69</sup> e, para tal, surgiu a ideia de empregar esta técnica.

FIGURA 33: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) RESIDENCIAL VILLA DO IGUATEMI (1990/ BA); CONJUNTO DE EDIFÍCIOS EM CIDADELA (BA).



FONTE: AU N. 35 E PROJETO N. 114. ACERVO LAPEM.

No antagonismo da continuidade moderna, apresentava-se um grupo que, pautado na revisão e crítica dos paradigmas modernos e apoiado nas tecnologias e materiais disponíveis, promoveram diversas experimentações em busca de uma superação da linguagem. Esta categoria, que se refere às tendências pós-modernas é mais detidamente apresentada em Costa (2012), que, inclusive, aponta três vertentes principais com ilustração no Nordeste a partir das revistas.

O Pós-Modernismo fora um caminho quase natural, já que se tratava de um movimento sem caráter definido, sendo antes uma rede de ações antimodernas que se somavam por conveniência. Se esse era seu ponto forte, era também sua maior debilidade, pois, na prática, poucos protagonistas do movimento, mesmo internacionalmente, aceitavam a filiação, justamente por sua coerência ser menos propositiva do que denunciatória. O próprio livro de Charles Jencks, em seu pluralismo quase messiânico, ajudava no desconforto (SPADONI, 2008).

A primeira vertente, “historicista”, refere-se a uma “proposta de retorno aos elementos historicistas e ao trabalho compositivo com eles como aspecto expressivo da edificação”. São características que garantem um apelo figurativo que se atrela perfeitamente à visibilidade e criação de vínculos pelos usuários locais, típicas estratégias comerciais. No Nordeste, a obra de Fernando Peixoto ilustra perfeitamente a questão (Ver Figura 33). Os grafismos que envolvem seus edifícios, em geral de plantas regulares, garantem a criação de uma identidade visual ao mesmo tempo em que a racionalidade da organização espacial

<sup>69</sup> PROJETO, N. 127, nov. 1989, p. 96.

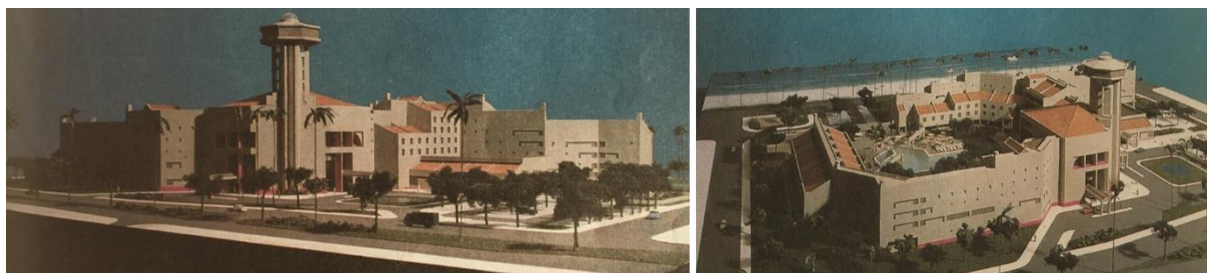
estende-se também ao processo construtivo e seus custos, critérios fundamentais do mercado.

FIGURA 34: CASA EM MACIEL (1996/ PB).



FONTE: AU N. 83. ACERVO LAPEM.

FIGURA 35: YBACANGA HOTEL (MA).



FONTE: AU N. 26. ACERVO LAPEM.

FIGURA 36: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) EDIFÍCIO RESIDENCIAL PASQUAL I (1986/ AL); HOTEL PRAIA DAS ALAGOAS (1986/ AL); MACEIÓ MAR HOTEL (1985/ AL).



FONTE: PROJETO N. 111,117 E 128. ACERVO LAPEM.

A segunda vertente empreende uma “ressignificação” de elementos, cujos resultados têm “implicações formais impregnadas de referências históricas” e assim, provoca, ao mesmo tempo, estranhamento e identificação pelo usuário. Um dos principais exemplos, neste caso, é a Casa em Maciel (1996) (Ver Figura 34) de Gilberto Guedes, na Paraíba. Esta utiliza-se de elementos típicos deste tipo de edificação no Nordeste, porém atribui reinvenções às formas (geometrização) e construção de alguns elementos. É interessante destacar ainda o emprego dos materiais tradicionais e a composição cromática, contrastando branco e cores primárias. Em contraponto a esse exemplo, Costa (2012) aponta o Hotel Ybacanga (Ver Figura 35), de Paulo Casé e Luiz Acioli, no Maranhão, que se utiliza de elementos formais,



contudo de forma arbitrária no que se refere aos seus significado e função, como fica evidenciado em sua torre.

A terceira e última tendência, abstracionista, se afasta da primeira apresentada, “historicista”, em termos conceituais, pela “exigência da ‘presença do objeto’, bem como da impossibilidade de desentender-se ou distanciar-se dos aspectos mais pragmáticos que envolvem um projeto arquitetônico”<sup>70</sup>. Neste sentido, as experimentações do purismo, neoformalismo e deconstrutivismo guiam esta classificação. Nos projetos do Nordeste, Costa (2012) sublinha, em especial, aqueles que, além da derivação do cubo, remetem à imagem da malha que serve de base às operações sobre o plano cartesiano propostas por Peter Eisenman (representante do deconstrutivismo) (Ver Figura 36).

FIGURA 37: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) BANCO DO NORDESTE DO BRASIL (PE); BANCO NACIONAL DA BAHIA (BA); BANCO DO ESTADO DA BAHIA (BA).



FONTE: PROJETO N. 78, 69, 84. ACERVO LAPEM.

FIGURA 38: (À DIREITA) SEDE REGIONAL BANESPA (1986/ PE); (À ESQUERDA) CENTRO ADMINISTRATIVO DO BANCO DO NORDESTE (1981/ CE)



FONTE: PROJETO N. 126 E 114. ACERVO LAPEM.

Concluindo-se a apresentação das tendências presentes na produção nordestina do final do século XX a partir das revistas especializadas, dois programas ganham destaque

<sup>70</sup> COSTA, Carolina. **O pós-moderno na arquitetura nordestina (1985-2000)**. 2012. 386p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, São Paulo, p. 78.

pelo grande contraponto que promovem no tocante à diversidade do período: as arquiteturas institucionais, principalmente a bancária, e a arquitetura residencial. Se, por um lado, as obras institucionais tendem a se manter alinhadas com uma continuidade dos preceitos modernos, o programa residencial aponta para uma grande variedade de experimentações como que recuperando outro momento de estudos.

Se as casas haviam sido o grande laboratório dos arquitetos, até a década de 60, os bancos exerceram esse papel, nos anos 70. Poucas limitações de programa, verba generosa, intenção plástica carregando os ideais muito característicos da arquitetura brasileira – espaços amplos, integração, desafio estrutural, emprego do concreto armado e protendido – uniram-se na materialização de muitos exemplares arquitetônicos que vão da estranheza à genialidade, enquanto resultados (ZEIN, 1984).

FIGURA 39: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) RESIDÊNCIA (AL), POR OLGA E RUBEN WANDERLEY FILHO E HUMBERTO LOPES; RESIDÊNCIA (1988/ AL), POR R. MONTEZUMA, CÁTIA AVELAR E GLÍCIA FERNANDES; RESIDÊNCIA (1984/ PB), POR C. MAYRINCK, V. PIRES E C. CALABRIA.



FONTE: PROJETO N. 55, 125; AU N. 22. ACERVO LAPEM.

FIGURA 40:(DA ESQUERDA PARA A DIREITA) RESIDÊNCIA (1985/ BA), POR CAMELO ARQUITETOS ASSOCIADOS; RESIDÊNCIA (1983/ BA), POR NEILTON DÓREA; RESIDÊNCIA (1996/ PE), POR R. MONTEZUMA, C. AVELAR E G. FERNANDES

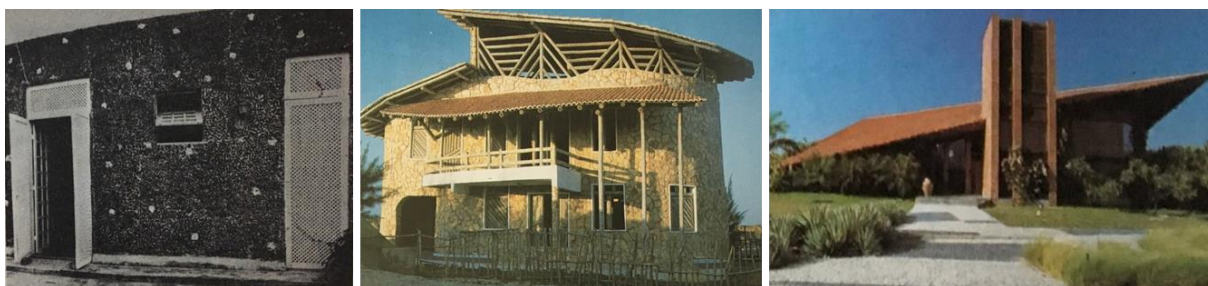


FONTE: PROJETO N. 115; AU N. 66.

Somente dois exemplos bancários aparecem com novas formas e materiais que, inclusive, distam entre si, a Sede Regional Banespa (1986) de Abrahão Sanovicz, que combina concreto e cerâmica, e o Centro Administrativo do Banco do Nordeste, de Wesson Mota e Marcos Mota, em estrutura metálica (Ver Figura 38). Já nas residências, essas variações ocorrem a partir de materiais, técnicas e resultados formais diferenciados ainda que incluídos numa mesma tendência. O concreto que se apresenta numa linha de continuidade da figura moderna, como na residência por Ruben Wanderley Filho (AL) (Ver Figura 39), é, em outros projetos (Ver Figura 40), combinado à cerâmica ou aço, e traz um resultado formal

bastante distinto, como nas residências de Neilton Dórea, na Bahia, e de Caramelo Arquitetos Associados e, tirando partido de elementos como a cobertura, essa última. Tal característica que se repete no projeto de Gérson Castelo Branco (Ver Figura 41), no Piauí, sem, contudo, tirar partido do concreto.

FIGURA 41: (DA ESQUERDA PARA A DIREITA) RESIDÊNCIA (BA), POR LINA BO BARDI; RESIDÊNCIA (1992/ PI), POR ADRIANO MELLO; RESIDÊNCIA (1981/ PI), POR GERSON CASTELO BRANCO.



FONTE: PROJETO N. 40, 125; AU N. 67.

Em outros exemplos, o emprego dos materiais tradicionais pode gerar experimentações com maiores preocupações climáticas e de racionalização na construção, como na residência de Montezuma (AL) (Ver Figura 39), ou ainda com inovações na utilização de elementos da tradição local, como o mesmo faz em Pernambuco (Ver Figura 40). A retomada de materiais e técnicas locais associadas a uma nova organização do programa ocorre no projeto de Adriano Mello (Ver Figura 41), no Piauí, e, em projetos anteriores, como na residência por Lina Bo Bardi (Ver Figura 41), na Bahia, pode-se notar um emprego ainda mais maneirista dos mesmos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao partir da premissa de uma limitada participação do Nordeste nas narrativas dominantes acerca da arquitetura do século XX, em especial àquela de suas últimas décadas, esta pesquisa buscou, inicialmente, observar como esta região era de fato apresentada na historiografia para, então, reconhecer algumas lacunas, melhor compreender e propor análises para a amostragem coletada nas revistas. Esta linha de pensamento, por sua vez, apontou não só os caminhos metodológicos assumidos neste trabalho, como também a organização dos capítulos que exibem tais resultados.

Assim, consultadas as publicações selecionadas – Goodwin (1943), Mindlin (1956), Bruand (1981), Ficher & Acayaba (1982), Segawa (1998), Bastos & Zein (2010) –, evidenciou-se a presença de episódios bastante restritos no que concerne ao Nordeste e, nesses, locais, arquitetos e obras ainda mais específicos. Apesar de possuir mais espaço que outras regiões fora do eixo Rio-São Paulo nessas narrativas e, por vezes, ser destacado pela originalidade de suas soluções, o Nordeste acaba abreviado aos seus grandes centros (Pernambuco, Bahia e Ceará) e a algumas poucas personalidades, em geral, arquitetos formados no Sudeste, a exemplo de Acácio Gil Borsói (associado à renovação da arquitetura pernambucana) e João Filgueiras Lima, o Lelé (associado à experiência com pré-fabricação).

Uma leitura semelhante é empreendida nas revistas, que, embora, recorrentemente, retratem os mesmos locais e escritórios, trazem, ao mesmo tempo, novos nomes, estados, materiais e técnicas não contemplados ou pouquíssimo comentados pela bibliografia e, então, reforçam a expectativa de ampliação da temática. Vale ressaltar, neste ponto, que Hugo Segawa e Ruth Verde Zein, autores das duas principais publicações, entre aquelas selecionadas, que incluem o intervalo de estudo dos periódicos (Arquiteturas no Brasil 1990-1990 e Arquiteturas Após 1950), compunham também o corpo editorial da Revista Projeto e neste eram responsáveis por grande parte do conteúdo crítico e panorâmico em

torno dos assuntos de arquitetura. Sendo assim, seria até incoerente esperar grandes discrepâncias entre os livros e revistas, pelo menos em linhas gerais.

Esses protagonismos são, em alguns casos, justificados pela necessidade de seleção que naturalmente acompanha a elaboração de um panorama ou uma revisão de certo período. No caso dos livros, tem-se um compromisso com certa linearidade na narrativa, que, somado à posição de destaque do Sudeste – grande centro político-econômico-cultural-arquitetônico do país –, acaba por evidenciar ainda mais a região na historiografia; sem falar na origem da maioria das vozes por trás dessa triagem, as quais partem, mais uma vez, desse centro. Já os periódicos, sem qualquer pretensão de fazer um relato, contam com a colaboração de correspondentes em todo o país, ainda que concentrados nos grandes centros, e têm a possibilidade de ampliar a coleção de obras discutidas e divulgadas em suas publicações.

Assim, as revistas Projeto e AU expandem o repertório de projetos para estudo da arquitetura desses anos e, no que se refere ao Nordeste, expõem a diversidade de tendências e experimentações durante a chamada crise do Movimento Moderno e nos anos seguintes. Num primeiro momento, categorizar essa amostragem segundo uma divisão que tem por base a produção do Sudeste, com referência em Spadoni (2008), ao mesmo tempo em que se traça paralelos também com as discussões internacionais, com referência em Costa (2012), põe o Nordeste em alinhamento com o cenário arquitetônico em curso no país e no mundo. Ilustra-se a aplicação de novos materiais e técnicas construtivas, como a estrutura metálica e a cerâmica armada, respectivamente; a utilização e reinvenção na aplicação de materiais e técnicas tradicionais; a combinação dessas novas e tradicionais possibilidades e, por conseguinte, as várias formas, composições e implantações resultantes.

De modo geral, a partir desse contexto, reduzem-se as disparidades que dominam o imaginário ao se pensar no Nordeste em conformidade com as escalas nacional e internacional e, da mesma forma, impulsiona-se um maior reconhecimento e interpretação dessa produção. Cabe, neste momento, lançar um olhar a estas arquiteturas que se apresentam nessas novas fontes e complementar as narrativas nas quais o “Nordeste nada mais é que a regularidade de certos temas, imagens, falas, que se repetem em diferentes discursos” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 344). Arquiteturas estas cujas respostas, segundo tendências diversas, respondem às demandas e possibilidades locais e às quais deve-se melhor explorar nesse sentido. Quais os programas observados? Quais as soluções plásticas, técnicas construtivas e materiais que ocorriam nesse período? Quais predominavam? Quais fatores justificam esse protagonismo? Por quê?

Trata-se de uma série de questionamentos que, embora não sejam resolvidos neste trabalho, foram embasados e alimentados por essa pesquisa. De certo modo, tem-se, inclusive, algumas dessas caracterizações, resta dar continuidade a tais análises e explorar ainda mais este tema que, repleto de possibilidades, trazem perspectivas positivas para o futuro de tais investigações.

# REFERÊNCIAS

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015 [1ª Edição: 2010].

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016 [1ª Edição: 1981].

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo; CAMPELLO, Maria de Fatima de Mello Barreto. **Palavras e imagens impressas**: as publicações periódicas especializadas e sua contribuição para a pesquisa em arquitetura e urbanismo. Trabalho apresentado no Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (ENANPARQ), 4, 25-29 jul. 2016. Porto Alegre, 17 p.

COSTA, Carolina. **O pós-moderno na arquitetura nordestina (1985-2000)**. 2012. 386p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, São Paulo.

DEDECCA, Paula Gorenstein. **Sociabilidade, Crítica e Posição**: O meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965). 2012. 403p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Recepção e Difusão da arquitetura moderna brasileira**: uma abordagem historiográfica. 2015. 220p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP São Carlos, São Paulo.

GOODWIN, Philip. **Brazil Builds**: Architecture new and old 1652-1942. New York: The Museum of Mo-dern Art, 1943;



GUTIERREZ, Ramón; MENDÉZ, Patricia. **Las revistas de arquitectura en Latinoamérica: perfiles de su historia y apuntes para su futuro**. Bitácora Arquitectura. Universidad Nacional Autónoma de México, nº 19, p. 6-11, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/bitacora/article/viewFile/25102/23605>>. Acesso em: 23 set. 2017.

JUNIOR, Rafael Pinto Alves. **Modernidade impressa: o interesse das revistas pelo espaço arquitetônico e urbano no Rio de Janeiro (1902-1934)**. Congresso Nacional de História da Universidade Federal de Goiás, 1, 2009. Goiás. Anais Eletrônicos. Goiás: UFG, 2009. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20\(52\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20(52).pdf)>. Acesso em: 12 set. 2017.

MARQUES, Sônia; NASLAVSKY, Guilah. **Eu vi o modernismo nascer... foi no Recife**. Arqtextos. [online]. São Paulo, n. 131.02, Vitruvius, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/11.131/3826>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

MINDLIN, Henrique. **Modern Architecture in Brazil**. Rio de Janeiro/ Amsterdã: Colibris, 1956.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**; [versão portuguesa Maria Beatriz da Costa Mattos]. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

\_\_\_\_\_. **Sistemas arquitectónicos contemporâneos**. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

MONTEZUMA, Roberto (Org.). **Arquitetura Brasil 500 Anos**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

MOREIRA, Pedro. **Alexandre Altberg e a Arquitetura Nova no Rio de Janeiro**. Arqtextos. [online]. São Paulo, n. 058.00, Vitruvius, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/05.058/484>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

PIRES, Cecília. Em meio a crises, Projeto nasceu. E cresceu. **Revista Projeto**. São Paulo, n. 42, p. 36-41, 1982.

REVISTA ACRÓPOLE. São Paulo, v. 1, nº 1, maio. 1938. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/1>>. Acesso em 13 set. 2017.



REVISTA ARCHITECTURA NO BRASIL. Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, outubro. 1921. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/cache/163730992359/I00000001-2Alt=002097Lar=001330LargOri=004490AltOri=007080.JPG>>. Acesso em 12 set. 2017.

REVISTA AU. São Paulo, n. 1, jan. 1985.

REVISTA AU. São Paulo, n. 2, abr. 1985.

REVISTA AU. São Paulo, n. 3, nov. 1985.

REVISTA AU. São Paulo, n. 4, fev. 1986.

REVISTA AU. São Paulo, n. 6, jun. 1986.

REVISTA AU. São Paulo, n. 22, fev./mar. 1989.

REVISTA AU. São Paulo, n. 26, out./nov. 1989.

REVISTA AU. São Paulo, n. 30, jun./jul. 1990.

REVISTA AU. São Paulo, n. 35, abr./mai. 1990.

REVISTA AU. São Paulo, n. 36, jun./jul. 1991.

REVISTA AU. São Paulo, n. 43, ago./set. 1992.

REVISTA AU. São Paulo, n. 46, fev./mar. 1993.

REVISTA AU. São Paulo, n. 56, out./nov. 1994.

REVISTA AU. São Paulo, n. 60, jun./jul. 1995.

REVISTA AU. São Paulo, n. 64, fev./mar. 1996.

REVISTA AU. São Paulo, n. 66, jun./jul. 1996.

REVISTA AU. São Paulo, n. 67, ago./set. 1996.

REVISTA AU. São Paulo, n. 74, out./nov. 1997.

REVISTA AU. São Paulo, n. 79, ago./set. 1998.

REVISTA AU. São Paulo, n. 83, abr./mai. 1999.

REVISTA FON-FON. Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, abril. 1907. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/fonfon/fonfon\\_1907/fonfon\\_1907\\_001.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1907/fonfon_1907_001.pdf)>. Acesso em: 13 set. 2017.

REVISTA KOSMOS. Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, janeiro. 1904. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420\\_1904\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/146420/per146420_1904_00001.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2017.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 11, s.d.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 12, mai. 1979.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 13, jun./jul. 1979.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 20, mai. 1980.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 21, jul. 1980.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 23, set. 1980.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 31, jun. 1981.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 40, mai. 1982.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 42, 1987.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 53, jul. 1983.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 55, set. 1983.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 66, ago. 1984.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 67, set. 1984.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 69, nov. 1984.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 78, ago. 1985.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 84, fev. 1986.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 90, ago. 1986.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 91, set. 1986.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 95, jan. 1987.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 104, out. 1987.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 105, nov. 1987.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 108, mar. 1988.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 111, jun. 1988.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 114, set. 1988.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 115, out. 1988.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 116, nov. 1988.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 117, dez. 1988.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 125, set. 1989.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 126, out. 1989.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 127, nov. 1989.

REVISTA PROJETO. São Paulo, n. 128, dez. 1989.

RICCI, Claudia Thurler. **Imagens e crônicas da arquitetura nas revistas ilustradas**. 19&20, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, jan. 2007. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_arq\\_revistas.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_arq_revistas.htm)>. Acesso em 16 set. 2017.

SALVATORI, Elena. **Arquitetura no Brasil**: ensino e profissão. Arquitetura Revista. [online]. Rio Grande do Sul, nº 2, p. 52-77, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/5471>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

SCOTTÁ, Luciane. **Brazil Builds**: Architecture New and Old. Repercussão da divulgação da arquitetura moderna brasileira. AUS (Valdivia). [online]. Chile, nº 17, p. 24-29. 2015. Disponível em: <[http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?pid=S0718-72622015000100005&script=sci\\_arttext](http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?pid=S0718-72622015000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 09 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Brazil Builds**: releitura crítica. 2017. 345p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade do Porto.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2014 [1ª Edição: 1998].

\_\_\_\_\_. **Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design**: a divergência de perspectivas. Ci. Inf. Brasília, v. 32, nº 3, p. 120-127, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.057/506>>. Acesso em: 09 jul. 2017.

SIOLARI, Maristela; PORTUGAL, Josélia Godoy. **A Revista Architectura do Brasil, o Neocolonial e a Exposição do Centenário de Independência**. Trabalho apresentado no Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (ENANPARQ), 4, 25-29 jul. 2016. Porto Alegre, 19 p.

SPADONI, Francisco. **Dependência e resistência**: transição na arquitetura brasileira nos anos de 1970 e 1980. Arquitextos. [online]. São Paulo, n. 102.00, Vitruvius, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/91>>. Acesso em: 14 set. 2017.

TINEM, Nelci. **Arquitetura Moderna Brasileira**: a imagem como texto. Arquitextos. [online]. São Paulo, n. 072.02, Vitruvius, mai. 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/352>>. Acesso em: 04 out. 2017.

WOLF, José. Uma história para celebrar, rever e relembrar. **Revista AU**. São Paulo, nº 137, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/137/artigo22205-1.aspx>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

ZEIN, Ruth Verde. Nos últimos anos, surgem os novos caminhos e tendências. **Revista Projeto**. São Paulo, n. 53, p. 86-126, 1983.

\_\_\_\_\_. Muita construção, muita arquitetura. **Revista Projeto**. São Paulo, n. 63, p. 47-55, 1984.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ABI. Disponível em: <[https://images.adsttc.com/adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/03/1331685263\\_abi\\_9.jpg](https://images.adsttc.com/adbr001cdn.archdaily.net/wp-content/uploads/2012/03/1331685263_abi_9.jpg)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

ABI. Disponível em: <[http://www.abi.org.br/wp-content/uploads/images/fachada\\_predioABI.jpg](http://www.abi.org.br/wp-content/uploads/images/fachada_predioABI.jpg)>. Acesso em: 02 jan. 2018.

ACAIACA. Disponível em: <[http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid\\_9/7207af19ddd5\\_alcilia\\_sol\\_06.jpg](http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/7207af19ddd5_alcilia_sol_06.jpg)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

ARQUITETURA E URBANISMO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO). Disponível em: <[http://www.arquitetura.uema.br/?page\\_id=251](http://www.arquitetura.uema.br/?page_id=251)>. Acesso em: 13 set. 2017.

ARQUITETURA E URBANISMO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ). Disponível em: <<http://leg.ufpi.br/ct/index/pagina/id/1740>>. Acesso em: 13 set. 2017.

ASSOCIAÇÃO DE ARTISTAS BRASILEIROS. Disponível em: <[http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/temas/associacao\\_dos\\_artistas\\_brasileiros.ph](http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/temas/associacao_dos_artistas_brasileiros.ph)>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRASÍLIA. Disponível em: <<http://uvbbrasil.com.br/2015/wp-content/uploads/2016/08/congresso-nacional-ritmo-de-ferias-metropolitana-df.jpg>>. Acesso em 29 set. 2017.

BRETTON WOODS. Disponível em: <[http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2247:catid=28&Itemid=23](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2247:catid=28&Itemid=23)>. Acesso em: 16 jul. 2017.

CAPA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL. Disponível em: <[https://statics.livrariacultura.net.br/products/capas\\_lg/465/84465.jpg](https://statics.livrariacultura.net.br/products/capas_lg/465/84465.jpg)>. Acesso em: 28 dez. 2017.

CAPA ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA. Disponível em: <<https://revistamdc.files.wordpress.com/2011/03/06-arquitetura-moderna-brasileira-capade-sylvia-ficher-e-marlene-milan-acayaba-arquitetura-moderna-brasileira-1982.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

CAPA ARQUITETURAS NO BRASIL 1900-1990. Disponível em: <<https://carrinho.casasbahia.com.br/livros/ArquiteturaDecoracaoDesign/LivrodeArquitetura/103683/127516892/Livro-Arquiteturas-no-Brasil-1900-1990-3-Ed-2010-Hugo-Segawa-103683.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

CAPA BRASIL: ARQUITETURAS APÓS 1950. Disponível em: <<https://bibfauusp.files.wordpress.com/2010/10/brasilarquiteturas.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

CAPA HABITAT EDIÇÃO 1. Disponível em: <[http://linabobarditogether.com/wp-content/uploads/2012/08/WT\\_1950\\_Habitat\\_web-393x500.png](http://linabobarditogether.com/wp-content/uploads/2012/08/WT_1950_Habitat_web-393x500.png)>. Acesso em: 13 set. 2017.

CAPA MODERN ARCHITECTURE IN BRAZIL. Disponível em: <<http://foliorarebooks.com.br/21leilao/itens/014.jpg>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

CAPA MÓDULO EDIÇÃO 1. Disponível em: <[https://patinadotempo.files.wordpress.com/2010/05/bvrraros\\_modulo.jpg](https://patinadotempo.files.wordpress.com/2010/05/bvrraros_modulo.jpg)>. Acesso em: 13 set. 2017.

CAPA ROTEIRO PARA CONSTRUIR NO NORDESTE. Disponível em: <<https://reader001.docslide.net/reader001/html5/20170728/55cf854d550346484b8c8e12/bg1.png>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

CASA DO ARQUITETO. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik/5627b767e58ece127a000256-classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik-imagem>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

JOSÉ WOLF. Disponível em: <<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/226/artigo275929-4.aspx>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

MAM. Disponível em: <<http://s3.transloadit.com.s3.amazonaws.com/4b30ae61b7c84e42b6be045272ec3211/77/fa9605151069fbf806a18455817fad/Museum-of-Modern-Art.jpeg-jpeg>>. Acesso em 29 set. 2017.

MAM-RJ. Disponível em: <<http://cdn.thecoolist.com/wp-content/uploads/2009/09/Rio-De-Janeiro-Museum-of-Modern-Art-by-Afonso-Reidy.jpg>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

MASP. Disponível em: <[http://media.timeout.com.br/contentFiles/image/saopaulo/05\\_ART/venues/major\\_institutions/masp2\\_julio-tavares.jpg](http://media.timeout.com.br/contentFiles/image/saopaulo/05_ART/venues/major_institutions/masp2_julio-tavares.jpg)>. Acesso em 29 set. 2017.

MASP. Disponível em: <<https://www.agambiarra.com/wp-content/uploads/2017/01/centros-culturais-sao-paulo-inaugurac%CC%A7a%CC%83o-2017-1170x480.jpg>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

MES. Disponível em: <<http://static.panoramio.com/photos/large/11925384.jpg>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

PÁGINA LPPM. Disponível em <[www.lppm.com.br](http://www.lppm.com.br)>. Acesso em: 09 fev. 2018.

PAMPULHA. Disponível em: <<https://www.guiabh.com.br/repository/imagens/estabelecimentos/igrejinha-da-pampulha-imagem-logo.jpg>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

PAVILHÃO DE NOVA YORK. Disponível em: <[https://images.adsttc.com/media/images/52ff/8100/e8e4/4e3c/d000/0183/large\\_jpg/1345906828\\_pavilhaony\\_3\\_1.jpg?1392476408](https://images.adsttc.com/media/images/52ff/8100/e8e4/4e3c/d000/0183/large_jpg/1345906828_pavilhaony_3_1.jpg?1392476408)>. Acesso em: 03 jan. 2018.

PLANO COLLOR. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/governo-collor-de-mello-1990-1992-presidente-renuncia.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

SECRETARIA CAB. Disponível em: <<http://itirucuonline.com/estado-cria-nucleos-territoriais-de-educacao-na-bahia/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SEDE CHESF. Disponível em: <<http://www.flickrriver.com/photos/93256055@N00/sets/72157660100451697/>>. Acesso em 21 mar. 2018.

SUDENE. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/superintendencia-do-desenvolvimento-do-nordeste-sudene>>. Acesso em: 14 set. 2017.

TEATRO CASTRO ALVES. Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/-7FTPNSAu7Zk/UpZZprJ6uml/AAAAAACVoM/xd-sgflxjAI/s1600/TCA\\_AEREO\\_550.jpg](http://4.bp.blogspot.com/-7FTPNSAu7Zk/UpZZprJ6uml/AAAAAACVoM/xd-sgflxjAI/s1600/TCA_AEREO_550.jpg)>. Acesso em: 14 fev. 2018.





## APÊNDICES

TABELA 1: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM BRAZIL BUILDS: ARCHITECTURE NEW AND OLD (1943), POR P. GOODWIN.

TABELA 2: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM MODERN ARCHITECTURE IN BRAZIL (1956), POR H. MINDLIN.

TABELA 3: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL (2016 [1981]), POR Y. BRUAND.

TABELA 4: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA (1982), POR S. FICHER E M. ACAYABA.

TABELA 5: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM ARQUITETURAS NO BRASIL 1900-1990 (2014 [1998]), POR H. SEGAWA.

TABELA 6: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM BRASIL: ARQUITETURAS APÓS 1950 (2015 [2010]), POR M. A. J. BASTOS E R. V. ZEIN.

TABELA 7: CORPO EDITORIAL DAS REVISTAS PROJETO CONSULTADAS (DÉCADAS DE 1970 E 1980).

TABELA 8: PROJETOS DE ARQUITETURA DA REGIÃO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADAS DE 1970 E 1980).

TABELA 9: PROJETOS DE ARQUITETURA DA REGIÃO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990).

FICHAS 1: PROJETOS DO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980).

FICHAS 2: PROJETOS DO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990).



TABELA 1: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM BRAZIL BUILDS: ARCHITECTURE NEW AND OLD (1943), POR P. GOODWIN.

OBRA	ARQUITETO(S)	ESTADO	Nº DE IMAGENS
Recebedoria de Rendas	Saturnino Nunes de Brito <sup>71</sup>	PE	1
Sanatório de Tuberculosos Santa Terezinha	Não Identifica	BA	1
Escola Normal	Não Identifica	BA	4
Torre d'Água	Não Identifica	PE	1
Pavilhão de Anatomia Patológica	Saturnino Nunes de Brito	PE	1
Casa Johnson	Oscar Niemeyer	CE	5
Casa do Dr. Arthur Moura	José Norberto	PE	2

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

TABELA 2: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM MODERN ARCHITECTURE IN BRAZIL (1956), POR H. MINDLIN<sup>72</sup>.

OBRA	ARQUITETO(S)	ESTADO	Nº DE IMAGENS
Casa do Dr. João Paulo de Miranda Neto	Lygia Fernandes	AL	5
Hotel da Bahia	Paulo Antunes Ribeiro e Diógenes Rebouças	BA	7
Edifício Caramuru	Paulo Antunes Ribeiro	BA	6
Jardim da Capela da Jaqueira	Roberto Burle Marx	PE	3

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

<sup>71</sup> É possível que “Saturnino Nunes de Brito” seja uma confusão entre os nomes de Fernando Saturnino de Brito e Luís Nunes, coautores de dois projetos. Dessa forma, o nome de Luís Nunes pode não ter sido intencionalmente omitido do livro (SCOTTÁ, 2017).

<sup>72</sup> Na introdução do livro *Modern Architecture in Brazil* é citado o nome de Luís Nunes com um breve comentário e, posteriormente, aparece uma imagem da sua obra da Torre d'Água de Olinda (PE).

TABELA 3: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL (2016 [1981]), POR Y. BRUAND<sup>73</sup>.

OBRA	ARQUITETO(S)	ESTADO	Nº DE IMAGENS
Escola para Crianças Excepcionais	Luís Nunes	PE	1
Hospital da Brigada Militar	Luís Nunes	PE	1
Escola Rural Alberto Torres	Luís Nunes	PE	1
Edifício Caramuru	Paulo Antunes Ribeiro	BA	0
Restauro da Casa de Jorge Amado	Gilbertet Chaves	BA	0
Casa Lages	Delfim Amorim	PE	0
Residência de Carlos Fernandes	Delfim Amorim	PE	0
Prédio de apartamentos Acaiaca	Delfim Amorim	PE	0
Prédio de escritórios Santa Rita	Delfim Amorim	PE	0
Seminário Regional do Nordeste	Delfim Amorim	PE	0
Teatro Castro Alves	José Bina Fonyat	BA	2
Centro Escolar Carneiro Ribeiro	Diógenes Rebouças	BA	2
Estação Rodoviária de Salvador	Diógenes Rebouças	BA	0

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

<sup>73</sup> Ao longo do livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (1981), alguns projetos do Nordeste são brevemente citados em notas. São eles: o Projeto do Pavilhão de verificação dos óbitos da antiga Faculdade de Medicina de Recife e a Caixa d'água de Olinda, por Luís Nunes; a Casa do Dr. Paulo Netto em Maceió, por Lygia Fernandes; a Comunidade Rural de Cajueiro Seco, em Pernambuco, por Acácio Gil Borsó; o First Nacional City Bank no Recife, por Henrique Mindlin.

TABELA 4: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM ARQUITETURA MODERNA BRASILEIRA (1982), POR S. FICHER E M. ACAYABA<sup>74</sup>.

OBRA	ARQUITETO(S)	ESTADO	Nº DE IMAGENS
Caixa d'Água de Olinda	Luís Nunes	PE	1
Hospital Militar	Luís Nunes	PE	0
Edifício Caramuru	Paulo Antunes Ribeiro	BA	1
Instituto de Radiologia	Diógenes Rebouças	BA	0
Estádio da Fonte Nova	Diógenes Rebouças	BA	0
Edifício Estados Unidos	Diógenes Rebouças	BA	0
Hotel da Bahia	Paulo Antunes Ribeiro e Diógenes Rebouças	BA	4
Teatro Castro Alves	José Bina Fonyat	BA	1
Secretaria no Centro Administrativo da Bahia	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	4
Centro de Exposições no Centro Administrativo da Bahia	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	1
Igreja no Centro Administrativo da Bahia	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	1
Ginásio Humanístico de Pojuca	Francisco Assis Reis	BA	0
Centro Comunitário Batista de Salvador	Francisco Assis Reis	BA	0
Hospital Geral de Canela	Francisco Assis Reis	BA	0
Edifício Sede da Companhia Hidroelétrica do São Francisco	Francisco Assis Reis	BA	1
Centro Médico Albert Schweitzer	Francisco Assis Reis	BA	1
Residência José Paixão em Itapoã	Francisco Assis Reis	BA	0
Prédio de apartamentos Acaiaca	Delfim Amorim	PE	1
Prédio de escritórios Santa Rita	Delfim Amorim	PE	0

<sup>74</sup> Alguns dos projetos apresentados tem apenas uma imagem como referência e não são citados ao longo do texto: o Monumento Rodoviário de Garanhuns, de Armando de Holanda, e a Residência de Fazenda José Nogueira Paes, de Nícia Paes Bormann.

Fórum de Teresina	Acácio Gil Borsói	PI	1
Sede do Ministério da Fazenda	Acácio Gil Borsói	CE	0
Residência Clovis Rolim	Acácio Gil Borsói	CE	5
Comunidade Rural de Cajueiro Seco	Acácio Gil Borsói	PE	3
Equipamento Público do Parque Nacional de Guararapes	Armando de Holanda	PE	1
Monumento Rodoviário de Garanhuns	Armando de Holanda	PE	1
Banco do Estado do Ceará	Neudson Braga	CE	0
Centro de Hemoterapia	Neudson Braga, Liberal de Castro	CE	0
Campus da Universidade Federal do Ceará	Neudson Braga, Liberal de Castro	CE	0
Banco do Nordeste do Brasil	Gerhard Ernst Bormann, José Armando Farias, Liberal de Castro, Reginaldo Mendes Rangel, Nearco Araújo	PB	1
Banco do Nordeste do Brasil	Gerhard Ernst Bormann	RN	0
Estádio de Fortaleza	Gerhard Ernst Bormann	CE	0
Residência de Fazenda José Nogueira Paes	Nícia Paes Bormann	CE	1
Assembleia Legislativa do Ceará	Roberto M. Castelo, José Furtado	CE	4
Projeto Morada Nova	Nelson Serra e Neves, José Alberto de Almeida, Ebbe Martins Ferreira	CE	2

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.



TABELA 5: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM ARQUITETURAS NO BRASIL 1900-1990 (2014 [1998]), POR H. SEGAWA<sup>75</sup>.

OBRA	ARQUITETO(S)	ESTADO	Nº DE IMAGENS
Elevador Lacerda <sup>76</sup>	Fleming Thiesen	BA	1
Instituto de Educação da Bahia	Alexander Buddeus	BA	1
Sede do Instituto do Cacau	Alexander Buddeus	BA	1
Agência dos Correios e Telégrafos de Salvador	Não Identifica	BA	1
Hospital da Brigada Militar	Luiz Nunes [sic]	PE	0
Escola Rural Alberto Torres	Luiz Nunes [sic]	PE	0
Usina Higienizadora de Leite	Luiz Nunes [sic]	PE	0
Leprosário de Mirueira	Luiz Nunes [sic]	PE	1
Pavilhão de Verificação de Óbitos da Faculdade de Medicina	Luiz Nunes [sic]	PE	0
Reservatório de Água de Olinda	Luiz Nunes [sic]	PE	1
Terminal de Hidroaviões de Salvador	Ricardo Antunes	BA	0
Delegacia do IAPI	Carlos Frederico Ferreira	PE	0
Casa	Acácio Gil Borsói	PB	1
Restauo do Solar do Unhão	Lina Bo Bardi	BA	0
Casa no Chame Chame	Lina Bo Bardi	BA	1
Edifício Acaiaca	Delfim Amorim, Lúcio Estelita	PE	1
Faculdade de Medicina da UFPE	Mário Russo	PE	1

<sup>75</sup> Alguns dos projetos apresentados tem apenas uma imagem como referência e não são citados ao longo do texto: a casa na Paraíba, por Acácio Gil Borsói, a casa no Chame Chame, na Bahia, por Lina Bo Bardi, o Edifício Acaiaca em Pernambuco, por Delfim Amorim e Lúcio Estelita, a Sede da Companhia Hidrelétrica do São Francisco na Bahia, por Francisco Assis Reis e a Secretaria do Centro Político-Administrativo da Bahia, por João Filgueiras Lima.

<sup>76</sup> Segawa (2014 [1998]) apresenta esta obra como Art Déco, contudo abre um parêntese para as classificações de Paulo Ormindo, que “o considera a primeira obra de arquitetura moderna construída na Bahia” (SEGAWA, 2014 [1998], p. 64).

Hospital das Clínicas	Mário Russo	PE	0
Instituto de Biologia Marítima	Mário Russo	PE	0
Instituto de Antibióticos	Mário Russo	PE	0
Escola de Engenharia	Mário Russo	PE	0
Teatro Castro Alves	José Bina Fonyat	BA	0
Hotel da Bahia	Diógenes Rebouças, Paulo Antunes Ribeiro	BA	0
Aeroporto Internacional de Salvador	André Sá, Francisco Mota	BA	0
Estação de Metrô Cavaleiro	Vital Pessoa de Melo, Reginaldo Esteves	PE	1
Sede da Companhia Hidrelétrica do São Francisco	Francisco de Assis Reis	BA	1
Secretaria do Centro Político- Administrativo da Bahia	João Filgueiras Lima	BA	1
Comunidade Rural de Cajueiro Seco	Acácio Gil Borsói	PE	0
Restauro do Mercado Modelo	Paulo Ormino	BA	0
Restauro da Fábrica Danneman	Paulo Ormino	BA	0

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

TABELA 6: PROJETOS DE ARQUITETURA MODERNA DA REGIÃO NORDESTE EM BRASIL: ARQUITETURAS APÓS 1950 (2015 [2010]), POR M. A. J. BASTOS E R. V. ZEIN.

OBRA	ARQUITETO(S)	ESTADO	Nº DE IMAGENS
Comunidade Rural de Cajueiro Seco	Acácio Gil Borsói	PE	1
Fórum Judiciário de Teresina	Acácio Gil Borsói	PI	1
Hotel de Praia	Sérgio Bernardes	PB	1
Secretarias do Centro Administrativo da Bahia	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	4
Museu da Bahia (Centro Administrativo da Bahia)	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	0
Igreja do Centro Administrativo da Bahia	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	2
Parque Histórico Nacional dos Guararapes	Armando de Holanda	PE	2
Centro Médico Albert Schweitzer	Francisco de Assis Reis	BA	0
Edifício Sede da Chesf	Francisco Assis Reis	BA	2
Biblioteca Central da Bahia	Joquim Guedes	BA	2
Passarelas	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	1
Escola no Baixo da Égua	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	1
Escola em Plataforma	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	1
Escola em Pítuaçu	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	1
Creches	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	3
Mercado para Camelôs	José Brandão, Ronaldo L'Amour	PE	3
Hospital do Aparelho Locomotor da Rede Sarah Kubtischek	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	4
Restauo da Casa de Benin	Lina Bo Bardi	BA	0
Restauo da Casa do Olodum	Lina Bo Bardi	BA	0
Restauo de sobrados na Ladeira da Misericórdia	Lina Bo Bardi	BA	2
Restaurante Coaty	Lina Bo Bardi	BA	0

Centro Cultural Dannemann	Paulo Ormino	BA	4
Recuperação do Teatro José de Alencar	Método Engenharia	CE	4

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

TABELA 7: CORPO EDITORIAL DAS REVISTAS PROJETO CONSULTADAS (DÉCADAS DE 1970 E 1980)<sup>77</sup>.[illegible]

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

<sup>77</sup> No caso da Revista AU, o corpo editorial se distribui segundo as seções, que, de maneira geral, apresentam um responsável fixo. Assim, inviabiliza-se a elaboração de uma tabela com a estrutura apresentada acima. Vale ressaltar que nas edições consultadas assumiram a função de editor geral José Wolf, Livia Álvares Pedreira, Haifa Y. Sabbag e Marcos de Sousa; e, entre editores e redatores, Haifa Y. Sabbag, Livia Andrade Pereira, José Wolf, Alessandro Castroviejo Ribeiro, Heloísa Medeiros, Éride Moura, Ledy Valporto Leal, Ana Luiza Nobre, Marcos de Sousa e Luciana Benvengo.

TABELA 8: PROJETOS DE ARQUITETURA DA REGIÃO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADAS DE 1970 E 1980).

REF.	ANO	EDIÇÃO	SEÇÃO	PROGRAMA	PATRIMÔNIO	NATUREZA DO PROJETO	ARQUITETO(S)	UF OU PAÍS	REGIÃO OU CONTINENTE
7	1979	13	Hotéis/ Projetos	Restauro Convento	X	Hotéis/ Pousadas	Sérgio Rocha	BA	NE
8	1979	13	Hotéis/ Projetos	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Paulo Casé, Luz Acioli (L. A. Rangel A A Ltda)	RN	NE
39	1980	19	Habitação/ Pesquisa	Casa Popular		Habitação Social	CEPED	BA	NE
48	1980	20	Hotéis/ Projetos	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Não Identifica	MA	NE
53	1980	21	Edifícios Administrativos/ Projetos	Casa da Indústria		Obras Públicas	Sérgio Teperman Arquitetos Associados	AL	NE
67	1980	23	Edifícios Administrativos/ Projetos	Centro Administrativo		Obras Públicas	Márcio P. de Barros, Marcus V. Meyer, Raul de L. Cirne, Raimundo de C. Dias	PI	NE
98	1981	29	XVIII Premiação IAB/ Rio	Casa		Residencial Unifamiliar	Luiz C. Boeckel	BA	NE
110	1981	31	Fins Culturais	Biblioteca		Educacional	Tito L. Frascino, Vasco de Mello (Central de Projetos)	SE	NE
128	1981	33	Obras Públicas	Fórum		Obras Públicas	Acácio G. Borsói, Janete Costa, Gilson Miranda	PI	NE
130	1981	33	Edifícios Educacionais	Reitoria Campus		Educacional	Miguel Juliano	SE	NE
135	1981	34	Habitação	Conjunto Habitacional		Habitação Social	Massilon Coelho, Saboia de Albuquerque, José G. Antero, Antônio J. S. Brandão	CE	NE
139	1981	35	Terminais	Terminal Rodoviário		Transporte	Glauco Campello, José L. Pinho	PB	NE
173	1982	40	XI Congresso/ Suplemento Especial	Casa		Residencial Unifamiliar	Lina Bo Bardi	BA	NE
174	1982	40	XI Congresso/ Suplemento Especial	Museu	X	Cultural	Lina Bo Bardi	BA	NE
183	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Centro de Formação		Educacional	Florisundo M. L. Sobrinho	PE	NE
194	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Biblioteca		Educacional	Tito L. Frascino, Vasco de Mello (Central de Projetos)	SE	NE
198	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Centro de Convenções		Cultural	Joel Ramalho Jr.	PE	NE
199	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Centro de Convenções		Cultural	M. Roberto Arquitetos	BA	NE
200	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Centro de Exposições		Cultural	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	NE
207	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Igreja		Religioso	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	NE
217	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Centro Administrativo		Obras Públicas	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	NE
220	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Fórum		Obras Públicas	Acácio G. Borsói, Janete Costa, Gilson Miranda	PI	NE
223	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Sede Instituição		Institucional	Fausto Nilo Costa Jr., Delberg Ponce de Leon	CE	NE
225	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Sede Legislativa		Obras Públicas	J. Rocha Furtado, R. Martins Castelo	CE	NE
250	1982	42	Os Anos 70/ Tendências	Estação Rodoviária		Transporte	Glauco Campello, José L. Pinho	PB	NE
286	1982	45	Painel	Estação Telefônica		Outros	Não Identifica	RN	NE
287	1982	45	Painel	Sede Empresa		Institucional	Não Identifica	AL	NE
288	1982	45	Painel	Centro Operacional		Institucional	Não Identifica	RN	NE
290	1982	45	Painel	Estação Telefônica		Institucional	Não Identifica	MA	NE
298	1982	46	Edifícios Industriais	Complexo Têxtil		Industrial	Hans Broos	PE	NE
341	1983	52	Terminal Rodoviário	Terminal Rodoviário		Transporte	Mário Aloísio, Leonardo Bittencourt, Eduardo Assumpção	AL	NE
347	1983	55	Habitação Unifamiliar	Casa		Residencial Unifamiliar	Ruben W. Filho, Olga Wanderley, Humberto Copes	AL	NE
348	1983	55	Habitação Unifamiliar	Casa		Residencial Unifamiliar	Ruben W. Filho, Olga Wanderley, Humberto Copes	AL	NE
425	1984	63	Arquitetura Bancária	Agência Bancária		Institucional	Gilberto del Sole	CE	NE
435	1984	64	Edifícios Comerciais	Agência Aérea		Comercial/ Escritórios	Roberto Paternostro, Rafael Satomayor	PE	NE
438	1984	64	Painel	Casa		Residencial Unifamiliar	Benno Perelmutter Arquitetura e Planejamento	MA	NE
440	1984	64	Painel	Unidade Sanitária		Hospitalar	Benno Perelmutter Arquitetura e Planejamento	MA	NE
446	1984	66	Habitação	Autoconstrução		Habitação Social	Acácio Gil Borsói	PE	NE
487	1984	67	Arquitetura Bancária	Agência Bancária		Institucional	Diretoria de Engenharia e Serviços da Socila S.A. Administradora de Bens	SE	NE
496	1984	67	Arquitetura Bancária	Agência Bancária		Institucional	Miguel Ramalho	BA	NE
499	1984	67	Arquitetura Bancária	Agência Bancária		Institucional	Antônio Carvalho Neto	CE	NE
520	1984	69	Terminais	Terminal de Passageiros		Transporte	André Sá, Francisco Mota	BA	NE
523	1984	69	Centro Esportivo	Clube		Lazer/ Esportivo	Antônio L. da S. Lamberti	BA	NE
524	1984	69	Arquitetura Bancária	Agência Bancária		Institucional	Luiz H. de Carvalho, Maria L. V. Porto, Neilton Dórea	BA	NE
549	1985	72	Postos de Gasolina	Posto de Gasolina		Comercial/ Escritórios	Francisco S. de Lima Jr.	RN	NE
550	1985	72	Postos de Gasolina	Posto de Gasolina		Comercial/ Escritórios	Francisco S. de Lima Jr.	RN	NE
594	1985	74	Terminais/ Trens	Trem Urbano		Transporte	Jorge D. Debiagi	PE	NE
608	1985	76	Aço na Arquitetura	Casa do Comércio		Obras Públicas	TGF Arquitetos	BA	NE
613	1985	77	Edifício Industrial	Fábrica		Industrial	Acácio G. Borsói, Janete Costa, Rosa Aroucha	PE	NE
616	1985	77	Hotéis	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Croce, Aflalo e Gasperini Arquitetos Ltda.	SE	NE
617	1985	77	Hotéis	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Croce, Aflalo e Gasperini Arquitetos Ltda.	RN	NE
619	1985	77	Hotéis	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	NE
637	1985	78	Edifícios Administrativos	Sede Banco		Institucional	Antônio Caramelo, Carlos Moutinho, Ana C. Vilas Boas	PE	NE
643	1985	79	Habitação	Conjunto Habitacional		Habitação Social	Acácio G. Borsói, Marco A. G. Borsói	PE	NE
670	1985	82	Edifícios Culturais	Centro Cultural		Cultural	Manoel C. de Carvalho	MA	NE
684	1986	83	Painel	Escola de Música/ Clube		Cultural	Severiano Porto, Mário E. Ribeiro, Eladio Dieste	CE	NE
699	1986	84	Arquitetura Bancária	Agência Bancária		Institucional	Luiz H. de Carvalho, Maria L. V. Porto, Neilton Dórea	BA	NE
806	1986	90	Edifícios Industriais	Complexo Industrial		Industrial	Luiz Fisberg	SE	NE
839	1986	91	Residências	Casa		Residencial Unifamiliar	Cydney R. da Silveira, Amélia M. B. Gama	PE	NE
846	1986	92	Obras Públicas	Prefeitura		Obras Públicas	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	NE
862	1986	93	Lojas/ Show-rooms	Shopping	X	Comercial/ Escritórios	Manoel C. de Carvalho	MA	NE
873	1986	93	Edifícios Administrativos	Centro Administrativo		Institucional	Nasser Hissa Arquitetos Associados	CE	NE
894	1986	94	Arquitetura dos Transportes	Terminal		Transporte	Borelli & Merigo	CE	NE
899	1987	95	Edifícios Comerciais	Casa da Indústria		Obras Públicas	Atelier Integrado de Arquitetura	CE	NE
1058	1987	103	Arquitetura	Prefeitura		Obras Públicas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	NE
1083	1987	104	Arquitetura	Hospital		Hospitalar	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	NE
1084	1987	104	Arquitetura	Hospital		Hospitalar	Augusto Alves Filho, Maria Aparecida Motta Sá, José Augusto M. Pessoa	CE	NE
1105	1987	105	Arquitetura	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Luiz Fiúza, Ione Fiúza	MA	NE
1131	1987	106	Arquitetura	Casa		Residencial Unifamiliar	Frank Svensson	PE	NE
1132	1987	106	Arquitetura	Estação de Bomba		Outros	Frank Svensson	PE	NE
1133	1987	106	Arquitetura	Alojamento		Outros	Frank Svensson	PE	NE
1134	1987	106	Arquitetura	Escola		Educacional	Frank Svensson	PE	NE
1195	1988	108	Arquitetura	Shopping		Comercial/ Escritórios	André Sá, Francisco Mota, João C. Campos	BA	NE
1198	1988	108	Arquitetura	Centro Empresarial		Comercial/ Escritórios	Ricardo D'Albuquerque	BA	NE
1203	1988	108	Prancheta	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Antônio Caramelo, Barbosa Jr.	BA	NE
1219	1988	109	Arquitetura	Ginásio de Esportes		Lazer/ Esportivo	Sérgio Teperman Arquitetos Associados	AL	NE
1244	1988	110	Arquitetura	Edifício Escritórios		Comercial/ Escritórios	Luiz Fiúza, Ione Fiúza	CE	NE
1246	1988	110	Arquitetura	Edifício Comercial		Comercial/ Escritórios	Cátia Avellar, Glícia Fernandes, Roberto Montezuma	MA	NE
1269	1988	111	Arquitetura	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	NE
1342	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Centro de Convenções		Obras Públicas	Joel Ramalho Jr., Leonardo T. Oba, Guilherme Z. Neto	PE	NE
1343	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Espaço Cultural		Cultural	Sérgio Bernardes	PB	NE
1344	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Clube de Funcionários		Lazer/ Esportivo	Mário G. Roque, Jaime Leitão	CE	NE
1348	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Hotel		Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	NE

1349	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Hotel	Hotéis/ Pousadas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	NE
1352	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Clube e Escola	Cultural	Severiano Porto, Mário E. Ribeiro, Eladio Dieste	CE	NE
1354	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Estação Metroviária	Transporte	Vital Pessoa de Melo, Reginaldo Esteves	PE	NE
1355	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Estação Metroviária	Transporte	Vital Pessoa de Melo, Reginaldo Esteves	PE	NE
1356	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Terminal Rodoviário	Transporte	Mário Aloísio, Leonardo Bittencourt, Eduardo Assumpção	AL	NE
1357	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Prefeitura	Obras Públicas	João Filgueiras Lima (Lelé)	BA	NE
1358	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Assembleia Legislativa	Obras Públicas	Acácio G. Borsói, Janete Costa, Marco A. G. Borsói	PI	NE
1360	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Palácio da Justiça	Obras Públicas	Roberto M. Castelo, Nearco B. G. de Araújo, Maria do Carmo Bezerra	CE	NE
1361	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Agência Bancária	Institucional	Nélson S. e Neves, José Alberto de Almeida, Antônio Carlos Campelo, Carlos Alberto Faria	CE	NE
1362	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Agência Bancária	Institucional	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	CE	NE
1363	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Agência Bancária	Institucional	Wesson M. Nóbrega, Marcos A. Thé Mota, Burle Marx	CE	NE
1364	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Casa do Comércio	Obras Públicas	Oton Gomes, Fernando Frank	BA	NE
1365	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Casa da Indústria	Obras Públicas	Wandenkolk Tinoco, Pedro Montenegro	PE	NE
1366	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Edifícios de escritório	Comercial/ Escritórios	Fernando Peixoto	BA	NE
1367	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Restauração Mercado	Comercial/ Escritórios	Paulo Ormindo	BA	NE
1368	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Luiz Fiuza, Ione Fiuza	CE	NE
1369	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Fernando Peixoto	BA	NE
1370	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	José Nasser Hissa, Francisco Nasser Hissa	CE	NE
1371	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Fernando Peixoto	BA	NE
1372	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	PE	NE
1373	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Acácio G. Borsói, Marco A. G. Borsói	PE	NE
1374	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Mário G. Roque, Jaime Leitão	CE	NE
1375	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	PE	NE
1376	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Complexo Industrial	Industrial	Hans Broos	PE	NE
1377	1988	114	Arquiteturas no Brasil/ Anos 80	Fábrica	Industrial	Acácio G. Borsói, Janete Costa, Rosa Aroucha	PE	NE
1382	1988	115	Arquitetura	Casa	Residencial Unifamiliar	Daniel Colina	BA	NE
1383	1988	115	Arquitetura	Casa	Residencial Unifamiliar	Fernando Peixoto	BA	NE
1384	1988	115	Arquitetura	Casa	Residencial Unifamiliar	Caramelo Arquitetos Associados	BA	NE
1385	1988	115	Arquitetura	Condomínio	Residencial Multifamiliar	Firmo de Azevedo, Carl von Hanenschild	BA	NE
1386	1988	115	Arquitetura	Casa	Residencial Unifamiliar	Roberto Viveiros	BA	NE
1387	1988	115	Arquitetura	Casa	Residencial Unifamiliar	Luiza Maria do P. Valladares, Lourenço do P. Valladares	BA	NE
1388	1988	115	Arquitetura	Casa	Residencial Unifamiliar	Luiz Humberto (Neilton Dórea e Arquitetos Ltda)	BA	NE
1439	1988	115	Prancheta	Casa	Residencial Unifamiliar	Ruben W. Filho, David P. Guerra	AL	NE
1519	1988	117	Arquitetura	Hotel	Hotéis/ Pousadas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	NE
1520	1988	117	Arquitetura	Hotel	Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	NE
1521	1988	117	Arquitetura	Hotel	Hotéis/ Pousadas	Enrique Alvarez, Rodrigo Pontual	BA	NE
1525	1988	117	Arquitetura	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Ruben Wanderley Filho	AL	NE
1625	1989	120	Arquitetura	Clube	Lazer/ Esportivo	Mário G. Roque, Jaime Leitão	CE	NE
1668	1989	122	Arquitetura	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Acácio G. Borsói, Marco A. G. Borsói	PE	NE
1669	1989	122	Arquitetura	Multifamiliar	Residencial Multifamiliar	Acácio G. Borsói, Marco A. G. Borsói	PE	NE
1689	1989	122	Concurso Opera Prima	Terminal Turístico	Cultural	Amélia de F. Panet	PB	NE
1690	1989	122	Concurso Opera Prima	Creche	Educacional	Luciana Maria C. F. Nascimento, Márcia Cristina F. da Silva	AL	NE
1691	1989	122	Concurso Opera Prima	Creche	Educacional	Mônica C. Schmid	CE	NE
1692	1989	122	Concurso Opera Prima	Escola de Arquitetura	Educacional	Pedro A. Boaventura Filho	CE	NE
1705	1989	123	Arquitetura	Sede Empresa	Institucional	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	CE	NE
1737	1989	125	Arquitetura	Casa	Residencial Unifamiliar	Cátia Avellar, Glícia Fernandes, Roberto Montezuma	AL	NE
1739	1989	125	Arquitetura	Casa	Residencial Unifamiliar	Gerson Castelo Branco	PI	NE
1742	1989	125	Arquitetura	Casa	Residencial Unifamiliar	Carmen Mayrink, Vera Pires	PE	NE
1751	1989	126	Arquitetura	Agência Bancária	Institucional	Abrahão Sanovicz	PE	NE
1774	1989	127	Arquitetura	Revendedora	Comercial/ Escritórios	Jerônimo da C. Lima, Carlos Fernando Pontual	PE	NE
1792	1989	128	Arquitetura	Hotel	Hotéis/ Pousadas	Rui Cores	BA	NE
1793	1989	128	Arquitetura	Hotel	Hotéis/ Pousadas	Gerson Castelo Branco	RN	NE
1794	1989	128	Arquitetura	Resort	Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	NE
1795	1989	128	Arquitetura	Hotel	Hotéis/ Pousadas	Mário Aloísio, Ovídio Pascual	AL	NE

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

O levantamento completo desta revista, incluindo os demais projetos nacionais e internacionais, como também os projetos urbanos e de interiores, podem ser acessados através do QR Code ao lado ou pelo link <<https://drive.google.com/file/d/1gekjYrz5AFshc1djPswsnGjbT-hv4Tju/view?usp=sharing>>.





TABELA 9: PROJETOS DE ARQUITETURA DA REGIÃO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990).

REF.	ANO	EDIÇÃO	SEÇÃO	PROGRAMA	PATRIMÔNIO	NATUREZA DO PROJETO	ARQUITETO(S)	UF OU PAÍS	REGIÃO OU CONTINENTE
39	1987	11	Canteiro	Prefeitura		Obras Públicas	João Figueiras Lima (Lelé)	BA	NE
66	1988	18	Não Identificada	Projeto Cutural	X	Cultural	Lina Bo Bardi	BA	NE
67	1988	18	Não Identificada	Centro de Lançamento		Outros	Carlos Antunez; Carmem Thais Yabutti Furquim de Almeida; David Trad Neto	MA	NE
81	1989	22	Escritório	Conjunto Habitacional		Residencial Multifamiliar	Carmen Mayrinck; Vera Pires; A. José do Amaral	PE	NE
82	1989	22	Escritório	Edifício Residencial		Residencial Multifamiliar	Carmem Mayrinck; Vera Pires; Clara Calabria	PB	NE
83	1989	22	Escritório	Casa		Residencial Unifamiliar	Carmem Mayrinck; Vera Pires; Clara Calabria	PB	NE
125	1989	25	Escritório	Edifício Comercial		Comercial/ Escritórios	Luiz Humberto, Neilton Dórea e Arquitetos	BA	NE
126	1989	25	Escritório	Yate Clube		Lazer/ Esportivo	Luiz Humberto, Neilton Dórea e Arquitetos	BA	NE
147	1989	26	Não Identificada	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Paulo Casé; Luiz Acioli	MA	NE
148	1989	26	Escritório	Centro Empresarial		Comercial/ Escritórios	Jerônimo da Cunha Lima Filho; Carlos Fernando Pontual (J & P Arquitetos)	PE	NE
149	1989	26	Escritório	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Jerônimo da Cunha Lima Filho; Carlos Fernando Pontual (J & P Arquitetos)	PE	NE
166	1990	30	Escritório	Centro Estético		Comercial/ Escritórios	Alexandre de Castro e Silva	PE	NE
203	1991	35	Escritório	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Fernando Peixoto	BA	NE
220	1991	36	Edifícios	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Acácio Gil Borsói; Marco Antônio Gil Borsói	PE	NE
232	1991	37	Obra/ Obras	Centro de Atendimento		Hospitalar	Expedito de Arruda Arquitetos	PB	NE
260	1991	39	Escritório	Concessionária		Comercial/ Escritórios	Alexandre Feu Rosa	BA	NE
275	1992	41	Obra/ Obras	Casa Estúdio		Residencial Unifamiliar	José Albano	CE	NE
300	1992	43	Obra/ Obras	Hospital		Hospitalar	João Figueiras Lima (Lelé); Escritório Bógea & Perez	MA	NE
312	1992	45	Arquitetura com Aço/ Aço	Centro Empresarial		Institucional	Ovídio Pascual Maestre; Germana Silva Pascual	AL	NE
321	1993	46	Obra/ Obras	Hotel		Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	NE
322	1993	46	Obra/ Obras	Hotel		Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	NE
349	1993	49	Obra/ Obras	Base de Foguetes		Outros	Luís Espallargas Gimenez; Frederico Verreet; Naoki Otake	MA	NE
375	1994	56	Não Identificada	Centro Integrado	X	Educacional	Fabrício Pedroza	MA	NE
376	1994	56	Arquitetura com Aço/ Aço	Agência Bancária		Institucional	Antonio Carvalho Neto	CE	NE
419	1995	61	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Heitor Mesquita Ayres Júnior; Artur Cassiano Novaes	CE	NE
420	1995	61	Não Identificada	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Borsói Arquitetos Associados	PE	NE
427	1995	61	Não Identificada	Apart-hotel		Hotéis/ Pousadas	Jerônimo da Cunha Lima Filho; Carlos Fernando Pontual (J & P Arquitetos)	PE	NE
428	1995	61	Não Identificada	Centro Empresarial		Comercial/ Escritórios	Alexandre de Castro e Silva	PE	NE
429	1995	61	Não Identificada	Edifício Comercial		Comercial/ Escritórios	Roberto Montezuma; Cátia Avellar; Glícia Fernandes (Cia Arquitetura/ Avellar Fernandes Montezuma)	PE	NE
457	1996	64	Arquitetura com Aço/ Aço	Concessionária		Comercial/ Escritórios	Gilberto Guedes	PB	NE
486	1996	66	Casas do Brasil	Casa		Residencial Unifamiliar	Cátia Avellar; Glícia Fernandez; Roberto Montezuma	PE	NE
494	1996	67	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Nasser Hissa Arquitetos Associados	CE	NE
495	1996	67	Brasil	Distribuidora		Comercial/ Escritórios	Vital M. T. Pessoa de Melo; Ricardo Jorge Pessoa de Melo	PE	NE
496	1996	67	Casas do Brasil	Casa		Residencial Unifamiliar	Adriano Mello	PI	NE
504	1996	68	Brasil	Centro Empresarial		Comercial/ Escritórios	Marco Antonio Borsoi	PE	NE
505	1996	68	Casas do Brasil	Casa		Residencial Unifamiliar	Mário Aloísio Melo	AL	NE
513	1997	70	Casas do Brasil	Casa		Residencial Unifamiliar	Carmen Mayrinck; Vera Pires	PE	NE
514	1997	70	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Tribunal Federal		Obras Públicas	Carlos Fernando Pontual; Jerônimo da Cunha Lima	PE	NE
525	1997	71	Habitação	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Expedito de Arruda Arquitetos	PB	NE
526	1997	71	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Hotel		Hotéis/ Pousadas	José Goiana Leal	PE	NE
527	1997	71	Habitação	Moradia Popular		Habitação Social	Prefeitura; ONG Francesa (Gret)	CE	NE
533	1997	72	Brasil	Complexo Hoteleiro	X	Hotéis/ Pousadas	Paulo Casé; Luiz Acioli	PE	NE
534	1997	72	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Borsói Arquitetos Associados	RN	NE
554	1997	74	Brasil	SEBRAE		Institucional	Domingos Linheiro; Frederico Lago Burnett; Geraldo Magela Fonseca	MA	NE
573	1997	75	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Sede de Empresa		Institucional	Artur C. Novaes de Carvalho; Lucila N. Soares Novaes; José Américo C. Girão Filho (Novaes Arquitetura e Planejamento)	CE	NE
585	1998	76	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Hotel		Hotéis/ Pousadas	Ricardo D'Albuquerque	BA	NE
594	1998	77	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Edifício de Escritórios		Comercial/ Escritórios	Jaime Leitão; Fabian Salles; Jean Togleaate; Augusto Aves	CE	NE
605	1998	78	Casas do Brasil	Casa		Residencial Unifamiliar	Labanca Spodito Veloso Arquitetos	PE	NE
613	1998	79	Casas do Brasil	Casa		Residencial Unifamiliar	Marco Antonio Borsoi e Tereza Simis	PE	NE
614	1998	79	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Jaime Leitão; Fabian Salles; Jean Togleaate; Augusto Aves; Sulier Farias	CE	NE
623	1998	80	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Oficina da Arquitetura Adriano Melo	PI	NE
632	1998	81	Casas do Brasil	Casa		Residencial Unifamiliar	Fernando Peixoto	BA	NE
656	1999	83	Casas do Brasil	Casa		Residencial Unifamiliar	Gilberto Guedes	PB	NE
663	1999	84	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	Multifamiliar		Residencial Multifamiliar	Carlos Ribeiro Dantas	RN	NE
671	1999	85	Arquitetura do Concreto Protendido/ Concreto Protendido	SESC		Lazer/ Esportivo	Julio Barreira	CE	NE

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, 2018.

O levantamento completo desta revista, incluindo os demais projetos nacionais e internacionais, como também os projetos urbanos e de interiores, podem ser acessados através do QR Code ao lado ou pelo link <<https://drive.google.com/file/d/1zFNqgL39NncRLp1Pkb2VIGT-pxA5jPD7/view?usp=sharing>>.



FICHAS 1: PROJETOS DO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS PROJETO (DÉCADA DE 1980).



PJ

Sérgio Teperman Arquitetos Associados

AL - CASA DA INDÚSTRIA - 1974 - ED. 21



PJ

Não Identifica

AL - SEDE EMPRESA - PÓS 1974 - ED. 45



PJ

Mário Aloísio, Leonardo B., Eduardo Assumpção

AL - TERM. RODOVIÁRIO - 1980 - ED. 52/ 114



PJ

Ruben W. Filho, Olga W., Humberto Copes

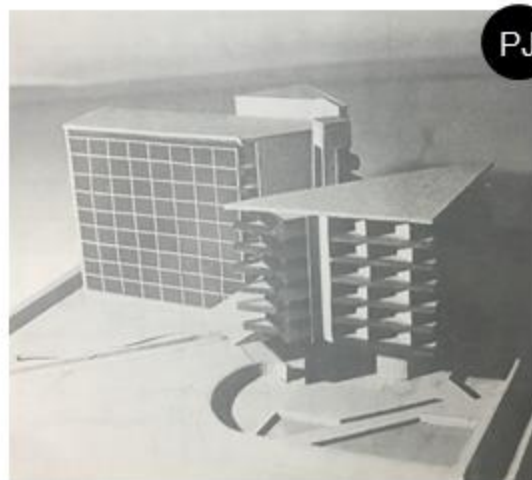
AL - CASA - NÃO IDENTIFICA - ED. 55



PJ

Ruben W. Filho, Olga W., Humberto Copes

AL - CASA - NÃO IDENTIFICA - ED. 55



PJ

Mário Aloísio, Ovídio Pascual

AL - HOTEL - NÃO IDENTIFICA - ED. 77



PJ

Mário Aloísio, Ovídio Pascual  
AL – PREFEITURA – 1985 - ED. 103



PJ

Sérgio Teperman Arquitetos Associados  
AL – GINÁSIO – NÃO IDENTIFICA - ED. 109



PJ

Mário Aloísio, Ovídio Pascual  
AL – RES. MULTIFAMILIAR – 1986 - ED. 111



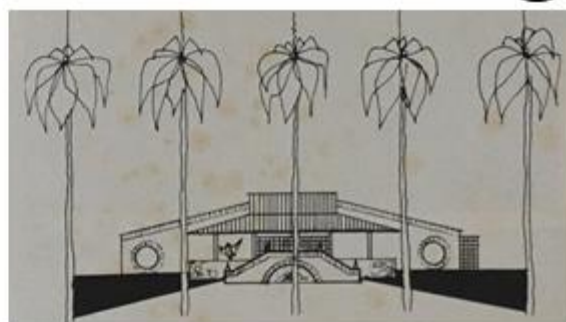
PJ

Mário Aloísio, Ovídio Pascual  
AL – HOTEL – 1986 - ED. 114/ 117



PJ

Ruben W. Filho  
AL – RES. MULTIFAMILIAR – 1982 - ED. 117



PJ

Ruben W. Filho, David P. Guerra  
AL – CASA – NÃO IDENTIFICA - ED. 115





Luciana M. Nascimento, Márcia C. Silva

AL – CRECHE – 1988 - ED. 122



Cátia Avelar, Glícia Fernandes, R. Montezuma

AL – CASA – 1988 - ED. 125



Mário Aloísio, Ovídio Pascual

AL – HOTEL – 1985 - ED. 128



Sérgio Rocha

BA – POUSADA (CONVENTO) – N.I. - ED. 13



CEPED

BA – HABITAÇÃO SOCIAL TIPO – N. I. - ED. 19



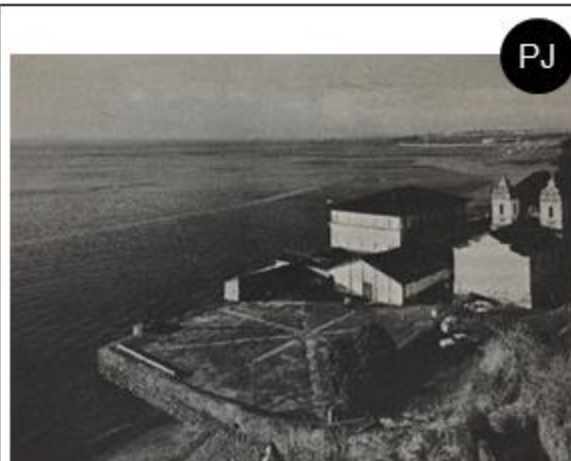
Luiz Boeckel

BA – CASA – NÃO IDENTIFICA - ED. 29



Lina Bo Bardi

BA – CASA – NÃO IDENTIFICA - ED. 40



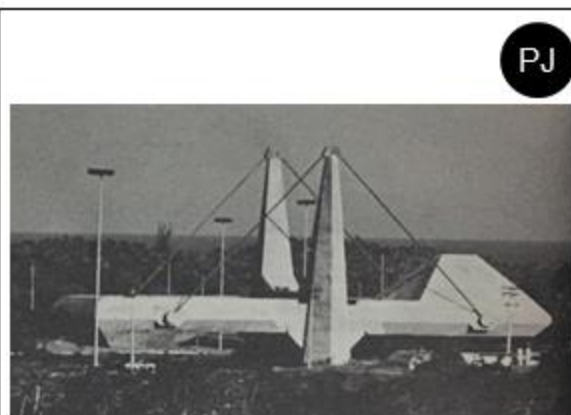
Lina Bo Bardi

BA – MUSEU (SOLAR) – N. I. - ED. 40



M. Roberto Arquitetos

BA – CENTRO DE CONVENÇÕES – N.I. - ED. 42



João Filgueiras Lima (Lelé)

BA – CENTRO DE EXPOSIÇÕES – N.I. - ED. 42



João Filgueiras Lima (Lelé)

BA – IGREJA – N. I. - ED. 42



João Filgueiras Lima (Lelé)

BA – CENTRO ADMINISTRATIVO – N. I. - ED.42





PJ

Miguel Ramalho

BA – BANCO – NÃO IDENTIFICA - ED. 67



PJ

André Sá, Francisco Mota

BA – TERMINAL AEROPORTO – N. I. - ED. 69



PJ



Antônio Lamberti

BA – CENTRO ESPORTIVO – N.I. - ED. 69



PJ

Humberto Carvalho, Lenize Porto, Neilton Dórea

BA – BANCO – N.I. - ED. 69



PJ

Oton Gomes, Fernando Frank

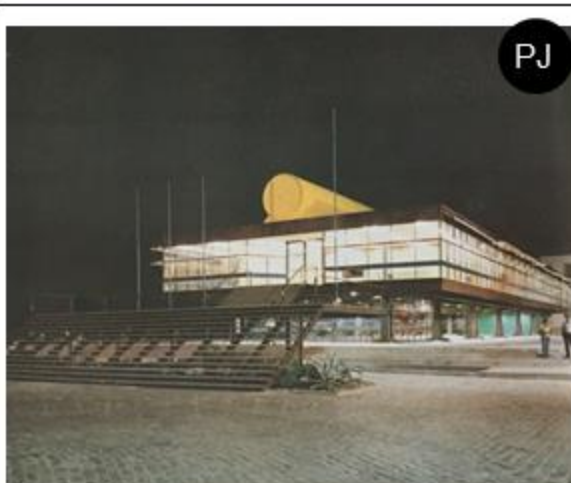
BA – CASA DO COMÉRCIO – 1981 - ED. 76/ 114



PJ

Humberto Carvalho, Lenize Porto, Neilton Dórea

BA – BANCO – N. I. - ED.84



PJ

João Filgueiras Lima (Lelé)

BA – PREFEITURA – 1986 - ED. 92/ 114



PJ

João Filgueiras Lima (Lelé)

BA – HOSPITAL – 1987 - ED. 104



PJ

André Sá, Francisco Mota, João Campos

BA – SHOPPING – 1985 - ED. 108



PJ

Ricardo D'Albuquerque

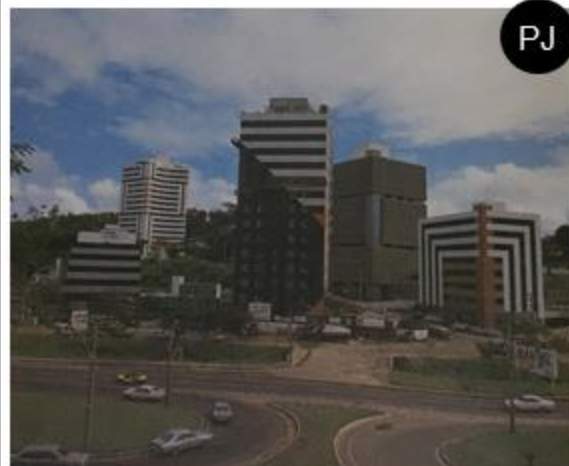
BA – CENTRO EMPRESARIAL – 1985 - ED. 108



PJ

Antônio Caramelo, Barbosa Jr.

BA – HOTEL – 1985 - ED. 108



PJ

Fernando Peixoto

BA – CONJ. ESCRITÓRIOS – PÓS 1984 - ED.114





PJ

Paulo Ormino

BA – MERCADO (RESTAURO) – 1984 - ED. 114



PJ

Fernando Peixoto

BA – RES. MULTIFAMILIAR – 1985 - ED. 114



PJ

Fernando Peixoto

BA – RES. MULTIFAMILIAR – 1986 - ED. 114



PJ

Daniel Colina

BA – CASA – 1984 - ED. 115



PJ

Fernando Peixoto

BA – CASA – NÃO IDENTIFICA - ED. 115



PJ

Caramelo Arquitetos Associados

BA – CASA – 1985 - ED. 115



PJ

Firmino de Azevedo, Carl von Hanenschild

BA – CASA – 1984 - ED. 115



PJ

Roberto Viveiros

BA – CASA – NÃO IDENTIFICA - ED. 115



PJ

Luiza Valladares, Lourenço Valladares

BA – CASA – 1980 - ED. 115



PJ

Neilton Dórea e Arquitetos

BA – CASA – 1983 - ED. 115



PJ

Enrique Alvarez, Rodrigo Pontual

BA – HOTEL – 1983 - ED. 117



PJ

Rui Cores

BA – HOTEL – 1987 - ED. 128



PJ



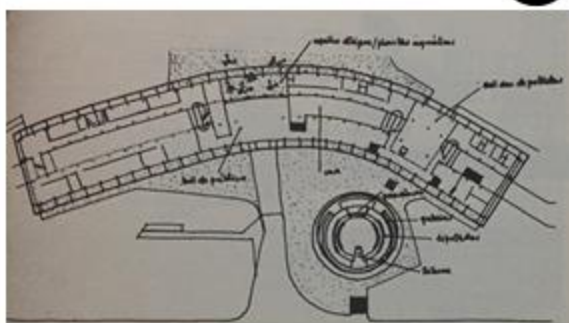
Massilon Coelho, Saboia de Albuquerque e outros  
CE – CONJ. HABITACIONAL – N. I. - ED. 34

PJ



Fausto Nilo Jr., Delberg Ponce de Leon  
CE – SEDE INSTITUTO – N. I. - ED. 42

PJ



Rocha Furtado, Martins Castelo  
CE – SEDE LEGISLATIVO – N. I. - ED. 42

PJ



Gilberto del Sole  
CE – BANCO – NÃO IDENTIFICA - ED. 63

PJ



Antônio Carvalho Neto  
CE – BANCO – NÃO IDENTIFICA - ED. 67

PJ



Severiano Porto, Mário Ribeiro, Eladio Dieste  
CE – ESCOLA DE MÚSICA – 1978 - ED. 83/ 114



PJ

Nasser Hissa Arquitetos Associados  
CE – CENTRO ADMINISTRATIVO – N. I. - ED. 93



PJ

Borelli & Merigo  
CE – TERMINAL – N. I. - ED. 94



PJ

Atelier Integrado de Arquitetura  
CE – CASA DA INDÚSTRIA – 1985 - ED. 95



PJ

Augusto Filho, Aparecida Sá, Augusto Pessoa  
CE – HOSPITAL – 1986 - ED. 104



PJ

Luiz Fiuza, Ione Fiuza  
CE – EDF. DE ESCRITÓRIOS – 1984 - ED. 110



PJ

Mário Roque, Jaime Leitão  
CE – CLUBE – 1984 - ED. 114/ 120





PJ

Roberto Castelo, Nearco Araújo, Maria Bezerra

CE – PALÁCIO DA JUSTIÇA – 1982 - ED. 114



PJ

Nélson, Neves, José Alberto de Almeida e outros

CE – BANCO – 1978 - ED. 114



PJ

Jerônimo Lima, Fernando Pontual

CE – BANCO – 1982 - ED. 114/123



PJ

Wesson Nóbrega, Marcos Mota, Burle Marx

CE – BANCO – 1981 - ED. 114



PJ

Luiz Fiuza, Ione Fiuza

CE – RES. MULTIFAMILIAR – 1983 - ED. 114



PJ

José Nasser Hissa e Francisco Nasser Hissa

CE – RES. MULTIFAMILIAR – 1984 - ED. 114



PJ

Mário Roque, Jaime Leitão

CE – RES. MULTIFAMILIAR – 1985 - ED. 114



PJ

Mônica Schmid

CE – CRECHE – 1988 - ED. 122



PJ

Pedro Boaventura Filho

CE – ESCOLA DE ARQUI. – 1988 - ED. 122



PJ

Não Identifica

MA – HOTEL – NÃO IDENTIFICA - ED. 20



PJ

Não Identifica

MA – EST. TELEFÔNICA – PÓS 1974 - ED. 45



PJ

Benno Perelmutter Arquitetura e Planejamento

MA – CASA – NÃO IDENTIFICA - ED. 64

PJ



Benno Perelmutter Arquitetura e Planejamento

MA – UNIDADE SANITÁRIA – N. I. - ED. 64

PJ



Manoel de Carvalho

MA – CENTRO CULTURAL – 1985 - ED. 82

PJ



Manoel de Carvalho

MA – SHOPPING – 1985 - ED. 93

PJ



Luiz Fiuza, Ione Fiuza

MA – HOTEL – 1986 - ED. 105

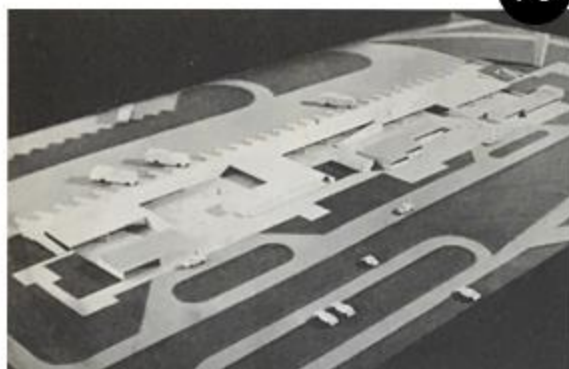
PJ



Cátia Avelar, Glícia Fernandes, R. Montezuma

MA – EDF. COMERCIAL – 1987 - ED. 110

PJ



Glauco Campello, José Pinho

PB – TERMINAL RODOVIÁRIO – N. I. - ED. 35/ 42



PJ



Sérgio Bernardes

PB – CENTRO CULTURAL – 1979 - ED. 114

PJ



Amélia Panet

PB – TERMINAL TURÍSTICO – 1988 - ED. 122

PJ



Florismundo Sobrinho

PE – CENTRO DE FORMAÇÃO – N. I. - ED. 42

PJ



Joel R. Jr., Leonardo Oba, Guilherme Zamoner

PE – C. DE CONVENÇÕES – 1977 - ED. 42/ 114

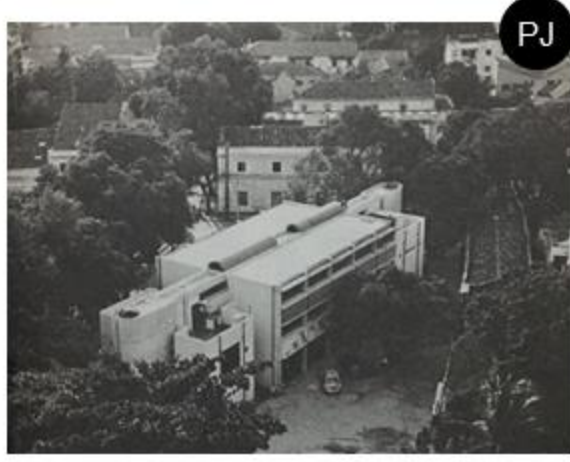
PJ



Hans Broos

PE – COMP. INDUSTRIAL – 1979 - ED. 46/ 114

PJ



Roberto Paternostro, Rafael Satomayor

PE – AGÊNCIA AÉREA – N. I. - ED. 64



Acácio Gil Borsói

PE – HABITAÇÃO SOCIAL – PRÉ 1964 - ED. 66



Jorge Debiagi

PE – TERMINAL TREM – N. I. - ED. 74



Acácio Gil Borsói, Janete Costa, Rosa Aroucha

PE – INDÚSTRIA – 1981 - ED. 77/ 114



A. Caramelo, Carlos Moutinho, Ana Vilas Boas

PE – BANCO – N. I. - ED. 78



Acácio Gil Borsói, Marco A. Gil Borsói

PE – HABITAÇÃO SOCIAL – 1979 - ED. 79



Cydno Silveira, Amélia Gama

PE – HABITAÇÃO SOCIAL – 1979 - ED. 91

PJ



Frank Svensson

PE – CASA – DÉC. 60 – ED. 106

PJ



Frank Svensson

PE – ESTAÇÃO DE BOMBA – DÉC. 60 – ED. 106

PJ



Frank Svensson

PE – ALOJAMENTO – DÉC. 60 – ED. 106

PJ



Frank Svensson

PE – ESCOLA – DÉC. 60 – ED. 106

PJ



José Goiana Leal

PE – HOTEL – 1983 – ED. 114/ 117

PJ



Vital Pessoa de Melo, Reginaldo Esteves

PE – ESTAÇÃO METRÔ – 1983 – ED. 114





PJ

Vital Pessoa de Melo, Reginaldo Esteves  
PE – ESTAÇÃO METRÔ – 1983 - ED. 114



PJ

Wandenkolk Tinoco, Pedro Montenegro  
PE – CASA DA INDÚSTRIA – 1978 – ED. 114



PJ

Jerônimo Lima, Fernando Pontual  
PE – RES. MULTIFAMILIAR– 1986 - ED. 114



PJ

Acácio Gil Borsói, Marco A. Gil Borsói  
PE – RES. MULTIFAMILIAR – 1984 - ED. 114/ 122



PJ

Jerônimo Lima, Fernando Pontual  
PE – RES. MULTIFAMILIAR– 1985 - ED. 114



PJ

Acácio Gil Borsói, Marco A. Gil Borsói  
PE – RES. MULTIFAMILIAR – 1986 - ED. 122

PJ



Carmen Mayrink, Vera Pires  
PE – CASA – 1987 - ED. 125

PJ



Abrahão Sanovicz  
PE – BANCO – 1986 – ED. 126

PJ



Jerônimo Lima, Fernando Pontual  
PE – REVENDEDORA – 1982 - ED. 127

PJ



José Goiana Leal  
PE – RESORT – 1985 - ED. 128

PJ



Márcio Barros, M. Meyer, R. Cime, Raimundo Dias  
PI – CENTRO ADMINISTRATIVO – N. I. - ED. 23

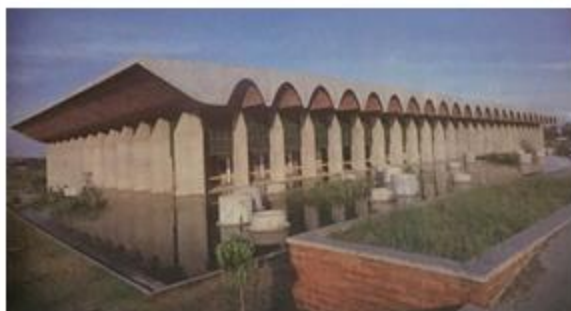
PJ



Acácio Gil Borsó, Janete Costa, Gilson Miranda  
PI – FÓRUM – 1971 - ED. 33/ 42



PJ



Acácio G. Borsói, Janete Costa, Marco A. G. Borsói

PI – ASSEMBLEIA LEGISL. – 1984 - ED. 114

PJ



Gerson Castelo Branco

PI – CASA – 1981 – ED. 125

PJ



Paulo Casé, Luiz Acioli

RN – HOTEL – NÃO IDENTIFICA - ED. 13

PJ



Não Identifica

RN – EST. TELEFÔNICA – PÓS 1974 - ED. 45

PJ



Não Identifica

RN – CENT. OPERACIONAL – PÓS 1974 - ED. 45

PJ



Francisco Lima Jr.

RN – POSTO DE GASOLINA – 1984 - ED. 72

PJ



Francisco Lima Jr.

RN – POSTO DE GASOLINA – 1983 - ED. 72

PJ



Croce, Affalo e Gasperini Arquitetos

RN – HOTEL – 1984 – ED. 77

PJ



Gerson Castelo Branco

RN – HOTEL – 1985 - ED. 128

PJ



Tito Lívio Frascino, Vasco de Mello

SE – BIBLIOTECA – N. I. - ED. 31/ 42

PJ



Miguel Juliano

SE – REITORIA – 1977 - ED. 33

PJ

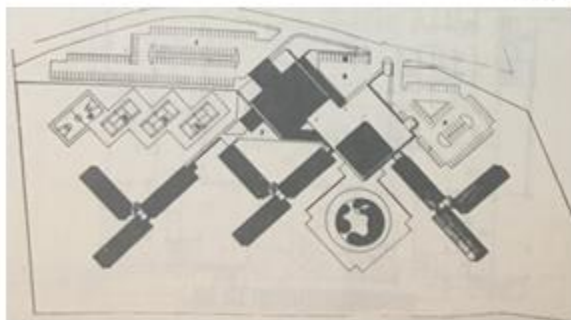


Socia Administradora de Bens

SE – BANCO – NÃO IDENTIFICA - ED. 67



PJ



Croce, Affalo e Gasperini Arquitetos

SE – HOTEL – 1984 – ED. 77

PJ



Luiz Fisberg

SE – COMPLEXO INDUSTRIAL – 1985 – ED. 90

FICHAS 2: PROJETOS DO NORDESTE LEVANTADOS NAS REVISTAS AU (DÉCADAS DE 1980 E 1990).

AU



Ovídio Pascual, Germana Pascual

AL – CENTRO EMPRESARIAL – 1991 - ED. 45

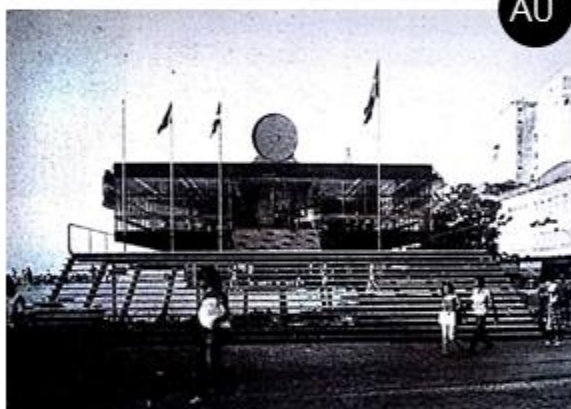
AU



Mário Aloísio Melo

AL – CASA – 1993 - ED. 68

AU



João Filgueiras Lima (Lelé)

BA – PREFEITURA – NÃO IDENTIFICA - ED. 11

AU



Lina Bo Bardi

BA – C. CULTURAL (SOBRADO) – N. I. - ED. 18

AU



Luiz Humberto, Neilton Dórea e Arquitetos

BA – EDF. COMERCIAL – N. I. - ED. 25

AU



Luiz Humberto, Neilton Dórea e Arquitetos

BA – YATE CLUBE – N. I. - ED. 25



AU

Fernando Peixoto

BA – RES. MULIFAMILIAR – 1990 - ED. 35



AU

Alexandre Feu Rosa

BA – CONCESSIONÁRIA – 1990 - ED. 39



AU

Ricardo D'Albuquerque

BA – HOTEL – 1992 - ED. 76



AU

Fernando Peixoto

BA – CASA – 1997 - ED. 81



AU

José Albano (Fotógrafo)

CE – CASA – DÉC. 1980 - ED. 41



AU

Antônio Carvalho Neto

CE – BANCO – NÃO IDENTIFICA - ED.56





AU

Heitor Ayres Jr., Artur Novaes

CE – RES. MULTIFAMILIAR – 1993 - ED. 61



AU

Nasser Hissa Arquitetos Associados

CE – RES. MULTIFAMILIAR – N. I. - ED. 67



AU

Prefeitura, Gret

CE – HABITAÇÃO SOCIAL – 1989 - ED. 71



AU

Novaes Arquitetura e Planejamento

CE – SEDE EMPRESA – 1996 - ED. 75



AU

Jaime Leitão, Fabian Salles e outros

CE – EDF. ESCRITÓRIOS – 1996 - ED. 77



AU

Jaime Leitão, Fabian Salles e outros

CE – RES. MULTIFAMILIAR – 1996 - ED. 79



AU

Júlio Barreira

CE – SESC – NÃO IDENTIFICA - ED. 85



AU

L. Espallargas Gimenez, F. Verreet, Naoki Otake

MA – BASE FOGUETES – 1985 - ED. 18/ 49



AU

Paulo Casé, Luiz Acioli

MA – HOTEL – NÃO IDENTIFICA - ED. 26



AU

Lelé, Escritório Bógea & Perez

MA – HOSPITAL – 1990 - ED. 43



AU

Fabício Pedroza

MA – C. INTEGRADO (FÁBRICA) – 1991 - ED. 56

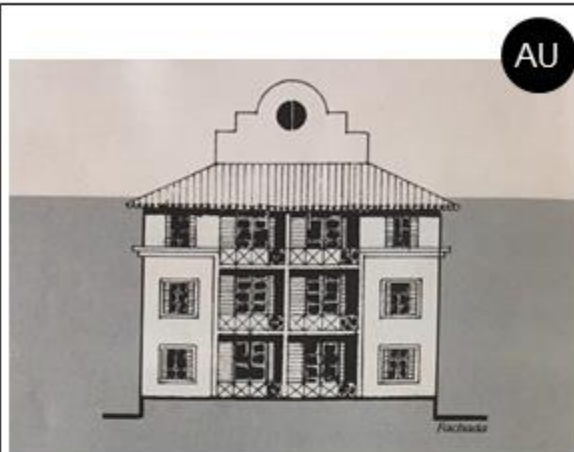


AU

Domingos Linheiro, F. Burnett, Geraldo Fonseca

MA – SEBRAE – 1993 - ED. 74





AU

Carmem Mayrinck, Vera Pires, Clara Calabria  
PB – RES. MULTIFAMILIAR – 1988 - ED. 22



AU

Carmem Mayrinck, Vera Pires, Clara Calabria  
PB – CASA – 1984 - ED. 22



AU

Expedito de Arruda Arquitetos  
PB – C. DE ATENDIMENTO – 1981 - ED. 37



AU

Gilberto Guedes  
PB – CONCESSIONÁRIA – 1994 - ED. 64



AU

Expedito de Arruda Arquitetos  
PB – RES. MULTIFAMILIAR – 1995 - ED. 71

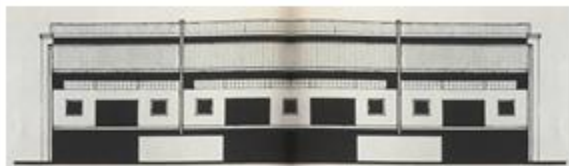


AU

Gilberto Guedes  
PB – CASA – 1996 - ED. 83



AU



Carmem Mayrinck, Vera Pires, José do Amaral

PE – RES. MULTIFAMILIAR – 1989 - ED. 22

AU



Jerônimo Lima, Fernando Pontual

PE – CENTRO EMPRESARIAL – 1987 - ED. 26

AU



Jerônimo Lima, Fernando Pontual

PE – RES. MULTIFAMILIAR – 1985 - ED. 26

AU



Alexandre de Castro

PE – CENTRO ESTÉTICO – 1989 - ED. 30

AU



Acácio Gil Borsói, Marco A. Gil Borsói

PE – RES. MULTIFAMILIAR – 1987 - ED. 36

AU



José Goiana Leal

PE – HOTEL – 1985 – ED. 46



AU

José Goiana Leal

PE – HOTEL – 1986 – ED. 46



AU

Borsói Arquitetos Associados

PE – RES. MULTIFAMILIAR – 1989 – ED. 61



AU

Jerônimo Lima, Fernando Pontual

PE – APART-HOTEL – 1988 – ED. 61



AU

Alexandre de Castro

PE – CENTRO EMPRESARIAL – 1990 - ED. 61



AU

Cátia Avellar, Glícia Fernandez, R. Montezuma

PE – EDF. COMERCIAL – 1989 - ED. 61



AU

Cátia Avellar, Glícia Fernandez, R. Montezuma

PE – CASA – 1996 – ED. 66



AU



Vital Pessoa de Melo, Ricardo Pessoa de Melo

PE – DISTRIBUIDORA – 1994 – ED. 67

AU



Marco A. Gil Borsói

PE – CENTRO EMPRESARIAL – 1990 – ED. 68

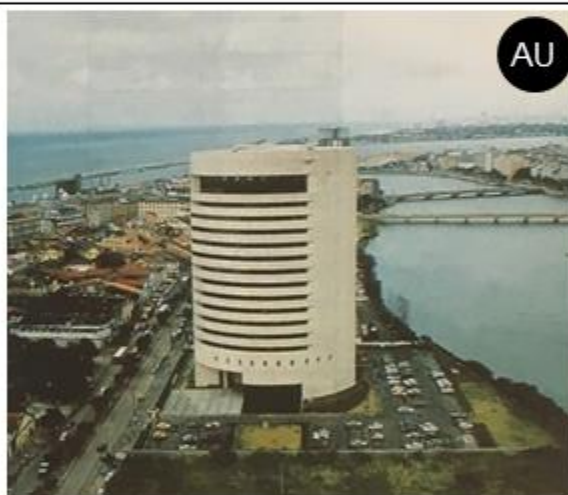
AU



Carmem Mayrinck, Vera Pires

PE – CASA – 1994 – ED. 70

AU



Jerônimo Lima, Fernando Pontual

PE – TRIBUNAL FEDERAL – 1993 - ED. 70

AU



José Goiana Leal

PE – HOTEL – 1988 - ED. 71

AU



Paulo Casé, Luiz Acioli

PE – COMPLEXO HOTELEIRO – 1995 – ED. 72



AU

Labanca Spodito Veloso Arquitetos

PE – CASA – 1995 - ED. 78



AU

Marco A. Gil Borsói, Tereza Simis

PE – CASA – 1997 - ED. 79



AU

Adriano Mello

PI – CASA – 1992 - ED. 67



AU

Oficina da Arquitetura Adriano Mello

PI – RES. MULTIFAMILIAR – 1997 - ED. 80



AU

Borsói Arquitetos Associados

RN – HOTEL – 1984 - ED. 72



AU

Carlos Ribeiro Dantas

RN – RES. MULTIFAMILIAR – 1991 – ED. 84